



Barbara Cristina Soares Pessanha Araripe.

**Pelos caminhos de Clara dos Anjos:
cartografia histórica e literária nos subúrbios de Lima Barreto.**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ensino de História (Mestrado Profissional Profhistória da PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Iamara da Silva Viana



Barbara Cristina Soares Pessanha Araripe.

**Pelos caminhos de Clara dos Anjos:
cartografia histórica e literária nos subúrbios de Lima Barreto.**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ensino de História (Mestrado Profissional Profhistória da PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Profa. Dra. Iamara da Silva Viana
Orientadora
PUC-Rio

Profa. Dra. Juçara da Silva Barbosa de Mello
PUC-Rio

Prof. Dr. Flávio dos Santos Gomes
UFRJ

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Barbara Cristina Soares Pessanha Araripe

Obteve o Bacharelado e a Licenciatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1998. Especialização em Mídias da Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2012.

Professora de História das redes privada e estadual de educação do Rio de Janeiro a partir de 1998.

Ficha Catalográfica

Araripe, Barbara Cristina Soares Pessanha

Pelos caminhos de clara dos anjos : cartografia histórica e literária nos subúrbios de Lima Barreto / Barbara Cristina Soares Pessanha Araripe ; orientadora: lamara da Silva Viana. – 2021.
120 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2021.
Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. Ensino de História. 3. Narrativa. 4. Lima Barreto. 5. Racismo. 6. História do lugar. I. Viana, lamara da Silva. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Dedico ao literato que me inspirou, o grande Lima Barreto e ao Patrono da Educação Brasileira e da minha escola, o grande pensador Paulo Freire.

“Me movo como educador, porque,
primeiro, me movo como gente”
Paulo Freire

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço aos seres de luz, Santos, Orixás, Deus, que me inspiraram e concederam força e dedicação para os meus estudos.

Ao meu companheiro de vida e profissão, Francisco Araripe, da graduação ao mestrado, compartilhamos a dor e a delícia do nosso ofício. Aos meus filhos, Pedro e Sofia Morena, espero que eu sirva de exemplo para a importância aos estudos. Aos meus pais, Roberval (in memoriam) e Heloisa Helena e minhas irmãs Benizia e Bianca que sempre estão ao meu lado.

Aos diretores, colegas de trabalho e alunos do Colégio Estadual Paulo Freire.

Aos meus colegas de turma do Mestrado Profissional em Ensino de História da PUC-Rio, de 2019, em especial aos Iamaros e o grupo da História do Ensino de História, que dividiram comigo a intensa experiência do mestrado, acompanhada da maior crise sanitária do século!

Aos meus professores e professoras de Curso pelo incrível aprendizado! Um agradecimento especial a minha professora e orientadora. Dra. Iamara da Silva Viana, pela disponibilidade, incentivo e carinho.

Aos professores que participaram gentilmente da minha banca de qualificação e defesa, Profa. Dra. Juçara da Silva Barbosa de Mello, Prof. Dr. Flávio dos Santos Gomes e Prof. Dr. Mário Ângelo Miranda, ao compartilhar seus conhecimentos e tempo no processo de construção do meu trabalho de pesquisa.

Agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, que me auxiliou com uma bolsa de estudos no período da pesquisa.

Deixo registrado aqui os meus sinceros agradecimentos a todos que participaram direta e indiretamente, para o desenvolvimento do meu trabalho de pesquisa, com palavras de incentivo, atenção nas possíveis dúvidas e angústias que se desenrolaram nesses anos de estudo e trabalho

Muito obrigada a todos e todas!

Resumo

Araripe, Barbara Cristina Soares Pessanha; Iamara da Silva Viana. **Pelos caminhos de Clara dos Anjos: cartografia histórica e literária nos subúrbios de Lima Barreto**. Rio de Janeiro, 2021. 120p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho apresenta pesquisa de mestrado vinculado ao programa ProfHistória pela PUC-Rio que analisou a importância do uso da literatura, em especial a de Lima Barreto e de seu romance “Clara dos Anjos”, no ensino de História. O trabalho defende a relevância do conceito da narrativa histórica no processo de consolidação do conhecimento histórico escolar. A pesquisa analisou e historicizou temas relevantes presentes no romance e em outras obras do autor citado, tais como a evolução urbana do Rio de Janeiro e seus subúrbios, o racismo e suas relações com a educação no Brasil, a organização do movimento negro, assim como as conquistas e propostas por uma educação antirracista no Brasil. Como resultado temos o desenvolvimento da proposta pedagógica que apresenta um mapa, com atividades voltadas ao ensino de história, a partir da cartografia histórica e literária pelas ruas dos subúrbios cariocas.

Palavras-chave

Ensino de História, História, Lima Barreto, Racismo, História do Lugar, Narrativa.

Abstract

Araripe, Barbara Cristina Soares Pessanha; Iamara da Silva Viana (Advisor). **Through the Paths of Clara dos Anjos: Historical and Literary Cartography in the Suburbs of Lima Barreto**. Rio de Janeiro, 2021. 120p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work presents a master's research linked to the ProffHistória program at PUC-Rio, which analyzed the importance of using literature, especially that of Lima Barreto and his novel “Clara dos Anjos”, in the teaching of history. The work defends the relevance of the concept of historical narrative in the process of consolidating school historical knowledge. The research analyzed and historicized relevant themes present in the novel and other works by the aforementioned author, such as the urban evolution of Rio de Janeiro and its suburbs, racism and its relationship with education in Brazil, the organization of the black movement, as well as the achievements and proposals for an anti-racist education in Brazil. As a result, we have the development of a pedagogical proposal that presents a map, with activities aimed at teaching history, based on historical and literary cartography through the streets of Rio's suburbs.

Keywords

History teaching; History; Lima Barreto; Racism; History of the place; Narrative.

Lista de Fotos

Foto 1	Casa da Rua Boa Vista, 76 – atual Rua: Elisa de Albuquerque	106
Foto 2	Atual casa no antigo endereço da Rua Boa Vista, atual Elisa de Albuquerque, 76	107
Foto 3	Casa da Rua Major Mascarenhas, 26, 42 – Vila Quilombo – Nesta rua o autor morou em mais de uma casa (1913-1918)	108
Foto 4	Casa da Rua Major Mascarenhas, 26, 42 – Vila Quilombo – Nesta rua o autor morou em mais de uma casa (1918-1922)	108
Foto 5	Atual condomínio construído no terreno das antigas casas da rua Major Mascarenhas, 26	109
Foto 6	Foto antiga da estação do Méier	111
Foto 7	Foto antiga da estação de Todos os santos	111
Foto 8	Foto antigo do bairro Engenho de dentro	112
Foto 9	Atual estação do Méier (I)	112
Foto 10	Foto atual da extinta estação de Todos os Santos	112
Foto 11	Atual estação do Engenho de Dentro	113
Foto 12	Praça do trem e adjacências (I)	113
Foto 13	Praça do trem e adjacências (II)	114
Foto 14	Praça do trem e adjacências (III)	114
Foto 15	Os Batutas (1919)	116
Foto 16	Tia Gessy	117
Foto 17	Pagode da Tia Gessy (I)	117
Foto 18	Roda de Samba – Pagode da Tia Gessy (II)	117
Foto 19	Roda de Samba – Pagode da Tia Gessy (III)	118
Foto 20	Pagode da Tia Gessy (IV)	118
Foto 21	Inauguração da Biblioteca Lima Barreto – Méier (1952) (I)	121
Foto 22	Irmãos de Lima Barreto na inauguração da biblioteca em sua homenagem - Méier (1952) (II)	122

Foto 23	Biblioteca Infantil Carlos Alberto	122
Foto 24	Biblioteca Escolar Lima Barreto (I)	123
Foto 25	Biblioteca escolar Lima Barreto (II)	123

Lista de Tabelas

Tabela 1	População residente e taxa de crescimento demográfico das freguesias do Rio de Janeiro (1890 – 1906)	50
Tabela 2	Taxa de analfabetismo ¹ e média de anos de estudo segundo cor ou raça, 1995-2001	78
Tabela 3	Taxas de escolarização líquida por cor ou raça, 1992-2001	79

Lista de Mapa e Gráficos

Mapa 1	Pelos caminhos de “Clara dos Anjos” de Lima Barreto	105
Gráfico 1	Conhecimento acerca do autor	101
Gráfico 2	Sobre o romance ou conto Clara dos Anjos	102
Gráfico 3	Sobre Lima Barreto no subúrbio	102
Gráfico 4	Sobre a negritude de Lima Barreto	102

Sumário

	Introdução	14
1	A potência da narrativa: um encontro da história e da literatura no ensino	23
1.1	A Narrativa Literária na História	23
1.2	A Narrativa Histórica e o Ensino de História	27
1.3	Lima Barreto, um escritor de múltiplas temporalidades	33
2	O Rio de Janeiro, entre o progresso e as permanências de uma cidade mestiça	44
2.1	Os Subúrbios Cariocas por Lima Barreto e suas historicidades	53
2.2	Os Distritos suburbanos e os Trens	55
2.3	O Lugar dos Subúrbios Cariocas em Lima Barreto	59
2.4	A Importância da História do Lugar no Ensino de História	62
3	O racismo que se estrutura	67
3.1	A Raça entra em Cena	69
3.2	A Importância da Educação – Mas, de que tipo?	74
3.3	Por uma Educação Antirracista	82
4	O sujeito e seu lugar	89
4.1	Por uma educação brasileira diversa	94
4.2	O Meu lugar no Ensino de História	97
4.3	Produto pedagógico	99
4.3.1	Cartografia histórica literária – os subúrbios cariocas de Clara dos Anjos e de Lima Barreto no ensino de história	99
4.3.2	Os pontos de referência do mapa – Região Grande Méier	105
4.3.3	Proposta pedagógico-curricular (I)	109
4.3.4	Proposta pedagógico-curricular (II)	114
4.3.5	Proposta pedagógico-curricular (III)	118
4.3.6	Proposta pedagógico-curricular (IV)	124

Conclusão 126

Referências bibliográficas 131

Introdução

Houve um tempo, senhora, há muito já passado...
São boas essas recordações; elas têm um perfume de saudade e fazem com que sintamos a eternidade do tempo.
Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na alma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo lembrar, porém, traz sempre prazer.¹

O trecho acima é de uma crônica de Lima Barreto, publicada na Gazeta da Tarde, em 04.05.1911, cujo título é *Maió*. Um mês muito especial para o autor, o seu nascimento, o dia 13 de maio de 1888, que oficializou a abolição da escravidão no Brasil. Na crônica saudosista, ele remonta lembranças tristes e alegres de sua vida e do seu contexto histórico. Escolhi o trecho para iniciar o meu trabalho por abordar um tema tão relevante para o ensino de história, o tempo, conceito decisivo para os historiadores, assim como para a obra e trajetória do referido autor.

Afonso Henriques de Lima Barreto foi um autor que viveu no Rio de Janeiro, entre 13 de maio de 1881 e 01 de novembro de 1922. Seus trabalhos literários possuem características marcantes, como a denúncia do preconceito racial e a difícil inserção de negros e negras na sociedade brasileira do seu tempo. Os escritos do autor nos possibilitam um maior conhecimento sobre a capital do Brasil que se transformava de maneira galopante, entre as décadas de 1910 e 1920. Como afirma Beatriz Resende sobre a relação do escritor e a cidade do seu tempo:

Tudo isso é cenário, espaço de circulação dos personagens de Lima Barreto em seus romances, do centro da cidade de *Isaías Caminha* ao subúrbio quase zona agrária de *Clara dos Anjos*. Neles estão o palacete em Botafogo do político corrupto de *Numa e ninfa*, o hospício na Praia da Saudade, em frente ao mar da Urca, onde *Policarpo Quaresma* é recolhido. Em *Vida e Morte* de M.J. Gonzaga de Sá a cidade é mais que cenário, é personagem principal que vê o passado colonial ser destruído para que a submissão à metrópole seja para sempre esquecida e não se lembre de que o Brasil foi colônia nem que teve, por tanto tempo, escravos.²

Ao iniciar minha carreira como docente sempre reforçava aos meus alunos que a história não estuda exclusivamente o passado, mas o tempo e seus cenários, de que forma o tempo age nas pessoas, nos lugares, nas sociedades que se

¹ RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto – Cronista do Rio*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 30.

² RESENDE, 2017, p. 18.

transformam. Assim, esses elementos não são estáticos e um dos objetivos da disciplina história é fazer perguntas para entender melhor esse tempo e outros mais distantes, nos seus respectivos lugares.

O lamento de Lima Barreto com o tempo, infalível e inflexível, que não poupa ninguém, também continua atordoando nosso cotidiano; porém, diferente do autor, não acredito que o tempo só nos ceife, nos retire sonhos, projetos, aspirações. No longo tempo que estou como professora de história, leciono desde 1996, esse período trouxe-me tantas experiências pessoais e profissionais importantes para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa. Acredito que devemos ser tolerantes e pacientes com o tempo, no meu caso, isso foi decisivo para eu escrever esta dissertação e possivelmente concluir meu projeto de mestrado.

Minha relação mais próxima e profissional com o tempo e com a História começou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Em 1993 ingressei na graduação do campus Maracanã, fui o primeiro membro da família, tanto do lado paterno quanto materno a ingressar na universidade e meus pais não possuem nem o fundamental completo. Por isso, o mundo acadêmico era algo novo, desconhecido, e ao mesmo tempo cheio de expectativas, dúvidas, amizades, diversão e estudo.

A minha formação acadêmica nunca foi uma atividade exclusiva, praticamente o cursei todo no período noturno, pois trabalhava o dia inteiro num escritório de contabilidade. Até 1996, conciliei as leituras do curso com o lançamento de notas fiscais no livro caixa. A História, seus conceitos e autores ocupavam muito do meu tempo, mas por conta de ter feito a faculdade trabalhando e numa função tão diferente do que eu estudava, a minha formação apresentava lacunas, em especial no campo da pesquisa, inclusive não cheguei a participar de nenhum programa de iniciação científica, limitando minha percepção sobre as possibilidades no ofício de historiadora.

A partir das minhas experiências, as perspectivas de atuação no campo de atuação da graduação se atrelavam ao magistério. Ainda cursando, resolvi abandonar a contabilidade e dedicar-me à História e fui procurar emprego em escolas. Comecei no magistério, na rede privada, em escolas pequenas na cidade que residia, Duque de Caxias, e no mesmo ano que me formei, em 1998, passei para a minha primeira matrícula pública, na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC- RJ), onde ingressei num segundo concurso em 1999. A

preocupação com o trabalho e a garantia de renda, de alguma forma razoavelmente se estabeleceu com os empregos públicos.

Com o término da graduação, entendi a importância de continuar estudando e de ampliar meus conhecimentos históricos como professora-pesquisadora. Iniciei no ano seguinte, 1999, uma especialização em História do Brasil, na Universidade Federal Fluminense (UFF) e tinha a pretensão de logo em seguida, iniciar o mestrado. Mas, o tempo e seus imprevistos alteraram os rumos deste projeto, acabei engravidando e casando. Muitas mulheres mães mantêm seus planos de estudos, no entanto, preferi esperar e após uns 20 anos, com uma longa e consolidada carreira como professora de História, atuando nas redes pública e privada, retomei o projeto consumado neste trabalho. O tempo...

Diante desta apresentação pessoal, vamos analisar a escolha do tema e do próprio Programa de Mestrado. Como relatei, minhas experiências profissionais estão intrinsicamente ligadas ao espaço escolar. Em 2016, ano que resolvi fazer o mestrado, fiz as provas e ingressei para os programas da UERJ, em História Política e também no da UFF, em História Social. Escolhi cursar o da UERJ, afinal lá é e sempre será um lugar especial para mim, a minha casa acadêmica. Infelizmente, após a qualificação desisti da minha dissertação, não foi fácil, sentimento de frustração, de covardia, mas com o tempo percebi a importância do tema para um pesquisador e dele acreditar na sua relevância.

A escolha das questões e temas desta dissertação contempla a minha trajetória pessoal e profissional. Entendi, que o mesmo deve ter significado e sentido, por isso ao ingressar no ProfHistória pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), na turma de 2019, já tinha definido os critérios do que pesquisar e de que maneira a minha trajetória docente poderia se aprimorar e embasar meus escritos. Assim, a decisão final pela escolha se estabeleceu após a leitura da biografia de Lima Barreto e diante de tão diversificada obra, me envolvi mais profundamente com o romance *Clara dos Anjos*.³

A decisão pelo romance está intimamente ligada as minhas vivências, como professora, mulher, negra e moradora do subúrbio carioca, o enredo do livro de Lima Barreto, quase que completamente se passa nas ruas, trilhos, bibocas do

³ O romance foi publicado postumamente, em 1948, mas desde o início de sua carreira, temos escritos no seu diário sobre o enredo, com diversas versões, a primeira foi como conto, publicada em 1920.

subúrbio, em especial no Méier, bairro que resido. A personagem principal, Clara, é uma menina negra, como tantas alunas da escola pública que leciono, no Cachambi, sofreu racismo por engravidar de um homem branco, e se viu grávida e abandonada, como muitas meninas negras da contemporaneidade.

Além desses elementos tão próximos, considero que o autor e sua obra se estabelecem como uma importante fonte para o ensino de história, onde a literatura e sua maior subjetividade pode possibilitar um conhecimento histórico com maior sentido e significado, ao permitir que os alunos desenvolvam uma maior consciência sobre as múltiplas historicidades presentes no seu bairro, na sua cidade e nas relações sociais aqui estabelecidas.

A minha pesquisa pretende refletir sobre as relações que podem ser estabelecidas entre o ensino de história e a literatura, com destaque para os escritos de Lima Barreto, com destaque para um dos seus principais romances, *Clara dos Anjos*, livro importante ao abordar temáticas relevantes como o racismo, as condições de vida das mulheres e a apresentação de parte da cidade do Rio de Janeiro, para além do cartão postal, dos boulevards, dos palacetes, os subúrbios cariocas e suas pessoas, no início do século XX.

No projeto de pesquisa inicial, a proposta pedagógica baseava-se na análise de oficinas de leitura, promovendo um possível encontro da literatura e do ensino de história, no Colégio Estadual Paulo Freire, situado no bairro do Cachambi, tendo como referência o contexto do século XXI. O eixo teria como base o conto e o romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, como elemento fomentador do diálogo da personagem principal – Clara dos Anjos –, uma menina negra suburbana ficcional, da obra barreteana, com meninas negras da citada unidade escolar, acerca de temas significativos nesta obra, como o racismo e a vida no subúrbio do Rio de Janeiro.

No decorrer de 2020 tivemos a eclosão da pandemia de Covid-19 e o fechamento das escolas por conta deste imprevisto prolongado, a proposta pedagógica se alterou, pois não havia possibilidade de se organizar as oficinas, nem presenciais, nem virtuais. Diante desse cenário limitador e atípico a pesquisa manteve seus temas, objetivos e parte dos pressupostos teóricos, mas alterou o seu produto pedagógico, que inicialmente seria a análise das oficinas citadas, pela produção de um mapa, e o desenvolvimento da cartografia histórica e literária voltada para o ensino de história.

A dissertação e o produto pedagógico desenvolvido pretendem contribuir para um maior diálogo entre o campo do ensino de história e a literatura, assim como promover maior compreensão sobre as múltiplas historicidades presentes no romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto e as experiências compartilhadas pelos discentes, em especial as meninas negras, das escolas dos subúrbios cariocas. Refletindo sobre continuidades ou possíveis rupturas do racismo cotidiano da nossa sociedade, em especial no âmbito escolar, de acordo com as suas respectivas historicidades, no intuito de desenvolver uma educação antirracista.

Através de discussões e reflexões com minha orientadora – Iamara da Silva Viana – organizei o presente trabalho em quatro capítulos. O capítulo 1 – “Potência narrativa: um encontro da história e da literatura no ensino” – analisa o uso da narrativa literária na história e defende uma maior estreiteza epistemológica entre a literatura e a história com o reforço do conceito do sujeito. A narrativa no ensino de história se estabelece como uma importante chave conceitual por possibilitar aos educandos a possibilidade de apreender um outro tempo, através do fortalecimento do sujeito na história, ao pretender um conhecimento histórico com maior sentido e significado no espaço escolar, que na proposta me utilizo da trajetória pessoal e literária de Lima Barreto e de seus personagens.

A análise sobre a relação entre história e literatura utilizei como suporte teórico os conceitos defendidos por Durval Muniz Albuquerque Junior⁴ e Pesavento,⁵ e ao refletir sobre a retomada da narrativa e sua crescente importância na historiografia e no ensino de história, destaco os trabalhos de Peter Burke⁶ e Jörn Rüsen.⁷ Na condução de apresentar Lima Barreto, vida pessoal e profissional, utilizei-me dos escritos de Antonio Prado Arnoni,⁸ Nicolau Sevcenko⁹ e Lília M. Schwarcz.¹⁰

⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR., Durval M. *História: a arte de inventar o passado: Ensaio de teoria da história*. Bauru: Edusc, 2007.

⁵ PESAVENTO, S. J. História & Literatura. Uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevo*, Debates, posto online no dia 28 janeiro 2006. DOI: 10.4000/nuevomundo.1560. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso: 20 jun. 2019.

⁶ BURKE, Peter (org.). *A escrita da História – Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

⁷ RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Ed. UnB, 2001

⁸ PRADO, Antonio A. *Literatura comentada: Lima Barreto*. São Paulo: Abril, 1980.

⁹ SEVCENKO, N. *Literatura como missão – Tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁰ SCHWARCZ, Líli M. *Lima Barreto: um triste visionário*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

No capítulo 2 – “O Rio de Janeiro, entre o progresso e as permanências de uma cidade mestiça” –, abordo historicamente a cidade no período da escrita de Lima Barreto, as primeiras décadas do século XX. A partir da historiografia analiso as profundas mudanças que a cidade experimentava pautada no discurso do progresso e da modernidade, muito criticada pelo literato, da consolidação da nova capital republicana reformada sob os auspícios da civilização branca europeia e das permanências da cidade colonial, preta, mestiça e pobre que se expande rumo aos seus subúrbios, seguindo a expansão da malha ferroviária e do crescimento demográfico. A importância de historicizar o Rio de Janeiro e os subúrbios se interliga com a proposta de um ensino de história mais significativo, estabelecendo uma maior apropriação sobre a história do seu lugar, de moradia, de estudo, de diversão.

No processo de conceituação e caracterização das transformações políticas, estruturais e sociais que a cidade do Rio de Janeiro vivenciou na virada do século XIX para o XX, deixando de ser o espaço da Corte e se consolidando como a capital da jovem república proclamada utilizei-me principalmente dos seguintes autores, Nicolau Sevcenko, José Murilo de Carvalho,¹¹ Sidney Chaloub,¹² André Azevedo¹³ e o próprio Lima Barreto.

Sobre a evolução urbana da cidade, no período e formação do conceito de subúrbio, como periferia no Rio de Janeiro, baseei-me no arcabouço teórico e metodológico proposto por Maurício Abreu¹⁴ e Nelson Fernandes.¹⁵ Finalizo o presente capítulo abordando a relevância do lugar, dos subúrbios cariocas na obra de Lima Barreto e para o ensino de história utilizando a metodologia de pesquisa proposto por Joaquim Justino dos Santos.¹⁶

¹¹ CARVALHO, José M. *Os Bestializados: a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

¹² CHALHOUB, Sidney *Cidade Febril – Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo. Cia das Letras. 1996.

¹³ AZEVEDO, André N. *Da Monarquia à República. Um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906*. 2003. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

¹⁴ ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2006.

¹⁵ FERNANDES, Nelson da N. *O rapto ideológico da categoria subúrbio – Rio de Janeiro 1858/1945*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

¹⁶ SANTOS, Joaquim J. M. dos. *História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas do nível médio e fundamental*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 9, n. 1, p. 105-124 jan./abr. 2002.

O capítulo 3 – “O Racismo se estrutura” pretende através da literatura militante¹⁷ de Lima Barreto e da historiografia refletir sobre a temática e analisar origens, marcas estruturais do racismo no Brasil a partir do século XX e as suas possíveis permanências na nossa atual sociedade, em especial no campo da educação. Um dos objetivos nesta parte do trabalho é desnaturalizar uma palavra, um conceito tão presente no nosso cotidiano. Assim, considero que a problematização do racismo estrutural e cotidiano que nos assola, pode possibilitar práticas que nos permita romper com o mesmo, destacando o sistema público educacional, que desde suas origens institucionais se caracterizou pela valorização dos saberes da cultura europeia e branca, em detrimento dos conhecimentos africanos e indígenas.

As questões raciais e o racismo que se fortalecem no Brasil do século XIX, e no desenrolar do XX foi analisado, a partir dos estudos de Silvio Almeida¹⁸ e Lília M. Schwarcz.¹⁹ Com o apoio teórico de Flávio Gomes, Petrônio Domingues, o terceiro capítulo reflete as relações estabelecidas nos espaços políticos e representativos de negras e negros no pós-abolição e suas propostas sobre o ensino. Com os escritos de Jerry Dávila²⁰ analiso a estruturação de um sistema educacional público, nas primeiras décadas do século XX, voltado para a estruturação de um ensino, onde os saberes africanos e indígenas são desvalorizados e o racismo se impõe, relacionando com possíveis permanências do mesmo no atual cenário social da sociedade brasileira, embasado em dados do IPEA²¹ e do IBGE²² e de pesquisas acadêmicas como a de Nilma Lino Gomes.²³ Finalizo o capítulo com a apresentação de ações governamentais, do movimento negro e do mundo acadêmico com a proposição de ações antirracistas.

No capítulo 4 – “O sujeito e o seu lugar” –, reitero a importância de uma educação, em especial um ensino de história engajado, preocupado com a formação e a participação dos sujeitos no processo de aprendizagem, onde os múltiplos saberes, formais e não formais, possam se sentir representados no espaço escolar,

¹⁷ PRADO, 1980.

¹⁸ ALMEIDA, Sílvia. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento 2018.

¹⁹ SCHWARCZ, Lília M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

²⁰ DÁVILA, Jerry. *Diploma de branquira: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. Tradução de Cláudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

²¹ IPEA, 2002.

²² IBGE, 1992-2001.

²³ GOMES, Nilma L. Educação, Raça e Gênero. *Cadernos pagu*, n.6-7, p. 67-82, 1996.

onde a disciplina, história, possibilite uma maior consciência crítica e um efetivo sentimento de pertencimento por parte dos alunos nesse processo.

Apropriando-se dos procedimentos metodológicos de Grada Kilomba²⁴ e Lélia Gonzalez²⁵ destaco a prevalência do sujeito na condução da pesquisa, em especial nas discussões sobre o reconhecimento do racismo latente da sociedade brasileira, assim como na sua superação, opondo-se à constante naturalização e ocultamento, inclusive nas escolas. No desenvolvimento do capítulo discuto, a partir dos trabalhos de bell Hooks²⁶ e Cerri²⁷ possibilidades de se construir uma educação significativa, democrática e antirracista.

Neste último capítulo finalizo a minha dissertação com a apresentação de meu produto pedagógico, isto é, a proposta que contemple ações no campo educacional coadunados com a pesquisa desenvolvida, a partir de um mapa desenvolvido por mim. Com o apoio técnico de um geógrafo²⁸, elaborei uma Cartografia histórica literária, embasada nos escritos de Lima Barreto, com maior destaque para o romance *Clara dos Anjos*.

A proposta pedagógica inicialmente aponta o aprofundamento dos saberes, tanto dos docentes quanto os discentes, acerca do próprio Lima Barreto. A partir do mapa, a sugestão é literalmente caminhar por parte dos escritos do autor e pelos lugares por ele apresentados nos seus textos, mas por múltiplas temporalidades. O trabalho se inicia com a literatura e imagens do período vivido por “Clara” e o próprio autor, mas recomenda o diálogo com o presente, a partir da percepção sobre possíveis continuidades ou rupturas na região do grande Méier, área geográfica principal do romance, por entre os bairros do Méier, Del Castilho, Cachambi e Todos os Santos.

A cartografia histórica e literária se estrutura a partir de 4 (quatro) pontos de referência. O primeiro relaciona-se com as casas e ruas que Lima Barreto morou no bairro de Todos os Santos, a segunda referência remete às estações dos trens, Méier, Todos os Santos e Engenho de Dentro, o terceiro ponto apresenta o baile, instituição

²⁴ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

²⁵ GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. *Revista Ciências Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.

²⁶ HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

²⁷ CERRI, Luís. F. *Ensino de História e consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

²⁸ Geógrafo: Akel da Silva Saliba.

considerada essencialmente suburbana para o autor e finalizamos o trabalho com o mapa abordando a relação do autor com o saber, representado na biblioteca. Todas as referências da cartografia partem de um trecho do romance e de imagens do período do escritor, coadunadas com fotos atuais e referências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). As atividades pedagógicas propostas no material pretendem promover esse possível encontro entre ensino de história, literatura e temporalidades múltiplas.

1

A potência da narrativa: um encontro da história e da literatura no ensino

1.1 A Narrativa Literária na História

A relação entre a História e a Literatura pode ser muito profícua no processo de significância no ensino de história, em que a importância do vivido, do testemunhado, do familiar se destacam como elementos essenciais no processo do conhecimento, no qual estes distintos campos epistemológicos podem ser integrados no processo de construção da área do ensino de história.

Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior, no seu texto intitulado *A Hora da Estrela: A relação entre a história e a literatura, uma questão de gênero?*,²⁹ deve ser melhor refletido e ressaltado que o objetivo do seu “texto não será separar a história da literatura, não será encontrar seus limites e fronteiras, mas articulá-las, pensar uma com a outra”.³⁰ Consolidar um possível encontro entre essas áreas de conhecimento, que desde a sua origem estiveram tão próximas e que no campo do ensino de história podem se estabelecer como relevantes instrumentos teóricos e pedagógicos.

A História e a literatura, ainda na Grécia antiga, se entrelaçaram e disputaram espaços nas construções narrativas daquela historicidade. Enquanto a primeira se preocupou com o real, com a verdade e o que pode ser visto e testemunhado. A literatura nunca se afastou e se opôs às lendas e mitos, aliás os consolidou como ferramentas necessárias para o entendimento desta sociedade.

A História desenvolveu uma narrativa onde o concreto e o comprovável no tempo e lugar analisado definiria o que seria contado e registrado, afastando-se do que não era claro, abandonando as “sombra, como os sentimentos, sensações”.³¹ A disciplina História foi se afastando cada vez mais das ações humanas *encarnadas*, especialmente no século XIX, quando esta se sistematiza e institui seus pressupostos metodológicos, identificados com o racionalismo e cientificismo do

²⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007.

³⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR *Op. Cit.*, 2007, p. 3.

³¹ ALBUQUERQUE JUNIOR *Op. Cit.*, 2007, p. 5.

período, em que os sujeitos históricos foram apagados pelos processos e a marcha inexorável do tempo, no processo de evolução conduziria as sociedades.³²

Uma maior estreiteza epistemológica, entre os campos da História e da Literatura, sem esquecer que são áreas de conhecimento distintas, pode conceder relevantes subsídios teóricos para a operação historiográfica, dotando-a de uma maior preocupação em abordar temas, os quais a literatura nunca abandonou como, por exemplo, os sentimentos humanos.

A construção desta relação mais estreita, que Albuquerque Junior propõe e defende entre a literatura e a história, não o impediu de abordar as dificuldades e obstáculos a serem suplantados, e isto por conta das suas especificidades, construídas nas suas múltiplas temporalidades enquanto áreas de conhecimento. Diante deste cenário de distanciamento conceitual e estrutural, o texto compara a literatura e a história, com os gêneros feminino e masculino, dentro da lógica ocidental. Ainda para Albuquerque Junior, a história seria o masculino, o homem, enquanto que a literatura seria o feminino, a mulher, como afirma:

A história seria discurso que fala em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista. A literatura estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência, com a prevalência do intuitivo, do epifânico. Só com a literatura ainda se pode chorar. A história masculinamente escavaria os mistérios do mundo exterior, iria para a rua ver o que se passa, a literatura, ficaria em casa, perscrutando a vida íntima, o mundo interior, femininamente preocupando-se com a alma, um mundo informe que está próximo do inumano.³³

Para o autor, as marcas da literatura e da história são pautadas por diferenças ontogênicas, que se desenvolveram desde a sua origem. Ele ainda compara características do mundo feminino e do mundo masculino, no Ocidente, ao comparar as distintas áreas de conhecimento. Ressalta suas especificidades, como a prevalência do íntimo na literatura e do externo na história. Mas, entendendo que na área do ensino de história, no encontro das disciplinas, há possibilidade da harmonia, das trocas, como um casal que busca o diálogo e não o domínio de um sobre o outro.

³²ALBUQUERQUE JUNIOR *Op. Cit.*, 2007, p. 7.

³³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 7-8.

Na literatura, os personagens choram, se emocionam, expressando os muitos sentidos e significados das pessoas e da sociedade ali construída, o mesmo pode se estabelecer com a narrativa histórica, quando a tornamos mais próxima (e significativa) para quem dela se apropria e constrói esse conhecimento.

A partir dos pressupostos metodológicos da literatura, a narrativa se constrói com personagens ficcionais, construídos pelo autor com características, desejos, marcas de como poderia ter sido aquela temporalidade. Por meio destas reflexões temos na personagem “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto, e sua representação na obra, possibilidades de vida de uma menina negra criada no subúrbio que compõe o cenário, a partir dos elementos que o autor percebia como inerentes a sua sociedade. A compreensão desta realidade se dá por meio da representação construída na narrativa de um escritor que viveu aquela atmosfera, e que em seu romance desenvolveu uma história, onde muitas questões e problemas da sociedade do seu tempo são descritos, analisados, tornando-se uma importante fonte para os pesquisadores da contemporaneidade.

Para os historiadores, os autores literários, como Lima Barreto, podem fornecer pistas sobre essa outra temporalidade, mesmo que a narrativa literária não se paute exclusivamente no acontecido. A preocupação acerca do lugar e do tempo, da comprovação das pessoas envolvidas fica para o pesquisador, que assim como um escritor de ficção, também pretende contar/narrar uma história, em especial na sala de aula. Por estes motivos, percebo que os textos literários podem ser uma importante fonte para as pesquisas na área do ensino desta disciplina. Como afirma Pesavento:

Clío se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir. História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música.³⁴

A importância da narrativa se destaca como uma necessidade das sociedades humanas, a de se expressar de diferentes formas, com distintos conteúdos, em múltiplas temporalidades. A sua relevância, tendo a realidade como um norteador,

³⁴ PESAVENTO, 2006, p. 3.

se apresenta na história, assim como na literatura, mas com suas especificidades teóricas e metodológicas.

Enquanto a história busca elementos que reconstruam uma realidade, ou o mais próximo dela, do que um dia aconteceu, a literatura constrói uma narrativa, a partir de uma realidade, mas não comprometida com os indícios do real, e sim do que poderia ter sido. Áreas de conhecimento que se encontram, diante das questões que tentam responder sobre a sociedade analisada em um determinado tempo.

As distintas formas de retratar o real, não deve levar a uma possível hierarquização de superioridade ou inferioridade entre os campos epistemológicos. Cada uma das áreas, possui a realidade como um fator estrutural, parte integrante da sua narrativa e do processo constitutivo.

No desenvolvimento do conhecimento histórico, a relação com a literatura se estabelece a partir das questões levantadas pelos historiadores, onde esta é acionada como fonte. Se a história perguntar, a literatura pode nos responder sobre uma outra historicidade, nos indicar rastros e pistas de um outro tempo histórico, importante atentar para o fato de que a narrativa histórica e a literária possuem suas relativas especificidades no que tange a realidade. Como afirma Pesavento:

A recorrência do 'uso' de um campo pelo outro é, pois, possível, a partir de uma postura epistemológica que confronta as tais narrativas, aproximando-as num mesmo patamar. Mas, que leva em conta a existência de um diferencial. Historiadores trabalham com as tais marcas de historicidade e desejam chegar lá. Logo, freqüentam arquivos e arrecadam fontes, se valem de um método de análise e pesquisa, na busca de proximidade com o real acontecido. Escritores de literatura não tem este compromisso com o resgate das marcas de veracidade que funcionam como provas de que algo deva ter existido. Mas, em princípio, o texto literário precisa, ele também, ser convincente e articulado, estabelecendo uma coerência e dando impressão de verdade.³⁵

A riqueza do texto literário possibilita ao campo da história e do ensino, se inteirar com um universo imaginário e das sensibilidades que integram a sua área, e que provavelmente, outras fontes não lhe dariam. Afastando-se das chamadas marcas da veracidade, os autores literários expressam suas impressões, valores, mitos, poesia do seu tempo. Como Lima Barreto que construiu uma obra onde os seus sentimentos e de sua época aparecem narrados em múltiplos personagens.

³⁵ PESAVENTO, 2006, p. 8.

1.2 A Narrativa Histórica e o Ensino de História

No século XX, especialmente na sua segunda metade, o saber historiográfico caracterizou-se pelo retorno da narrativa e da reincorporação da ação dos sujeitos históricos ao desenvolver chaves explicativas, onde a preocupação com as complexas e diversificadas sociedades no tempo, levando homens e mulheres – enquanto agentes históricos – a ter maior presença nos estudos e pesquisas no campo da história.

Muitos historiadores refletiram acerca desta temática, como Peter Burke, que ao analisar o retorno da narrativa, cita a obra inaugural deste tema, o artigo de Lawrence Stone intitulado *The Revival of Narrative*. Nesta obra, Burke destaca que muitos trabalhos historiográficos do final da década 80 do século XX, assumem a narrativa na história como característica da sua produção.³⁶

Considero relevante destacar nesta análise realizada por Burke, a crítica sobre a trincheira entre os chamados seguidores de uma história que defende a narrativa e os estruturalistas que se opõem, ao considerar que os argumentos de ambos os lados, possuem lados positivos e negativos. “Esta prolongada guerra de trincheiras entre historiadores narrativos e os estruturais foi longe demais. Alguma ideia de preço do conflito, a perda do entendimento histórico potencial que ele envolve”.³⁷

Como em qualquer área de conhecimento, a preocupação com o entendimento do campo epistemológico também deve ser priorizada na história, tornando esses saberes compreensíveis não só para os profissionais da área, como para todas os propósitos da sociedade que demandam por explicações da historiografia, em especial no campo do ensino. A retomada da narrativa, que se diferencia daquela escrita predominante da história do século XIX, onde os acontecimentos, em especial a história das instituições e das lideranças políticas destacavam o retorno da narrativa.

A narrativa se regenera, na visão de Peter Burke, ao defender que as suas novas práticas, se preocupam em refletir a conjuntura, a cultura daquela sociedade analisada, e não somente descrever os acontecimentos. Dentro deste processo de

³⁶ BURKE, 1991, p. 329.

³⁷ BURKE, 1991, p. 331.

retomada dos procedimentos metodológicos da narrativa na história, que se consolidou na virada do século XX-XXI, há uma maior presença do sujeito histórico, com a história encarnada por pessoas nas diferentes sociedades no tempo. A presença da crescente subjetividade na disciplina, também promoveu no campo teórico, discussões e críticas temerosas com as metodologias e o declínio da objetividade na história.³⁸

A discussão entre a objetividade e subjetividade na produção historiográfica, ao promover uma análise da história-ciência, em especial no século XIX quando ela surge, pressupõe a construção de um passado revelado pelas fontes. Com destaque para os fatos, subsídios do status científico do conhecimento histórico, produzido pelo historiador que também se profissionaliza, um ofício embasado em métodos e em busca da maior imparcialidade e objetividade.

A história-ciência, no decorrer da primeira metade do século XX defende novos paradigmas teóricos, como a escola dos Annales, o marxismo, que criticam a predominância dos fatos, a autonomia das fontes e a narrativa histórica. As citadas correntes historiográficas consolidam uma escrita da história, marcada pelas análises estruturais, globalizantes. Nesse período, na produção historiográfica, o sujeito, o singular das sociedades pesquisadas apresentam uma menor representatividade.

Considero a análise do historiador Durval de Albuquerque Junior sobre a discussão acerca do uso da narrativa no campo epistemológico da história, acompanhada sobre a objetividade e a subjetividade, um importante arcabouço teórico para a minha pesquisa. O autor defende que essa dicotomia moderna, onde a história e os historiadores deveriam escolher um dos lados, poderia ser resolvido ao adotar uma postura metodológica que se amparasse na relação entre essas margens. A história e os historiadores não podem se pautar em apenas um dos lados da realidade, do objeto ou do sujeito, dos sentimentos, entre outros. A história deve buscar as relações estabelecidas entre esses dois polos, numa terceira margem.³⁹ Sobre essa discussão o autor defende:

Não há evento histórico que não seja produto de dadas relações sociais, de tensões, conflitos e alianças em torno do exercício de poder, de dada forma de organização da sociedade, produto de práticas e atitudes

³⁸ BURKE, 1991, p. 346-347.

³⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 26.

humanas, individuais e coletivas. Estas práticas nunca podem ser reduzidas a um dado aspecto da realidade, nunca uma prática econômica pode ser desligada de um conteúdo político ou deixa de carregar concepções filosóficas, políticas, uma simbologia, representações acerca do que seja o preço justo, o salário adequado, o lucro devido. Todo evento histórico é cultural e simbólico e precisa de alguma forma de linguagem ou de simbologia para acontecer, para estabelecer os laços de comunicação entre os homens, sem os quais não haveria economia, política ou sociedade, nem mesmo objeto ou sujeito.⁴⁰

Partindo do pressuposto teórico que defende um maior significado e sentido para as temáticas e saberes prementes no espaço escolar, considero relevante a crescente representatividade dos discentes, incorporando a subjetividade, presente nos sentimentos e nas experiências dos alunos, tendo a literatura a função de elemento propulsor das aulas. Alguns autores, ao analisar a obra de Lima Barreto, destacam a marca testemunhal de um outro tempo nos seus textos, o que provavelmente contribuiu na sua apropriação como fonte histórica da cidade do Rio de Janeiro, em especial sobre as sociabilidades dos homens e mulheres pobres e negras.⁴¹

O destaque para a importância da narrativa histórica, no ensino escolar, também se explicita nos trabalhos de Jörn Rusen, que a entende “como principal competência humana de produção de sentido, onde reúne quatro habilidades mentais, que podem assim ser elencadas: experimentar o passado; interpretar a mudança; orientar-se e motivar-se a agir diante da mudança”.⁴²

Como um importante instrumental teórico, a narrativa histórica se destaca no desenvolvimento prático para o ensino de história, ao possibilitar a produção de sentido para pensar historicamente, ao significar as ações humanas no tempo, compreender as transformações, perceber possíveis marcas de outras temporalidades e fortalecer a compreensão e o respeito ao diferente.

Para Rösen, narrar é “um procedimento mental que articula a interpretação do passado com um entendimento presente e as expectativas do futuro”.⁴³ O destaque do uso da narrativa em seus trabalhos ressalta a sua preocupação em refletir sobre a orientação dos homens e das mulheres no tempo, mediante o

⁴⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR *Op. Cit*, 2007, p. 27.

⁴¹ SCHAWARCZ, 2017, p. 64.

⁴² RÜSEN, 2001, p. 174.

⁴³ RÜSEN, 2001, p. 50.

pensamento histórico, como uma das operações necessárias para a constituição de sentido dessa experiência temporal.

Numa aula de história, o passado se apresenta como um dos principais conceitos, onde a reflexão sobre outros tempos e suas especificidades representa um importante eixo na narrativa histórica. Diferente daquela história dos eventos que relatava os grandes fatos, como apresentamos acima, a disciplina pretende promover uma percepção de sentido aos muitos tempos narrados por ela.

Partindo do pressuposto defendido por Rüsen,⁴⁴ a narrativa histórica possibilita no processo de aprendizagem o desenvolvimento de habilidades necessárias para a reflexão sobre as transformações que as sociedades passaram e passam, com suas especificidades, tanto no passado quanto no presente, destacando a ação dos múltiplos sujeitos na história.

A apreensão do passado e o processo de construção do conhecimento histórico não se efetiva exclusivamente nos espaços formais de saber, como as universidades e escolas, outras esferas sociais, culturais, como no caso da minha pesquisa, a literatura também constitui essa experiência com o tempo. Rüsen ressalta que a história, enquanto ciência, deve ter seus fundamentos pautados nas questões da vida prática e defende a existência de uma consciência histórica. Como afirma:

São as situações genéricas e elementares de vida prática dos homens (experiências e interpretações do tempo) que constituem o que conhecemos como consciência histórica. Elas são fenômenos comuns ao pensamento histórico tanto no modo científico quanto em geral, tal como operado por todo e qualquer homem e geram determinados resultados cognitivos. Esses pontos em comum têm de ser investigados como genéricos e elementares, isto é, como processos fundamentais e característicos do pensamento histórico.⁴⁵

Considero que a literatura de Lima Barreto pode ser entendida e analisada como um desses elementos constituintes do cotidiano, que nos informa sobre um outro tempo do Rio de Janeiro e de seu subúrbio, o do início do século XX. Ao se apropriar desses lugares, desses personagens, das relações estabelecidas nos romances, crônicas e contos do autor, os discentes vivenciam distintas experiências

⁴⁴ RÜSEN, 2001.

⁴⁵ RÜSEN, 2001, p. 54.

de tempo que podem possibilitar o seu processo de orientação de interagir no seu tempo.

Acredito que a narrativa, tanto literária quanto a histórica, no campo do ensino de história, é uma potente chave conceitual ao possibilitar um maior sentido e significado da vida social, política e cultural no espaço da sala de aula, onde a subjetividade do autor/professor e dos alunos por muitas vezes se vê representada naqueles saberes (construídos e compartilhados) no processo de construção do conhecimento histórico escolar.

A retomada ou a regeneração da narrativa na História, para Rüsen se destaca, pois o autor considera-a como uma das operações da consciência histórica, que se estabelece, a partir da trajetória das lembranças que permitem a experiência do tempo, onde o passado vai ser indagado por questões do presente. Para a constituição da consciência histórica, requer uma correlação expressa do presente com o passado, ou seja, uma atividade intelectual que pode ser identificada e descrita como narrativa (histórica).⁴⁶

A narrativa induz a memória que possibilita maior sentido das mudanças temporais experimentadas pelo presente, a ligação entre o passado e futuro se estrutura no presente por meio da narrativa histórica ao desenvolver na sua operação metodológica que são elementos que representam continuidades nas três esferas do tempo. Esse elo entre passado, presente e futuro para Rüsen é determinado pela consciência histórica, por meio da interpretação do passado, entendimento do presente e expectativa do futuro.⁴⁷

A ideia de continuidade inerente à narrativa histórica permite aos homens e mulheres se entenderem interligados, partilharem experiências no fluxo do tempo; dessa forma, constituir uma identidade num determinado local, lugar. Um sentido de pertencimento que ultrapassa o seu presente, que se apresenta com uma ancestralidade e permite o desenvolvimento de uma *permanência de si mesmo na evolução do tempo*.

A análise desta pesquisa se inicia com o romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto que retrata o Rio de Janeiro e seu subúrbio no início do século XX. As questões levantadas no presente do autor, como o racismo e a exclusão das camadas

⁴⁶ RÜSEN, 2001, p. 63.

⁴⁷ RÜSEN, *Op. Cit*, 2001, p. 65.

populares, ainda são presentes na cidade um século depois, assim como é possível perceber as muitas rupturas vividas por essa sociedade.

Os conceitos de continuidade e ruptura por muitas vezes parecem contraditórios. Mas, no processo da operação historiográfica, a utilização destes busca um maior sentido e inteligibilidade ao analisar outras temporalidades. Considero relevante ressaltar que a ideia de continuidade não representa a ausência de mudanças na sociedade, assim como a de ruptura, de mudanças profundas. Desse modo, o propósito é o de estabelecer uma percepção sobre as possíveis permanências sociais, econômicas e culturais ou de alterações e rompimentos no desenrolar do tema da presente pesquisa.

Para o ensino essa consciência histórica presente na literatura de Lima Barreto possibilita não exatamente uma consciência do passado, mas da capacidade de interpretar o seu presente, a sua historicidade, a partir de elementos de um outro tempo. A partir desses saberes, os alunos e alunas podem ter um arcabouço teórico e prático para se guiar com maior propriedade no seu tempo, de melhor se entender, assim como a sua sociedade, ao consolidar seus saberes históricos.

O conhecimento histórico escolar possibilita perceber as diversas temporalidades, assim como pode promover o desenvolvimento da capacidade dos discentes de analisar e interpretar os processos históricos, além de construir sua própria representação do passado.

Conhecimento histórico que seja capaz de possibilitar aos estudantes lidar com versões contraditórias, com conflitos, que consigam suas crenças, de suas perspectivas do lugar que ocupam no mundo. Afinal, estranhar as temporalidades passadas e também as do presente fornece as condições para que possamos nos conhecer, conhecer o outro e o nós.⁴⁸

A reflexão sobre a história e a sua construção enquanto área de conhecimento revela aos alunos a sua inserção social como sujeitos históricos, que tanto é influenciado por sua sociedade, como também se insere como seu agente transformador. O conhecimento histórico possibilita a percepção sobre as muitas maneiras com que as pessoas no tempo se organizaram, se perceberam, se relacionam em um mesmo lugar.

⁴⁸ SILVA, 2019, p. 54.

Considerando o espaço escolar como um lugar de construção de conhecimento, onde o saber acadêmico não é apenas “traduzido”⁴⁹ pelos docentes, muito pelo contrário, o conhecimento historiográfico, os saberes históricos nas escolas são selecionados, criados e reelaborados pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino, isto é, por professores e alunos. Na escola, esses saberes são vividos pelos discentes, diferenciando-se da produção historiográfica da academia. Como, ressalta Ana Maria Monteiro, o diálogo entre estes campos diferentes dos saberes é essencial para a construção de sentido da disciplina história.⁵⁰

A *Clara dos Anjos* de Lima Barreto retrata medos e angústias do autor, como a do racismo presente, da violência contra as mulheres, em especial as pretas e pobres. A sua indignação com um estado excludente controlado por uma elite que não tinha a mínima preocupação e conhecimento profundo das necessidades da cidade e de sua população, assim como as múltiplas formas de sociabilidade e identidades que se desenvolvem nos subúrbios cariocas.

A relação entre o campo da história e da literatura se estabelece pelas trocas, mas também pelas confrontações tornando-se um importante referencial para compreendermos a complexidade da potência literária para a história. Para Sevcenko, “o ponto de interseção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade estão concentradas evidentemente na figura do escritor”.⁵¹ Diante desta afirmação, destaco neste trabalho a figura de Lima Barreto, um autor que se tornou um símbolo de uma literatura utilitária e que vai criticar as práticas sociais e políticas do seu tempo.

1.3 Lima Barreto, um escritor de múltiplas temporalidades

A escolha de Lima Barreto ratifica a minha preocupação em ouvir, escutar, analisar, perscrutar o que os discentes pensam, e também o que o literato pode contribuir para o ensino de história, ao retratar outra historicidade do subúrbio e do

⁴⁹ MONTEIRO, A. M. Didática da História e teoria da história: produção de conhecimento na formação de professores. In: DALBEN, A. et al. (org.). *Convergências e tensões no campo da formação de professores e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Didática e Prática de Ensino).

⁵⁰ MONTEIRO, A. M., *Op. Cit.*, 2010.

⁵¹ SEVCENKO, 2003, p. 299.

Rio de Janeiro – a do início do século XX –, um lugar de destaque em suas obras e de primordial importância para o meu trabalho.⁵²

O autor de *Clara dos Anjos* nasceu no dia 13 de maio de 1881, batizado como Afonso Henriques de Lima Barreto, na atual cidade do Rio de Janeiro, à época Corte do Império do Brasil. Numa pequena casa, na rua Ipiranga, onde hoje fica o bairro das Laranjeiras, no período um dos arrabaldes da cidade.

O bairro de Laranjeiras, no contexto do nascimento de Lima Barreto, era caracterizado pela heterogeneidade arquitetônica, social, econômica e étnica, elemento predominante ao cenário da corte no período, pois tanto era a região que ficava o palácio da princesa Isabel, como também de um cortiço na mesma rua da sua família. Mas, importante refletir sobre as nuances dessa diversidade social e econômica na corte, como destaca Lilia M. Schwarcz:

A vizinhança e a rua podiam ser as mesmas, mas as realidades eram muito distintas entre si. Os jovens Barreto, por exemplo, até que moravam próximos do barão de Macaúbas, do barão Smith de Vasconcelos e da própria princesa Isabel, mas é provável que se identificassem com os operários das fábricas e manufaturas da região que viviam em casas modestas. Não havia distinção prévia, mas isso não quer dizer que existisse confusão social: as expectativas eram diversas, não obstante a convivência no mesmo espaço urbano.⁵³

A família dos Barretos que se ampliava com a chegada de seu primogênito, era formada por Amália Augusta, sua mãe e João Henriques, seu pai. Sua mãe, mulher negra, liberta, quando ele nasce já era formada professora e seu pai, também negro, era tipógrafo. Lima Barreto chega numa família que se diferenciava pela formação acadêmica num país como o Brasil, onde a maioria expressiva da população era analfabeta, mesmo entre os homens e mulheres livres e brancos. Como afirma Otaíza de Oliveira Romanelli, em 1888 haviam 250.000 alunos para uma população de 14 milhões de habitantes.⁵⁴

Considero relevante ressaltar o papel do seu pai tipógrafo, em relação às expectativas dessa família, na qual a educação era vista como um importante elemento. No artigo “Os Sonhos dos Tipógrafos da Corte Imperial”,⁵⁵ Artur José

⁵² PRADO, 1980, p. 32.

⁵³ SCWARCZ, 2017, p. 22.

⁵⁴ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação Brasileira. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

⁵⁵ VITORINO, A. J. R. Os Sonhos dos Tipógrafos na Corte Imperial. In: BATALHA, C. H. M.; SILVA, F. T.; FORTES, A. (org.). *Culturas de Classe*. São Paulo: Editora Unicamp, 2004.

Renda Vitorino reflete sobre as discussões na construção da identidade desta categoria, a partir de seus discursos entre as décadas de 50 e 60 dos Oitocentos. Segundo o autor, essa identidade foi pautada na ideia do sacrifício em nome do saber e da extrema importância da imprensa para o desenvolvimento de uma sociedade esclarecida, evoluída, alinhada ao pensamento iluminista, característico do período.

Para os operários tipógrafos, que expressaram suas ideias e discursos nos jornais e revistas que os representavam, analisados pelo artigo citado, o seu ofício impunha esforços e formação intelectual e estes se sentiam “soldados do saber, usando o ‘tipo’ como espada, um trabalho nobre, como a grande invenção de Gutenberg”.⁵⁶ Ainda havia uma percepção da importância desse saber que os distinguia de outros tipos de trabalhadores, colocando-os numa posição de destaque nesse mundo do trabalho, por dominarem a escrita, responsáveis pela divulgação do conhecimento. Assim, essa função teria um papel de destaque na sociedade, da qual eles deveriam se orgulhar e se sacrificar em nome do seu ofício.

A obra de Lima Barreto se caracterizou por essa visão militante, onde a escrita deveria ter esse papel transformador e denunciador da sociedade, o que se aproxima desta análise acerca da categoria profissional que seu pai pertencia. Na família dos Barretos, provavelmente se acreditava que uma melhor formação acadêmica os possibilitaria um lugar de destaque na sociedade brasileira, por isso mesmo o pai do autor almejava ter um filho “doutor”.

Após a Proclamação da República, o acesso à educação continuava limitado, em especial aos negros pós-abolição. Nesse período, tivemos a formação de movimentos associativos dos chamados “homens de cor” que percebiam o importante papel da escola para sua efetiva integração social e econômica no país. Por todo o Brasil, após a emancipação tivemos a organização destas entidades que buscavam denunciar à exclusão dos negros e negras, e também promover ações que suplantassem as discriminações e obstáculos enfrentados no período. Flavio Gomes e Petrônio Domingues analisaram esses movimentos e afirmam:

Cientes que eram necessárias ações concretas, mas também críticos da falta de compromisso dos gestores públicos para proporcioná-lhes pelo menos os estudos básicos, as lideranças das associações negras tomaram para si a responsabilidade de conscientizar a população de

⁵⁶ VITORINO, A. J. R, *Op. Cit.*, 2004, p. 168.

ascendência africana dos benefícios provenientes da ‘instrução’. O jornal da imprensa negra O Clarim bradava: ‘Oh pais! Mandai vossos filhos ao templo da instrução intelectual – ‘a escola’, não os deixais analfabetos como dantes’.⁵⁷

No caso dos Barretos, os responsáveis não precisavam ser convocados para levarem seus filhos à escola, tanto o pai quanto à mãe de Lima Barreto tinha consciência da importância da educação para uma melhor inserção na sociedade brasileira. No entanto, essa melhor formação não representou a construção de uma vida tranquila e próspera, como se poderia esperar num país que se modernizava. Muito pelo contrário, a trajetória da família foi marcada por muitos reveses.

Uma modernidade que possuía como seus pilares o crescente discurso republicano e do cientificismo. A monarquia passou a ser vista, por diversos setores das elites, intelectuais, militares como símbolo do atraso, onde a sua suplantação seria necessária para o efetivo fortalecimento de uma nação jovem e moderna.

Na obra de Lima Barreto, a ascensão e práticas da república brasileira costumam ser um dos alvos de crítica do autor. A chegada da república para a família dele não trouxe boas novas, o pai foi despedido da Imprensa Nacional, provavelmente por suas ligações com o padrinho, Visconde de Ouro Preto. Posteriormente, assumiu o cargo de almoxarife na colônia de alienados na Ilha do Governador.

Importante destacar que as críticas à República não eram motivadas exclusivamente por questões pessoais. Lima Barreto denunciou em seus textos as práticas da jovem República excludente, de uma nova elite política acusada de arrivista, que só se preocupava com o enriquecimento pessoal às custas do erário público. O bovarismo deste grupo também era alvo de sua ironia e julgamento, de não perceberem a realidade do Brasil e seu povo, e sempre valorizarem o estrangeiro, o europeu, o branco superior ao restante da população mais pobre e/ou mais preta, indígena.⁵⁸

Num dos contos mais conhecidos do autor – *O homem que sabia Javanês* – publicado em 1911 na Gazeta da Tarde, narra a história de um jovem recém formado em direito, que se apresenta para uma proposta de dar aulas do “exótico”

⁵⁷ GOMES, F. dos S; DOMINGUES, P. *Da nitidez e invisibilidade: Legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p.277.

⁵⁸ SEVCENKO, 2003, p. 220.

idioma. No decorrer do conto, sabemos que ele não tinha domínio sobre a referida língua, mas com a ajuda do seu aluno, membro de uma família com muitos contatos políticos, torna-se cônsul e um dos principais especialistas de um povo que pouco ou nada sabia. No conto, a conversa se inicia numa mesa de uma confeitaria:

— Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.
— Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês! — Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado? — Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.⁵⁹

No trecho, critica o Brasil que se consolidava, pautado na valorização do estrangeiro, em detrimento das culturas originais, as relações de poder pautadas no clientelismo e não exatamente na formação e competência do sujeito, por meio de seu texto irônico apresenta nuances dessa sociedade. Um outro tema importante em sua obra se referia ao cientificismo do Brasil na virada do século XIX para o século XX, a crença de uma ciência sem limites, que acabou promovendo determinismos e certezas absolutas que os próprios cientistas não possuíam. O autor ironizava essas certezas, mas também se angustiava com as determinações científicas que legitimavam e fortaleciam muitos preconceitos, como o racial.

Teorias racistas que afirmavam a desigualdade das raças e alçaram os brancos como superiores impregnaram o cenário intelectual e político do Brasil do período, que se preocupava com o progresso de uma nação composta por uma população majoritariamente negra, indígena e mestiça. Nesse momento, muitas doenças e crimes eram percebidos como de origem étnica, e no nosso país miscigenado as dificuldades seriam ainda maiores, pois o modelo humano híbrido era visto como pior ainda, como uma degeneração, pois herdaria os elementos negativos de cada um dos grupos étnicos constituintes. Um dos principais intelectuais que defendia essas ideias foi o médico maranhense Nina Rodrigues.

Essa corrente entende que em conformidade com cada raça, é possível definir o caráter, a personalidade, bem como os atributos morais e intelectuais de cada indivíduo e de suas respectivas coletividades. Por esse motivo, no interior desta forma de percepção de realidade haveria uma radical associação entre raça, etnia e cultura. Ou seja, os padrões culturais eram considerados função da etnia/raça e essa determinara, como lei de bronze, o modo de ser de cada indivíduo pertencente aos

⁵⁹ BARRETO, 1911, p. 2.

distintos grupos raciais. Estas raças, por sua vez, seriam hierarquizáveis de modo que, para cada estágio cultural e civilizatório alcançado por um povo, isto poderia ser visto como índice de sua capacidade mental, moral e física.⁶⁰

De acordo com essa concepção, a sociedade brasileira estava doente, daí a importância dos médicos para o país. Nina Rodrigues e outros membros da escola tropicalista baiana, na virada do século XX, coadunavam com as teorias científicas do período que seguindo o arcabouço teórico pautado no determinismo racial e geográfico que defendiam desigualdades originais entre os diferentes grupos raciais, onde a raça branca era superior enquanto as demais eram inferiorizadas, dessa forma deveriam ser dominadas.

A protagonista do romance *Clara dos Anjos*, uma menina mulata, assim como seus pais, a partir desse pressuposto médico/científico do período estaria neste grupo de degenerados. Sua capacidade mental, e física seria inferior, sua inteligência seria limitada, afinal suas origens raciais determinariam seu desenvolvimento, assim como definiria possíveis desvios de caráter. A menina mulata, do subúrbio carioca e sua gente, na percepção do cientificismo do período apresentava os mais negativos prognósticos possíveis.

No referido romance, Lima Barreto ressalta sua preocupação com os destinos das meninas negras, representadas na personagem. Não pode haver deslize nas suas práticas, deve se preocupar em manter a sua moralidade e se atentar aos limites definidos por cor e condição social:

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava de mãos fortes que modelassem e fixassem. [...] O mundo se lhe representava como povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola e suspirar de amor. Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo. Cada um de nós, por mais humilde que seja, tem que meditar, durante a sua vida, sobre o angustioso mistério da Morte, para poder responder cabalmente, se o tivermos que o fazer, sobre o emprego que demos a nossa existência.⁶¹

No trecho, o autor descreve e julga a personalidade de *Clara dos Anjos*, que ainda não tinha consciência da sua individualidade no tecido social onde está

⁶⁰ DOMINGUES; GOMES; PAIXÃO, 2013, p. 313-314.

⁶¹ BARRETO, 2019, p. 219.

inserida. Suas angústias e sonhos giravam em torno de experiências limitadas da sua vida simples e inspirada nas músicas de amor, não se apercebia de questões mais profundas que permeavam os subúrbios cariocas do período, como a sua condição social e racial.

No romance, o triste destino de Clara e de muitas mulheres negras se concretiza. Ao acreditar nas promessas de amor de um homem branco sem caráter, protegido por sua cor e por sua condição financeira, a personagem termina grávida e abandonada, corroborando para o discurso de degeneração racial da mestiçagem da época, ao justificar a falta de moralidade destas mulheres.

Lima Barreto desenvolveu muitos escritos para criticar o cientificismo do período que pretendia explicar e determinar, não só práticas morais, mas como também o caráter hereditário das doenças, como as mentais. Uma preocupação que o atormentou por toda vida, pois ao mesmo tempo que se opunha aos teóricos deterministas, tinha receio de tornar-se louco como seu pai.

O ex-tipógrafo e posteriormente um dos administradores da colônia de alienados da Ilha do Governador, em 1902 acabou internado nesta mesma instituição. A doença do pai representou uma nova reviravolta para a família dos Barretos, em especial para Afonso Henriques que era o primogênito e neste período cursava engenharia civil na Escola Politécnica do Largo do São Francisco.

Afonso Henriques de Lima Barreto abandonou o curso, ingressou no serviço público como amanuense da secretaria da Guerra e passou a ser o responsável pelo sustento de toda a família. O receio não era só a loucura, mas também o da pobreza. Também neste período se fortalece um vício que o acompanhou por toda a sua curta vida, o alcoolismo. Como afirma Roberta Cerqueira:

A responsabilidade pelo sustento de seus irmãos e da casa em que moravam, a impossibilidade de concretizar o sonho de dedicar-se aos estudos, a frustração de seus sonhos de reconhecimento literário, tudo isso trazia à tona um sentimento de infelicidade que o vício da bebida parecia amenizar.⁶²

Nesse período, eles foram morar no subúrbio carioca, inicialmente no Engenho Novo, pois os aluguéis eram mais modestos, mas por questões econômicas

⁶² CERQUEIRA, R. C. *Lima Barreto e os caminhos da loucura. Alienação, alcoolismo e raça na virada do século XX*. 2002. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002, p. 37.

no ano seguinte, em 1903 mudaram-se para um outro bairro da região, Todos os Santos. No bairro morou em dois endereços, o primeiro na rua Boa Vista, e a casa foi alcunhada pela vizinhança como a “Casa do Louco” e depois mudaram-se para a rua Major Mascarenhas, onde viveu até a sua morte, na casa que chamava de *Vila Quilombo*, símbolo de mais uma ironia a essa sociedade civilizada e branca que se pretendia consolidar no alvorecer da República.⁶³

O subúrbio carioca tornou-se um dos temas centrais de sua obra, um dos lugares mais representativos para as discussões que permeavam os seus trabalhos. Nas crônicas, contos e romances, em especial o *Clara dos Anjos*, seu olhar se debruça com muita atenção para o *lugar*, com temáticas múltiplas, tais como a defesa das suas práticas culturais, das suas pessoas, assim como por muitas vezes criticava sua arquitetura e a falta de escolaridade dos vizinhos.

Nas discussões e críticas que Lima Barreto promovia em seus escritos, em relação à modernidade que se consolidava no Rio de Janeiro do início do século XX, o subúrbio carioca era por muitas vezes retratado como um lugar de permanências da cidade que se esvaía. O espaço também era palco para as denúncias constantes do autor aos políticos que dominavam a república brasileira, que na sua perspectiva pouco se preocupavam com as demandas reais da cidade e das camadas populares.

Um elemento importante e muito presente nos subúrbios é o trem. Aliás, o crescimento populacional da região, desde a segunda metade do XIX até a virada para o século XX, esteve diretamente ligado com a expansão das redes ferroviárias e suas respectivas estações. Lima Barreto por muitas vezes parecia um antropólogo em campo, observando práticas e tipos sociais nos vagões, como ele descreve o da segunda classe, “alguns, em geral, operários é que esmaltam no rosto angústia e desânimo [...] Aquelas crioulas e mulatas inteiramente de branco, branco vestido, meias, sapatos, ao lado de portugueses ainda com restos de vestuário da terra natal”. Seu olhar atento, de um homem que vivia plenamente a cidade, percebia as nuances, diversidades e desigualdades presentes mesmo no trem que na primeira classe tinha como frequentadores os *magnatas suburbanos*.⁶⁴

Nos seus textos, especialmente nas crônicas, os magnatas que realmente o incomodavam eram os que dominavam a vida política e econômica da república

⁶³ SANTOS, A. L. dos S. *A Casa dos loucos*. Rio de Janeiro. Quântica, 2015.

⁶⁴ BARRETO, 1921, p. 228.

brasileira. O autor se indignava com a elite política que não se preocupava efetivamente com a cidade, para ele Botafogo representava esse lugar.

De uns tempos a esta parte – e isto só data dos meados da República – tomou-se dos nossos dirigentes e mais magnatas uma vaidade singular: a vaidade de Botafogo e adjacências. O resto do Rio não existe, mas paga imposto. O Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra.⁶⁵

A exclusão social e econômica de grande parte da população do Rio de Janeiro, como os que viviam no centro dos cortiços, no morro do castelo, no subúrbio carioca era percebida pelo autor como um projeto político das elites dirigentes que miravam numa modernidade onde negros, índios, mestiços estariam apartados. No romance *Clara dos Anjos* há uma frase, que por muitas vezes refletia os sentimentos do autor, o “subúrbio é o refúgio dos infelizes”.⁶⁶

O refúgio imposto aos homens e mulheres de uma cidade, que cristalizava transformações sociais e econômicas do seu espaço urbano, onde estes não deveriam estar representados, muito menos presentes. O espaço da civilidade que se impunha excluía muitos dos seus moradores, que agora reconstruíam suas histórias e sociabilidades em outros lugares, os subúrbios cariocas que se expandem na mesma velocidade que o processo de modernização do Rio de Janeiro.

Lima Barreto trouxe para a literatura brasileira da época, a possibilidade de refletir sobre essa *cidade negra e indígena*. Personagens que denunciavam, cobravam e representavam esses grupos construíram sua narrativa literária. *Clara dos Anjos*, considerado pelos especialistas, como o mais suburbano, alçou lugares, pessoas, cotidianos que não eram comuns entre os acadêmicos e literatos do período, rompendo com a forte influência das tradições europeias.

Literatos de uma academia que ele criticava, mas que pretendia fazer parte, com o reconhecimento do seu trabalho como escritor. A sua trajetória foi marcada por muita dor, como a morte precoce da sua mãe, a doença do pai, o abandono do curso superior, as dificuldades com o álcool que o levaram a duas internações no asilo psiquiátrico. Como ele descreve no seu diário, em abril de 1914, em um destes momentos de desesperança que o acompanhou por muitos anos da sua curta vida:

⁶⁵ BARRETO, 1921, p. 158.

⁶⁶ BARRETO, 2019, p. 188.

Hoje, pus-me a ler velhos números do *Mercure de France*. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também um tédio da minha vida doméstica, do meu viver quotidiano, e bebo. Uma bebedeira puxa outra e lá vem a melancolia. Que círculo vicioso! Despeço-me de um por um dos meus sonhos. Já prescindindo da glória, mas não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte. A minha casa me aborrece. O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare. [...] O que me aborrece mais na vida é esta secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela sua ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência. Não posso suportá-la. É o meu pesadelo, é a minha angústia.⁶⁷

Muitos dos seus pesadelos e angústias acabaram por se realizar, como as suas passagens pelos hospícios da época. A primeira em 1914 e a segunda em 1918, experiência também refletida em seus trabalhos. O seu reconhecimento como um dos mais relevantes da nossa literatura se deu após sua morte e o próprio romance – *Clara dos Anjos* – que na minha dissertação possui um papel central só foi publicado em 1948.

A história de Clara dos Anjos praticamente o acompanhou por toda sua vida como escritor. Ao analisar seu diário, desde o início ele cita esse trabalho, inclusive o mesmo termina com uma das muitas versões desenvolvidas pelo autor para o personagem central da trama. Em todas as versões, Clara é apresentada como uma “mulatinha”, membro de uma família simples, mas honesta. Que por ser mulher e negra, é tratada por inferior e usada como um objeto sexual, que vê sua vida marcada por injustiças, nessa sociedade desigual e racista.

Afonso Henriques de Lima Barreto morreu no dia 01 de novembro de 1922, dia de Todos os Santos, no calendário cristão católico, no bairro de mesmo nome. Morreu na sua casa suburbana, lendo o exemplar de uma revista francesa, provavelmente de arritmia cardíaca que o acompanhava há algum tempo, por conta dos seus excessos com o álcool, sendo enterrado no dia seguinte no cemitério São João Batista. Seu pai, um dos motivos de suas preocupações, morreu dois dias depois, enterrados na mesma lápide, continuaram juntos.⁶⁸

⁶⁷ BARRETO, 1914, p. 80.

⁶⁸ SCHWARCZ, 2017, p. 488.

Muitos dos desejos de Lima Barreto se concretizaram após décadas de sua morte, tais como o seu reconhecimento como escritor, também a presença de negros, índios, mestiços que se tornaram cada vez mais presentes na literatura brasileira. Mas, muitas das críticas e denúncias voltadas à sociedade brasileira, em especial aos dirigentes da república brasileira, continuam pautando nosso cotidiano, tais como o racismo e a falta de políticas públicas que possibilite uma efetiva inserção econômica e política da maior parte da população brasileira. Por tudo isso, o autor continua tão contemporâneo e se consolidando como uma leitura indispensável para todos os brasileiros, em especial no ensino de história.

2

O Rio de Janeiro, entre o progresso e as permanências de uma cidade mestiça

No romance *Clara dos Anjos* e em diversos outros escritos, Lima Barreto reflete sobre as mudanças que a cidade, e como consequência o subúrbio do Rio de Janeiro, experimentou no início do século XX. A modernidade que avançava sobre aquela, bem como as reformas urbanas, a chegada expressiva de imigrantes, de novas ideias, práticas sociais e políticas que o escritor criticava.

Segundo o autor, tais transformações vinham calcadas num cosmopolitismo das elites que tentavam impor uma visão de Brasil branco, herdeiro da civilização europeia, muito distante da nossa efetiva realidade, algo que para Lima Barreto era “fruto da combinação de diferentes etnias”, um país mestiço, de negros e indígenas, que pareciam invisíveis no projeto de país das elites brasileiras.⁶⁹

O Rio de Janeiro tornou-se um importante centro de atração econômica, política no país, nesse sentido, uma das principais mudanças na virada do século XIX para o século XX foi o explosivo crescimento demográfico. A população da cidade – que em 1872 possuía 274.972 habitantes – apresentou um ritmo crescente: passando para 522.654, em 1890; chegando a 691.565, em 1900; e atingindo mais de um milhão de habitantes em 1920, com uma população aproximada de 1.157.873.⁷⁰

A atração pelo Rio de Janeiro pode ser entendida por diversos fatores, um deles era o fato de a cidade representar o centro político do país, a princípio, como Corte, e com a Proclamação da República, como Distrito Federal, possuindo a maior rede urbana de serviços do Brasil. Nessa conjuntura de expansão do capitalismo internacional, a cidade recebeu grande entrada de capital estrangeiro e de novos “negócios”.

Com a instituição do novo regime, o republicano, esse processo se intensificou, considerando que boa parte destes recursos foram destinados às atividades industriais. Nessa nova ordem econômica e política em que o Brasil se inseria, o porto do Rio de Janeiro tornou-se um símbolo desse crescimento, ao se consolidar como o terceiro de maior importância nas Américas, só perdendo para o

⁶⁹ SEVCENKO, 2014, p. 209-210.

⁷⁰ ADDOR, C. A. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986, p. 51.

de Nova Iorque e o de Buenos Aires, com um volume de importações e de exportações cada vez mais expressivo, tornando-se o principal elo da expansão do capitalismo financeiro no país.⁷¹

Para os milhares de trabalhadores pobres, que povoavam essa cidade em mudança, a realidade era marcada por profundas contradições. A oferta de mão de obra ultrapassava a demanda desse mercado produtivo e havia grande disputa por oportunidades de trabalho. As dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores eram imensas neste cenário, marcado por baixos salários, que geralmente não eram suficientes para o seu sustento. Além da falta de empregos e má remuneração, ainda havia a carência de moradias. A urbe carioca também era vista como um lugar de constante risco à vida, principalmente, pelos estrangeiros, devido às diversas epidemias que se espalhavam. O mundo dos trabalhadores no qual as camadas populares do Rio de Janeiro enfrentavam no início do século XX era caracterizado por profundos problemas sociais e estruturais, como a falta de habitação, em especial para os setores populares, o ineficiente abastecimento de água e de saneamento básico.⁷²

As dificuldades enfrentadas pelos setores sociais mais populares eram ampliadas por um Estado que via nelas razão para temor e vigilância, como argumenta Sidney Chaloub. As mentalidades das elites em relação aos setores populares, baseavam-se no pressuposto de que eles representavam “classes perigosas”, uma visão que se manteve no período republicano, em que:

os pobres carregam os vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade, juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são por definição perigosos. Por conseguinte, conclui decididamente a comissão, as classes pobres [...] são (as) que se designam mais propriamente sob o título de – classes perigosas.⁷³

Aquela imensa população pobre, multiétnica, que vivia em péssimas condições, com falta de moradia, epidemias e que enfrentava um mercado de trabalho caracterizado por grande exploração e precariedade, os mesmos grupos sociais que também vivenciavam a atuação de um Estado que identificava os seus

⁷¹ SEVCENKO, 2003, p. 39.

⁷² CARVALHO, 2016, p. 18-20.

⁷³ CHALOUB, 1996, p. 22.

membros como “elementos” perigosos, rudes, atrasados, com práticas políticas que giravam em torno da repressão e da vigilância.

Outra característica acerca da sociedade carioca foi a sua heterogênea formação étnica. A cidade que recebeu constantes fluxos migratórios desde o final século XIX apresentou a formação de uma população multiétnica, com a presença de muitos negros, mestiços, europeus, principalmente portugueses. Trabalhadores que aqui chegaram com a expectativa de ascensão social, mas que enfrentaram uma realidade bem difícil. Contudo, apesar de, eles ficaram e construíram uma população caracterizada pela diversidade étnica, geográfica e cultural. Como argumenta José Murilo de Carvalho:

alterou-se a população da capital em termos de número de habitantes, de composição étnica, de estrutura ocupacional. A abolição lançou o restante da mão de obra escrava no mercado de trabalho livre e engrossou o contingente de subempregados e desempregados. Além disso, provocou um êxodo para a cidade proveniente da região cafeeira do estado do Rio e um aumento da imigração estrangeira, especialmente de portugueses.⁷⁴

A crescente oferta de mão de obra promoveu um maior número de pessoas atuando em funções mal remuneradas, em subempregos, situações em que a precariedade e a informalidade predominavam. José Murilo de Carvalho, assim, analisa as marcas desse mercado destinado aos trabalhadores no Rio, “viviam nas tênues fronteiras entre a legalidade e a ilegalidade, às vezes participando simultaneamente de ambas”.⁷⁵ Tão bem retratado pelo romance de Lima Barreto, ao descrever alguns dos ofícios de personagens do seu livro, “Zezé Mateus [...] Topava todos os ofícios; capinava, vendia peixe e verdura, com cesto à cabeça; era servente de pedreiro, apanhava e vendia passarinhos, como criança; e tinha outras habilidades desse jaez”.⁷⁶

O governo republicano, recém-instituído, permitiu a ascensão política de novos grupos, nem um pouco preocupados em implementar ações públicas, dedicadas a efetivar a participação popular, muito pelo contrário, pois se consolida um Estado excludente, onde os pobres, em especial os negros e mestiços, não se viam representados. Para tanto, chamamos a atenção para uma reflexão sobre a

⁷⁴ CARVALHO, 2016, p. 16.

⁷⁵ CARVALHO, 2016, p. 17.

⁷⁶ BARRETO, 2019, p. 104.

modernidade estabelecida na capital da recém-república brasileira, o Rio de Janeiro. O cartão postal do país, com suas avenidas e prédios neoclássicos inspirados pelos valores civilizatórios da Europa que se desenhavam no centro da cidade.

O passado colonial e imperial das ruas estreitas, dos cortiços, para o contexto das elites republicanas deveria ser suplantado com o novo tipo de governo e por novos tipos de governantes. Em especial, os cortiços tornaram-se símbolos de parte daquela cidade das classes pobres e perigosas para as elites brasileiras. Para Chalhoub, a política de erradicação destas moradias populares teve como um dos marcos iniciais a destruição do “Cabeça de Porco”, em 1893 pelo prefeito Barata Ribeiro, que inaugurou nas administrações públicas do Brasil republicano intervenções marcadas pelo uso da violência contra os mais pobres, justificada pelo discurso da eficiência, da competência.⁷⁷

Assim, a cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, passou por profundas reformas urbanas e sociais baseadas na ideia de progresso. Uma república que excluía ou se omitia acerca das demandas das classes populares, e ainda fortalecia o discurso que os elementos representativos dos símbolos do passado da cidade, como sua arquitetura, suas práticas sociais, as marcas do Brasil colonial e imperial se atrelavam ao símbolo do atraso.⁷⁸

A cidade viveu momentos intensos, como afirma Nicolau Sevcenko:

Muito cedo ficou evidente para esses novos personagens o anacronismo da velha estrutura urbana do Rio de Janeiro diante dos novos tempos. [...] O antigo cais não permitia que atracassem navios de maior calado. [...] As ruelas estreitas, recurvas em declive, [...] dificultavam a conexão entre o terminal portuário, os troncos ferroviários e a rede de armazéns e estabelecimentos do comércio de atacado e varejo da cidade. As áreas pantanosas faziam da febre tifoide, do impaludismo, da varíola e da febre amarela endemias inextirpáveis. E o que era mais terrível: o medo das doenças, somado às suspeitas para com uma comunidade de mestiços em constante turbulência política, intimidava os europeus.⁷⁹

Esse quadro descrito por Sevcenko nos apresenta o perfil de uma cidade, da capital da república, muito diferente do projeto político que se pretendia consolidar, baseado na civilização e no progresso. A cidade do Rio de Janeiro tal como se

⁷⁷ CHALOUB, 1996, p. 19-20.

⁷⁸ AZEVEDO, 2015, p. 154-155.

⁷⁹ SEVCENKO, 2004, p. 40-41.

apresentava deveria ser soterrada, arrasada, assim como o seu passado imperial, tudo isso com vistas à construção de uma nova urbe, alinhada a esse projeto que se consolida no Estado brasileiro, no início do século XX, com a ascensão política dos republicanos liberais. Lima Barreto, em uma das suas crônicas de 1911 lamenta esse soterramento, com a derrubada do Convento da Ajuda para a construção de um hotel que seguia a arquitetura dos Estados Unidos da América:

Não é que eu tenha grande admiração pelo velho casarão; mas é que também não tenho grande admiração nem pelo estilo, nem pela gente, nem pelos preceitos americanos dos Estados Unidos.

Em matéria de imenso lá estão as pirâmides do Egito; e, como são simples de linha e de destino, ainda podem ter alguma beleza; mas uma casa, uma habitação, com centenas de metros de altura, com uma fachada de superfície imensa, de forma que não se pode abranger de um golpe de vista o conjunto e o movimento dos detalhes, não é só monstruoso, é besta e imbecil.

O convento não tinha beleza alguma, mas era honesto; o tal hotel terá beleza alguma e será desonesto, no seu intuito de surrupiar a falta de beleza com suas proporções mastodônticas.

De resto, não se pode compreender uma cidade sem os seus marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam sua história.⁸⁰

Lima Barreto lamentava na crônica a possibilidade de destruição das marcas que todas as cidades criam no seu processo de construção e desenvolvimento. A importância do patrimônio cada vez mais destacada na nossa contemporaneidade, no período muitos destes lugares eram vistos pelas elites dirigentes como símbolos do atraso, da feiura da cidade e que deveria ser destruído, no intuito do embelezamento e da sua evolução.

O processo de modernização estabelecido pelas reformas urbanas e sanitárias, ainda iniciadas nas últimas décadas do Império, eram pautadas num intenso discurso cientificista, higienista que legitimavam as ações empreendidas pelo Estado – ações de alguma forma impostas à sociedade. A cidade, o seu porto e o seu povo foram alvo deste projeto de progresso, dessa mentalidade que se fortaleceu no alvorecer da República, momento em que as tradições passaram a ser vistas como símbolos do atraso.

Houve uma grande valorização do futuro, assim como a tentativa de arrasar o passado. Nesse cenário, a grande reforma implementada durante o Governo de Rodrigues Alves (1902-1906) representaria a apoteose desse discurso. Como

⁸⁰ RESENDE, 2017, p. 55.

argumenta Lená Medeiros “à medida que o progresso reordenou e especializou os espaços, redesenhando a cidade segundo os padrões europeus, os que clamavam pela civilização buscaram voltar às costas ao passado numa corrida em direção ao futuro”.⁸¹

A Reforma, que aqui se desenvolveu durante o Governo do Prefeito Pereira Passos, foi analisada por muitos estudos acadêmicos, alguns deles defenderam o seu caráter excludente, em relação aos setores populares. Problemas sociais, como a escassez e a carestia, em relação à habitação, se ampliaram com a derrubada de muitos cortiços.

A cruzada sanitária contra as moradias infectas, que respaldou o Bota abaixo, expulsou contraventores, criminosos e trabalhadores que viviam na dependência da área central, para a periferia mais imediata. Este processo, atingidos os limites das áreas planas, acarretou o início da odisséia popular de subida dos morros centrais. Juntamente com a área do mangue, tomada ao mar, estes espaços formaram um verdadeiro cinturão de pobreza habitado pelo lumpesinato. A população trabalhadora, por outro lado, tendeu a caminhar desta periferia para os subúrbios que se desenvolviam ao longo das vias férreas, nas regiões da baixada.⁸²

Importante ainda destacar, que esse processo de evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro também foi acompanhado com o crescente investimento em mobilidade, especialmente dos bondes e trens. A ampliação dessa rede de transporte foi um dos elementos que permitiu que a referida cidade, inserido na lógica capitalista e moderna, consolidasse o seu processo de separação dos usos e classes sociais locais.⁸³

De alguma maneira o papel centralizador representado pela figura do Prefeito Pereira Passos, que assumiu a prefeitura, revestido com muitos poderes, consolidou uma série de medidas, consideradas por muitos estudos, autoritárias e artificiais, pois não representavam, e não respeitavam as demandas da maioria da sociedade carioca, intensificando esse processo de retirada das camadas mais pobres, de uma das regiões mais ricas da cidade.⁸⁴

⁸¹ MEDEIROS, 1996, p. 30.

⁸² MENEZES, 1996, p. 40.

⁸³ ABREU, 2006, p. 37-38.

⁸⁴ BENCHIMOL, 1992, p. 201-202.

A grande Reforma Urbana de 1903, termo mais apropriado para esse conjunto de intervenções que a cidade sofreu no início do século XX,⁸⁵ se apresenta entre outras ações do Estado, como práticas que representaram a cristalização de parte dos projetos de modernização da cidade. Um conjunto de ações pautado no desenvolvimento material, assim como na tentativa de consolidar práticas “civilizadas” em uma sociedade, que era vista pelas elites, como sendo, em sua maioria, formada por pessoas inferiores, cultural e etnicamente, argumento usado para endossar a ideia de que o progresso do Rio de Janeiro e o do Brasil são aspectos que estariam atravancados com a permanência destas características sociais.

Compreendemos que a República e as reformas urbanas na capital, nas duas primeiras décadas do século XX,⁸⁶ não tinham planos de integração política e social dos trabalhadores, nada que se adequasse às tradições e demandas populares da cidade. O Estado, representado pelas elites, que se considerava dotado da civilização e da cultura superior, desenvolveu ações na cidade do Rio de Janeiro, todas pautadas na ideia da exclusão, ou na imposição de valores externos às experiências da população.

A exclusão da política institucional e espacial das áreas mais valorizadas do Rio de Janeiro, não significou a sua anulação como sujeito político da cidade. Novas contradições se estabelecem como a crescente ocupação dos morros centrais, como Santo Antônio, São Carlos e Providência, já chamado de morro da favela. Assim como tivemos o aumento demográfico de freguesias centrais que não foram diretamente alteradas com as reformas urbanas, como as de São José, Santana e Espírito Santo.⁸⁷

Tabela 1 - População residente e taxa de crescimento demográfico das freguesias do Rio de Janeiro (1890 – 1906)

FREGUESIAS	POPULAÇÃO RESIDENTE		TAXA DE CRESCIMENTO (%)
	1890	1906	1890-1906
Freguesias Urbanas	429.745	619.648	44
Candelária	9.701	4.454	- 44
São José	42.017	44.878	7
Santa Rita	46.161	45.929	- 1
Sacramento	30.663	24.612	- 20
Glória	44.105	59.102	34

⁸⁵ AZEVEDO, 2015, p. 153.

⁸⁶ Além da reforma controlada por Pereira Passos (1903-06), o processo se expande com os outros prefeitos, como Serzedelo Correia (1909-10), Paulo de Frontin (1919) e Carlos Sampaio (1920-22).

⁸⁷ ABREU, 2006, p. 66.

Santana	67.533	79.315	17
Santo Antônio	37.660	42.009	12
Espírito Santo	31.389	59.117	88
Engenho Velho	36.988	91.494	147
Lagoa	28.741	47.992	67
São Cristóvão	22.202	45.098	103
Gávea	4.712	12.750	171
Engenho Novo	27.873	62.898	126
Freguesias Rurais	92.906	185.687	100
Irajá	13.130	27.410	109
Jacarepaguá	16.070	17.928	7
Inhaúma	17.448	68.557	293
Guaratiba	12.654	17.928	42
Campo Grande	15.950	31.248	96
Santa Cruz	10.954	15.380	40
Ilha do Governador	3.991	5.616	41
Ilha de Paquetá	2.709	2.283	-16
Total	522.651	805.335	54

No entanto é indiscutível o crescimento populacional dos subúrbios, como afirma Maurício Abreu:

Nem todos que eram expulsos dos cortiços ou que chegavam à cidade localizaram-se, entretanto nas favelas. A grande maioria, ao que parece instalou-se nos subúrbios, contribuindo assim para a sua ocupação efetiva. Os dados apresentados na tabela [...] referentes ao período de 1890-1906, parecem confirmar isso, indicando o apreciável aumento populacional ocorrido nas freguesias suburbanas mais próximas do Centro: Engenho Novo e Inhaúma.⁸⁸

A freguesia de Inhaúma, que deu origem aos muitos bairros dos subúrbios cariocas, tais como Del Castilho, Pilares, Cachambi, Engenho da Rainha, entre outros, apresentou o maior crescimento dentre todas as freguesias do Rio de Janeiro, apresentadas na tabela acima. A expansão das linhas férreas, das muitas estações que vão sendo inauguradas, acompanhada de uma política urbanística, das administrações da cidade do Rio de Janeiro, capital da república, cada vez mais caracterizada por uma crescente setorização social e econômica.

No processo de significar os saberes compartilhados no espaço escolar, há uma defesa da relevância desses conhecimentos para os alunos, o processo histórico que possibilitou a construção da cidade que eles vivem. No estudo sobre esse lugar, tão próximo e ao mesmo tempo tão distante. Os discentes podem perceber a historicidade de muitos temas e práticas do seu cotidiano, como a própria

⁸⁸ ABREU, 2006, p. 66.

organização espacial, num processo de construção de sentido sobre a experiência do tempo.

Diante desta percepção, considero a obra de Lima Barreto como mais uma fonte de possibilidades no campo do ensino de história, ao trazer à tona, a escrita, os sentimentos, as experiências de um homem que viveu esse intenso período de mudanças pela qual o Rio de Janeiro passava. Mudanças claramente criticadas e ironizadas por Lima Barreto criticou:

Pode-se, entretanto, admitir, a fim de justificar o amor do prefeito aos hotéis de luxo, que quer construir à custa dos nossos magros cobre; pode-se admitir, com isso, Sua Excelência pretendia influir indiretamente no saneamento do morro da Favela. Municipalidades de todo o mundo constroem casas populares; a nossa, construindo hotéis *chics*, espera que, à vista do exemplo, os habitantes da Favela e do Salgueiro modifiquem o estilo das suas barracas. Pode ser...⁸⁹

As transformações que pretendiam sanar algumas contradições que a cidade vivia, como o seu enquadramento na ordem capitalista, aqui criticadas pelo autor, que ironiza a prefeitura de Carlos Sampaio e a construção de um hotel de luxo. Mas que também acabou por desenvolver outras, como o crescimento das favelas, algumas citadas no trecho acima, lugares onde o mínimo de condições era inexistente, característica que acabou por marcar o espaço urbano e cultural do Rio de Janeiro.

A análise histórica da capital da república recém-proclamada, segue para o subúrbio carioca, que assim como no romance *Clara dos Anjos*, deverá ter um lugar de destaque. No romance, assim o autor descreve o lugar de destaque da sua obra: “subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea”.⁹⁰ Apresentado como personagem, ele observa a descrição das suas marcas concretas, como as ruas sem calçamento, casas simples, estabelecimentos comerciais e culturais, como os cinemas do Méier, bairro da zona norte carioca.

⁸⁹ RESENDE, 2017, p. 138.

⁹⁰ BARRETO, 2018, p. 182.

2.1 Os Subúrbios Cariocas por Lima Barreto e suas historicidades

Importante destacar que a pesquisa não tem como objetivo fazer uma história dos subúrbios cariocas, mas o de se debruçar em possíveis interlocuções entre o romance de Lima Barreto e a sua narrativa acerca deste lugar, com as experiências, análises e narrativas historicamente construídas na contemporaneidade. A categoria subúrbio, como qualquer conceito deve ser compreendida, a partir da sua historicidade. Desta forma considero relevante uma breve análise sobre essa categoria conceitual. Numa crônica no jornal *Folha de São Paulo*, Sevcenko descreve desta forma:

De origem latina, a palavra subúrbio chegou a ter alguma vigência nos círculos cultos do Renascimento.

Mas foi em especial durante a reforma urbana de Napoleão 3º que ela adquiriu a complexidade de sentidos que a torna um conceito seminal no mundo contemporâneo. Na Inglaterra estaria relacionada aos projetos das cidades-jardim e da ocupação dos bosques ao leste de Londres.

No contexto das revoluções Industrial e Francesa, uma nova camada de agentes sociais passa a dispor do espaço urbano para seus propósitos de enriquecimento, consumo, ostentação e lazer.⁹¹

No tempo e em distintas sociedades, a palavra possuiu e ainda apresenta sentidos distintos, como aponta o texto acima, a partir do processo de modernização e consolidação do capitalismo, onde o espaço urbano se degrada, as áreas adjacentes tornaram-se espaços de distinção e separação das mazelas sociais que acompanharam esse processo. Também no Rio de Janeiro, nos fins do século XIX, regiões no entorno do centro da cidade, caracterizadas com uma menor densidade, arborizadas, com ares saudáveis, também foram ocupadas pelos setores mais privilegiados, coadunando com o conceito de subúrbio defendido por Nelson de Nobrega Fernandes:

O sentido essencial, original e geral da categoria subúrbio reside no fato de representar um espaço geográfico situado à margem, nas bordas, na periferia, localizado extramuros da cidade. Um espaço produzido junto à cidade e tão antigo quanto ela, mas que, por sua localização geográfica, tipos e forma de uso, não se confunde nem com a paisagem nem com o espaço considerado urbano.⁹²

⁹¹ SEVECENKO, 2007.

⁹² FERNANDES, 2011, p. 34.

Diante deste significado, quando analisamos documentos, textos, reportagens do Rio de Janeiro, em fins do século XIX e início do XX, encontramos regiões como Botafogo, Glória, Catete, Catumbi, bairros que se localizam ao redor do centro da cidade, chamadas de subúrbios. Até o início do século XX e das muitas transformações urbanísticas que a capital federal, as regiões periféricas, pouco habitadas, com aspecto rural, do sul da cidade, como Copacabana, ou Jacarepaguá ao oeste se enquadravam na categoria de subúrbios.^{93,94}

A partir do processo de reformas urbanas amplia-se a dificuldade de enquadrar a categoria subúrbio, como áreas de baixa densidade demográfica, áreas abertas, ao analisarmos a realidade. Apesar das normas municipais continuarem a designar muitas dessas localidades, os subúrbios cariocas, na primeira metade do século XX, se constituem em áreas de expansão urbana que acompanhavam as linhas férreas e a dos bondes, consolidando como limites internos da cidade, Jacarepaguá, Deodoro, Irajá e Penha.⁹⁵

O próprio Lima Barreto, em uma das suas crônicas, destaca a contradição entre o significado da palavra e a realidade dos subúrbios no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX: “Nos subúrbios, as velhas chácaras, cheias de anosas mangueiras, piedosos tamarineiros, vão sendo ceifados pelo machado impiedoso de avenidas”.⁹⁶ A região que ainda apresentava um ar bucólico, quase que rural, transforma-se com o crescimento urbano, com a as novas avenidas, aumento demográfico e como vemos para o autor essa modernidade que se estabelecia na região não era valorizada, nos seus textos há uma demonstração de lamento.

Mas, não só o lugar, a própria palavra *subúrbio*, diante do contexto da capital do Brasil, também mudou de sentido. Para Nelson da Nóbrega Fernandes, houve um raptó ideológico da categoria subúrbio que se estabelece, a partir do momento que muda o seu significado e função, e que passou a ser o “lugar anunciado para o proletariado da cidade”. O espaço da urbe, do centro, da ação dos

⁹³ ABREU, 2006.

⁹⁴ FERNANDES, 2011.

⁹⁵ FERNANDES, 2011, p. 42.

⁹⁶ RESENDE, 2017, p. 62.

sujeitos com direitos nesse processo é retirado dos trabalhadores que são pressionados a viver nas bordas da cidade.⁹⁷

No caso do Rio de Janeiro, o deslocamento de sentido e significado da categoria pode ser representado pelas mudanças que o espaço chamado subúrbio apresenta, um deles é seu aspecto rural, despovoado, modificou-se rapidamente, os subúrbios cariocas apresentam um cenário cada vez mais urbano. Um outro elemento destacado na sua caracterização é a presença da linha férrea, tornando-se uma das mais importantes referências para os bairros. As estações dos trens cada vez mais, tinham diferentes frequentadores, desde uma camada média, formada principalmente por funcionários públicos, até os mais pobres, os operários, as camadas menos abastadas que por lá habitam.

Importante destacar que não é a distância do centro, a ideia de periferia instaurada no significado desta categoria. No Rio de Janeiro, mesmo bairros mais distantes não foram chamados de suburbanos. A questão da composição social e econômica da população dos bairros passou a designar o sentido do uso de subúrbios para os bairros, desta forma mesmo bairros distantes do centro, mas com uma população economicamente mais elevada, não se enquadrariam neste conceito.

2.2 Os Distritos suburbanos e os Trens

Os distritos chamados de suburbanos do Rio de Janeiro estão intimamente ligados à expansão da linha férrea. Uma vez que ainda no Império, com a fundação E. F. D. Pedro II, inaugurada em vinte e nove de março de mil oitocentos e cinquenta e oito, 29.03.1858, duas estações que partiam da Central, naquele período conhecida pelo nome de Campo, seguiam rumo à estação de Venda Grande, atual Engenho Novo e depois para Cascadura. Ainda nas décadas finais do século XIX tivemos a incorporação das estações de Engenho de Dentro (1871), Piedade (1873), Cupertino (1886) e Encantado (1889).⁹⁸

A expansão da linha férrea, inclusive com outros ramais como o da Leopoldina Railway e do Rio do Ouro, representava o crescimento da cidade para além da região urbana. As muitas transformações que o Rio de Janeiro vivenciou

⁹⁷ FERNANDES, 2011, p. 51.

⁹⁸ MIYASAKA, 2008, p. 24-25.

nas primeiras décadas do século XX, tais como a crescente imigração, o processo de modernização econômico acompanhado das reformas urbanas, intensificadas com o Governo Rodrigues Alves e seu Prefeito Pereira Passos, foram fatores para a crescente ocupação dos locais suburbanos e sua crescente urbanização. Entre 1890-1906, o distrito de Inhaúma, por exemplo, o mais próximo da área urbana, registrou um crescimento demográfico de 55%.⁹⁹

A formação e crescimento dos subúrbios cariocas ainda se diferenciava quanto a sua forma, no Rio de Janeiro os subúrbios assumiram um território longilíneo, diferente de outras cidades, que geralmente se estabeleceu como circular. O autor Maurício de Abreu analisa essa característica da seguinte maneira:

O processo de ocupação dos subúrbios, tomou a princípio, uma forma tipicamente linear, localizando as casas ao longo da ferrovia e, com maior concentração, em torno das estações. Aos poucos, entretanto, ruas secundárias, perpendiculares à via férrea foram sendo abertas pelos proprietários de terras ou por pequenas companhias loteadoras, dando início assim a um processo de crescimento radial, que se intensificaria cada vez mais com o passar dos anos.¹⁰⁰

O Rio de Janeiro do período da Reforma Pereira Passos, entre 1903-1906, também será caracterizado por essas regiões cortadas pelas linhas férreas, chamadas de subúrbios. Uma região habitada pelos mais pobres, mas também por setores médios, carente das ações do estado, no entanto com aluguéis mais baratos, além de casas mais amplas e baratas. O lugar, suas marcas e habitantes dos subúrbios aparecem com suas peculiaridades na obra de Lima Barreto.

Os trens partiam da Central, que se consolida como marco inicial da cidade, ao interligar o centro da capital federal, região privilegiada por ser o foco da economia e da política do país, com os distritos suburbanos e seus muitos bairros, áreas de moradia dos trabalhadores do comércio, oficinas, entre outros serviços. Assim como de funcionários públicos, militares de baixa e média patente. Os subúrbios não só se expandiram como áreas de moradia, mas também nesse período algumas fábricas se estabelecem na região.¹⁰¹

No romance *Clara dos Anjos* e em outros trabalhos, os subúrbios e a importância dos trens se destacam na obra de Lima Barreto. Por diversas vezes,

⁹⁹ MIYASAKA, *Op. Cit.*, 2008, p. 31-32.

¹⁰⁰ ABREU, 2006, p. 50.

¹⁰¹ ABREU, 2006, p. 80.

tanto nos seus textos ficcionais, como no seu diário, o autor descreve o cotidiano nos trens:

Nessas horas, as estações se enchem, e os trens descem cheios. Mais cheios, porém, descem os que vêm do limite do Distrito com o estado do Rio. Esses são os expressos. Há gente por toda parte. O interior dos carros está apinhado e os vãos entre eles como que trazem quase a metade da lotação de um deles. Muitos viajam com uma mão no carro e outro no imediato, agarrando-se com as mãos às grades das plataformas.¹⁰²

A descrição acima, retirada de seu romance *Clara dos Anjos*, reforça a importância dos trens como principal meio de mobilidade dos trabalhadores, assim como as péssimas condições do serviço prestado, com a lotação dos vagões, com o risco iminente nas viagens pela qual esses homens e mulheres vivenciavam, nas primeiras décadas do século XX para chegarem nos seus lugares de trabalho. Inclusive registra um cenário, infelizmente muito comum nas linhas férreas atuais da região metropolitana do Rio de Janeiro.

As estações, os vagões, em especial da Estrada de Ferro Central do Brasil, destacam-se no cenário suburbano de Lima Barreto, quase como personagens dos seus romances. O próprio autor afirma, que nos vagões tanto de primeira classe, quanto de segunda classe, ele observava a multiplicidade social que circulava pelos trens. Nos de primeira classe, geralmente viajavam a aristocracia local, enquanto nos vagões de segunda, predominavam os operários.

Nestes espaços que caracterizavam os subúrbios cariocas, o papel da linha férrea e das suas estações ultrapassavam as questões relacionadas ao mundo do trabalho. Como afirma o próprio numa crônica de 1921:

Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida. Antigamente, quando ainda não havia por aquelas bandas jardins e cinemas, era o lugar predileto para os passeios domingueiros das meninas casadouras da localidade e os rapazes que querem casar, com vontade ou sem ela. [...]

De resto, é em torno da ‘estação’ que se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo subúrbio. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, ou açougues e - é preciso não esquecer - a característica e inolvidável quitanda.¹⁰³

¹⁰² BARRETO, 2019, p. 189.

¹⁰³ REZENDE, 2017, p. 190.

Nas proximidades das estações os bairros se estabeleciam, as relações sociais e econômicas se fortaleciam, assim acabavam por construir laços identitários e de sociabilidade, no processo de construção destes bairros. Inclusive, pelas diferenciações de uma estação da outra, em relação à distância da Central, pela diversificação do comércio, pela infraestrutura de cada uma delas, se era maior, se havia bilheteria, possibilitou uma maior hierarquização entre os bairros do subúrbio carioca.

O distrito do Méier no início do século XX, era composto pelos bairros de Todos os Santos, Cachambi, Engenho de Dentro, foi uma região que apresentou um expressivo crescimento no período analisado. Entre os bairros, o Méier foi se destacando pelo crescimento comercial, de lojas de roupas, confeitarias e de diversão, pois já possuía dois cinemas nas primeiras duas décadas, por isso foi chamado de “capital dos subúrbios”. Quando Lima Barreto descrevia a região que morava, ironizava o Méier, sua “aristocracia local”, sua agitação, assim como destacava as marcas rurais, ainda predominantes em Todos os Santos, bairro que morou até a sua morte, em 1922.¹⁰⁴

A análise sobre os subúrbios do Rio de Janeiro, do início do século XX, reforça a visão de uma região heterogênea, tanto econômica quanto socialmente. Desde suas origens, a formação destes bairros apresentava uma população que se diferenciava, na formação acadêmica, nas atividades laborais. Assim como, havia povoados com melhor infraestrutura, urbanizados, mais próximos do centro, por isso mais valorizados. Nas cercanias dos subúrbios, haviam lugarejos desprovidos de um mínimo de estrutura urbana, onde sua posição na linha férrea era bastante decisiva, para sua maior ou menor valorização imobiliária e social. Como afirma Schwarcz ao analisar a escrita de Lima Barreto e os subúrbios:

[...] Será preciso, não obstante, conceder e concluir, junto com o narrador, que os subúrbios não eram mesmo regiões homogêneas. Se na contraposição com o centro pareciam muito semelhantes entre si, olhados de dentro e de perto deixavam perceber claras diferenciações internas. Os critérios das estações de trem eram ainda mais definitivos quando a eles se juntavam outras formas de qualificação social: a classe social que variava de acordo com os bairros ou até a cor dos indivíduos, a qual contava histórias de um passado não tão longínquo.¹⁰⁵

¹⁰⁴ SCHWARCZ, 2017, 168-169.

¹⁰⁵ SCHWARCZ, *Op. Cit.*, 2017, p. 182.

As marcas históricas desta região, em especial a importância da linha férrea para os subúrbios cariocas, presentes nas análises dos especialistas, assim como na literatura de Lima Barreto remontam o início do século XX e a consolidação de seu povoamento e urbanização. Nas atualidades, os bairros suburbanos do Rio de Janeiro, cortados pelas estradas de ferro, mantém essa relação de destaque com esse lugar. Continua sendo um importante meio de transporte, onde milhares de pessoas utilizam diariamente os trens para as muitas demandas do cotidiano, como o trabalho, a diversão e os estudos.

As estações de trem, geralmente, são os pontos de referência, lugar de intenso comércio e circulação, define inclusive a hierarquização entre os bairros, assim como divisões internas. De que lado é a moradia, também se tornou um dos elementos de diferenciação. Se há um século era até um lugar de encontro, ela continua construindo sociabilidades distintas, mas decisivas na experiência dos chamados suburbanos.

2.3 O Lugar dos Subúrbios Cariocas em Lima Barreto

Lima Barreto denunciava as necessidades da região cobrando do Estado um maior investimento, “o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos. [...] Nem lhes facilita a morte, isto é, o acesso aos cemitérios locais”.¹⁰⁶ Segue abaixo a descrição de um enterro na região:

Houve, porém, uma ocasião, que o corpo não chegou a seu destino. Beberam tanto, que o esqueceram no caminho. Cada qual que saía da venda olhava o caixão e dizia: Eles que estão lá dentro, que o carreguem. Chegaram ao cemitério e deram por falta do defunto. ‘Mas não era você que o vinha carregando?’ – perguntava um. ‘Era você’ – respondia o outro; e, assim, cada um empurrava a culpa para o outro.¹⁰⁷

No trecho retirado do seu romance, o autor nos fornece dados de um cotidiano distinto do nosso tempo e carregado nas críticas, pois o trajeto era tão longo e árduo, que o próprio corpo deixou de ser o foco num enterro. Essas e outras histórias de Lima Barreto destacam o seu papel engajado, em que a crônica de um

¹⁰⁶ BARRETO, 2018, p. 185.

¹⁰⁷ BARRETO, *Op. Cit*, 2018, p. 187.

morador, observador e intelectual construiu uma literatura e uma fonte histórica de relevância.

A relação de Lima Barreto com os subúrbios é explícita e relevante. Importante analisar que nem sempre foram lineares, isto é, muitas vezes seus textos demonstram uma certa ambiguidade ao abordar o lugar e sua população. Em alguns escritos percebemos um olhar afetuoso ao caracterizar a região, como nesse trecho que o autor descreve a rua que Clara dos Anjos residia:

Era uma rua sossegada e toda ela, ou quase toda, edificada ao gosto do antigo subúrbio, ao gosto do *chalet*. Estava povoada e edificada quase inteiramente, de um lado e de outro. Dela, descortinava-se um lindo panorama de montanhas de cores cambiantes, conforme fosse a hora do dia e o estado da atmosfera. Ficavam-lhe muito distantes, mas pareciam cercá-la, e ela, a rua, ser o eixo daquele rondel de montes, em que, pelo dia em fora, pareciam ser iluminados por projeções luminosas, revestindo-se toda a gama do verde, de tons de azuis; e, pelo crepúsculo, ficavam cobertos de ouro e púrpura.¹⁰⁸

Assim como, em diversos momentos Lima Barreto critica os subúrbios e sua população, geralmente, se colocando como um estrangeiro na região, ele diferencia-se daquele povo, das práticas tradicionais, da má formação acadêmica, do mau gosto da arquitetura e das vestimentas, evitando maior proximidade. O autor se contradiz, ora se colocando como mais um suburbano, e em muitos textos expressando claramente que estava ali como um mero observador, inclusive criticando suas práticas. Numa das passagens do romance *Clara dos Anjos*, o autor analisa “a gente pobre é difícil de se suportar mutuamente, por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres”.¹⁰⁹

Lima Barreto, em algumas passagens do romance, expressa suas críticas ao modo de viver dos pobres suburbanos, da sua falta de civilidade, de cultura, de formação acadêmica e acaba por praticar o chamado bovarismo, o de não se entender e perceber a sua realidade, crítica comum que costumava imputar às elites brasileiras, por valorizar principalmente o estrangeiro. De alguma forma, fugindo da realidade suburbana, o autor evitava por muitas vezes maior proximidade.

Para Milton Santos, a proximidade num lugar é um elemento decisivo, pois “a sociabilidade será tanto mais intensa quanto maior a proximidade entre as

¹⁰⁸ BARRETO, 2019, p. 65-66.

¹⁰⁹ BARRETO *Op. Cit.*, 2019, p. 184.

peças envolvidas”.¹¹⁰ Ao analisar seus textos ficcionais e biográficos, as contradições nessa relação do autor com os subúrbios se sobressaem. Se havia a proximidade de Lima Barreto com esse lugar, as sociabilidades suburbanas tanto foram enaltecidas, como retratadas de forma negativa.

O cotidiano dos subúrbios cariocas tão presentes nos seus textos, em especial no romance *Clara dos Anjos* foi construído por um autor, que viveu décadas naquele lugar, mas que muitas vezes escrevia como se não fosse parte integrante daquela sociabilidade. Porém, sua presença se apresentava como fundamental, pois esse mesmo lugar, em seus escritos era representado como resistência ao projeto modernizador que se consolidava no seu tempo e na sua cidade, o Rio de Janeiro, capital federal. Os subúrbios cariocas, para Lima Barreto, em muitos dos seus textos, mantinham práticas de um passado que ele via se esvaír.

Diferente de muitos autores literatos, seus contemporâneos, Lima Barreto incomodava-se com as transformações sociais e econômicas que se estabeleciam no país, e em especial no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. Não se encantava com as avenidas, os arranha-céus, as fachadas, muito pelo contrário, foi um crítico feroz desta visão civilizatória pautado no progresso que prevalecia no período. Para Marcos Vinícius Scheffel:

Lima Barreto dinamizou e problematizou a questão das relações entre centro e periferia (subúrbio) nessas duas primeiras décadas do século XX. Parece-me que a visão do autor vai muito além de um mero choque entre essas duas áreas da cidade: o setor chic, smart, cosmopolita da cidade versus o reduto dos setores populares e marginalizados. Lima Barreto não foi apenas um apologista dos subúrbios e também não foi apenas um ferrenho combatente das modas europeias, como se costuma acreditar. O autor vivenciou os conflitos e contradições típicos de sua época: a oscilação entre a tradição e os anseios reformistas.¹¹¹

Lima Barreto foi capaz de descrever e abordar características dos subúrbios cariocas, desde práticas culturais, com seus saraus de modinhas, a hierarquização entre os bairros e as constantes brigas na vizinhança, mas que logo eram esquecidas em caso de doença ou morte. Assim como, refletia e criticava a capital federal, suas elites intelectuais e políticas, suas avenidas e palácios de mármore, o bovarismo de

¹¹⁰ SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006, p. 215.

¹¹¹ SCHEFFEL, Marcus V. *O Ideal da idade do ouro na escrita de Lima Barreto*. Organon, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 87-51, jul./dez. 2013. 2013, p. 90.

Botafogo e Petrópolis. Desta forma, construiu uma obra literária que percorreu diversos formatos, do romance a crônica, que dialogou com as múltiplas transformações e permanências que o Rio de Janeiro e sua população experimentou na sua historicidade.

2.4 A Importância da História do Lugar no Ensino de História

o lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.¹¹²

A partir deste conceito, acerca da ideia de lugar, pretendo refletir a importância deste, no meu trabalho, onde os subúrbios cariocas em Lima Barreto se tornaram uma das minhas referências ao pensar a importância do lugar também para o ensino de história. No espaço testemunhado pelo referido autor encontra-se hoje a escola estadual em que estou lotada desde 2005, mais especificamente no Cachambi, um dos bairros que faz parte do chamado subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.

Considero relevante o quanto podemos observar e verificar das chamadas continuidades e rupturas, no processo de entendimento deste lugar e das relações construídas nestes tempos distintos, a fim de perceber os elementos pautados em “relações de duração e mudança, entre o contínuo e o descontínuo” na construção da narrativa histórica no âmbito escolar.¹¹³

Importante destacar que o objetivo não é fazer uma história dos subúrbios cariocas, mas o de se debruçar em possíveis interlocuções entre o romance de Lima Barreto e a sua narrativa acerca deste lugar, com as experiências, análises e narrativas historicamente construídas na contemporaneidade, tendo a sala de aula como um importante elemento na construção deste possível diálogo entre as múltiplas temporalidades presentes.

A partir da metodologia da história do lugar, pretendo historicizar esse espaço e dar relevância aos seus processos de constituição identitária, em que a

¹¹² SANTOS, 2006, p. 221.

¹¹³ MENEGUELO, 2019, p. 65.

construção do conhecimento histórico entre os alunos deve ser baseada na pesquisa do seu lugar, do entendimento de seu bairro, de suas marcas econômicas e sociais, de seu passado, do seu entorno relacionado com o contexto da sua cidade, estado e país.

Para Joaquim Justino M. dos Santos, a metodologia de pesquisa que parte do lugar possibilita aos discentes uma maior valorização das suas origens, suas práticas tradicionais e conhecimento de outras temporalidades resultantes de um processo histórico construído socialmente, e do qual eles também são sujeitos.¹¹⁴

No texto, *História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental*, o autor destaca a relevância do desenvolvimento de um método de ensino, amparado no conhecimento histórico, que se embasa na história do lugar, onde o espaço de pertencimento dos alunos seja parte integrante e protagonista na história produzida no âmbito escolar, o seu artigo apresenta o método, propostas e resultados desenvolvidos pelo autor no trabalho que o mesmo desenvolveu entre a década de 1990 e o início dos anos 2000 no subúrbio carioca.

Diante desta temática, a história do lugar, e sua relação com o ensino básico, enfatizando as múltiplas temporalidades e a historicidade dos subúrbios cariocas, o texto de Joaquim Justino M. dos Santos destaca a relevância da população da região conhecer a sua própria história, pois na sua interpretação:

essa região e toda riqueza cultural embutida na música, nas festas, nos hábitos e costumes populares, caracterizadores do dia-a-dia e do modo de ser típico das populações suburbanas cariocas até pelo menos as décadas de 1950 e 1960, veem hoje essas práticas particulares postas como ultrapassadas e/ou de importância menor.¹¹⁵

O autor preocupa-se com o galopante processo de globalização que também altera o cenário e as práticas sociais e culturais da região, onde uma possível identidade suburbana carioca pautada em suas festas populares, brincadeiras de rua, conversas nas calçadas estão cada vez mais, sendo abandonadas e esquecidas pelas novas gerações, influenciadas por um escopo cultural completamente distinto do subúrbio de um passado, que se torna cada vez mais sem sentido nesta

¹¹⁴ SANTOS, 2002.

¹¹⁵ SANTOS, 2002, p. 107.

temporalidade do subúrbio do presente.

Diante destas transformações que o subúrbio carioca vem passando, segundo o autor torna-se urgente aos moradores da região conhecerem suas origens e valorizarem suas práticas tradicionais de outros tempos, para o processo de construção e/ou manutenção de uma identidade local, e de um pleno exercício da sua cidadania onde afirma “acredito ser possível as populações locais recuperá-los e preservá-los ao identificarem papéis que desempenham na história do lugar onde residem e convivem, conhecendo-a com suas especificidades e formas de ser particulares”.¹¹⁶

O autor parte do pressuposto metodológico que o lugar possui sua historicidade e se integra às práticas econômicas, políticas, culturais do cotidiano daqueles moradores. Assim como se integra a outros lugares, não sendo possível pensar o subúrbio carioca do final do século XX analisado pelo autor sem levar em consideração as mudanças, que a cidade do Rio de Janeiro, o estado, o país e o mundo também experimentaram.

O método de pesquisa proposto no seu trabalho possui como perspectiva de construção do conhecimento histórico entre os alunos das escolas fundamental e médio, a partir da história do seu lugar, de entender a origem do seu bairro, reconhecer suas marcas históricas, compreender os sinais do tempo no seu entorno, o mais próximo e significativo da sua realidade. Partindo do familiar para o mais distante, tanto no tempo quanto no espaço, a partir da análise do lugar parte suas reflexões e estudos na história, em relação com a cidade, com o estado, enfim com um saber histórico mais geral e universal.

O lugar do subúrbio carioca, mais específico que o autor trabalhou com seus alunos, foi o bairro de Ramos. Ele ressalta o quanto essa proposta foi significativa para toda a comunidade escolar, o quanto o ensino de história se tornou relevante, vivenciado a partir da análise de uma região que passou por transformações econômicas expressivas, como o processo de industrialização crescente, do crescimento populacional, acompanhado da favelização, onde o professor e os alunos puderam perceber e refletir sobre as múltiplas temporalidades que o bairro passou nas últimas décadas.

No artigo, o autor defende que a aula de história deve se pautar na pesquisa,

¹¹⁶ SANTOS, 2002, p. 110.

com o uso de múltiplas fontes, utilizando desde documentos oficiais, fotos e testemunhos dos mais antigos moradores, do patrimônio no seu entorno, desta forma promovendo uma maior experimentação do tempo, passado e presente, de toda a comunidade escolar. O lugar se apresenta como mais um elemento que nos permite ter acesso a informações sobre como as pessoas daquele lugar viviam, perceber as possíveis permanências e com certeza destacar as mudanças e rupturas promovidas no tempo naquele espaço.

No ensino de história, a proposta da história do lugar propõe um protagonismo discente, ressalta a importância das experiências compartilhadas por eles. Possibilita um maior envolvimento e interesse pela disciplina, considerando um conhecimento para além dos muros escolares. Além das pesquisas, documentos, registros pessoais e da coletividade considero importante alçar a essa análise a literatura de Lima Barreto, em especial o romance *Clara dos Anjos*, como mais uma das possíveis narrativas deste lugar.

Além de ampliar os conhecimentos sobre os subúrbios, o trabalho entende a importância dos discentes se apropriarem de distintas experiências do tempo na região, até para possibilitar maior entendimento das transformações e da sua realidade, onde o conhecimento histórico possa se estabelecer como uma espécie de guia de orientação para homens e mulheres lidarem com o tempo.

O autor alemão Jörn Rüsen ao refletir sobre o conhecimento histórico, seu caráter científico, suas práticas na academia, na escola e na vida quotidiana ressalta seu caráter universal. Segundo ele, há uma consciência histórica que é apresentada como uma consciência humana, ao perceber que em qualquer cultura, nas múltiplas historicidades, as sociedades se relacionam com o tempo, o natural ou social.¹¹⁷

A consciência histórica é, assim, o modo pelo qual a relação dinâmica entre experiência do tempo e intenção no tempo se desenvolve na vida humana, vista como processo social. Essa operação pode ser descrita como orientação do agir humano no tempo, na articulação de experiências e intenções. Como afirma:

[...] A consciência histórica é, pois, guiada pela intenção de dominar o tempo que é experimentado pelo homem como ameaça de perder-se na transformação do mundo e dele mesmo. O pensamento histórico é, por

¹¹⁷ RÜSEN, 2001, p. 58-60.

consequente, ganho de tempo, e o conhecimento histórico é o tempo ganho.¹¹⁸

Dominar a leitura do seu tempo se apresenta como um dos principais objetivos no ensino de história, e percebo que o uso da literatura de Lima Barreto e o método da história do lugar de Joaquim Justino dos Santos possibilitam aos meus discentes e toda nossa comunidade escolar o aprofundar dos seus conhecimentos históricos, não só dos subúrbios cariocas, mas também da sua cidade, estado e país apropriando-se de saberes necessários à sua formação enquanto sujeitos históricos.

Com a análise do romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, uma das principais fontes desta pesquisa, destacamos o lugar de importância dos subúrbios cariocas, tanto para o literato quanto para a minha prática docente. Uma outra questão que se impõem como relevante são as relações sociais estabelecidas, em especial a questão racial. Um dos primeiros autores, a se dedicar a refletir e denunciar o racismo presente na sociedade brasileira foi Lima Barreto, ele mesmo homem negro e suburbano.

A escolha deste autor e deste romance se estabelece por entender a necessidade de se empreender no ensino de história práticas que busquem historicizar o racismo e refletir sobre possíveis formas de sua superação. Como afirma Lélia González: “Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular”.¹¹⁹ Dessa forma, analisar sobre como esse sintoma da neurose do Brasil se desenvolve no país, refletir sobre como ele é ocultado no mito da democracia racial, ainda muito forte na sociedade brasileira, e em especial como o racismo para as mulheres negras se forma e se implementa, se apresenta como mais um elemento da minha proposta de pesquisa e prática docente.

¹¹⁸ *Op. Cit.*, 2001, p. 60.

¹¹⁹ GONZÁLEZ, 1984, p. 224.

3

O racismo que se estrutura

Além da história do lugar, o que despertou meu interesse, em relação ao romance, como elemento fundamental da pesquisa foi à multiplicidade de temas, ainda tão relevantes para a realidade brasileira, desenvolvidos pelo autor por meio dos seus personagens. A discussão do racismo, da desigualdade social, da violência contra as mulheres, em especial em relação as negras, a ausência do Estado nos bairros pobres, entre tantos outros assuntos, que a sua literatura militante, ainda nos pode embasar com reflexões sobre problemas do nosso país, assim como os de nossa cidade e dos subúrbios cariocas.¹²⁰

A literatura de Lima Barreto e seu caráter quase que etnográfico, caracterizou um autor que se preocupou em descrever com nuances as experiências da população suburbana, assim como das elites de Botafogo, das distinções étnicas destes lugares, onde a cor da pele sempre era explicitada. Dissertou sobre a política, a cultura, as práticas religiosas e como essa múltipla sociedade se relacionava, de como eram tratados os mais pobres e pretos, como os mais ricos usufruíam de privilégios numa república excludente e racista como a do Brasil do início do século XIX.

No campo do ensino historicizar o racismo, elemento institucionalmente presente no Brasil, se estabelece como um fator essencial. Uma importante discussão acerca das diferentes práticas racistas foi discutida por Silvio Almeida, classificando-as como racismo individual, institucional e estrutural. O autor analisa as relações entre essas formas de se expressar o racismo no país e destaca a importância de o entendermos como parte da estrutura social. Como ele afirma:

[...] Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como ‘normais’ em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e de gênero. [...] Enfim, sem nada fazer toda instituição irá tornar-se uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas.¹²¹

¹²⁰ PRADO, 1980, p. 100.

¹²¹ ALMEIDA, 2019, p. 37.

A defesa da existência do racismo estrutural no Brasil, não significa a aceitação de práticas racistas individuais e/ou das institucionais, muito pelo contrário, ressalta a percepção de que o racismo é resultado de um processo histórico e social, e como tal, pode ser transformado, pois não é natural, daí a necessidade de se desenvolver práticas antirracistas, em especial no campo do ensino, modificando as estruturas que o mantém há séculos no país.

Diante deste pressuposto, a escolha de refletir sobre o racismo nas escolas e empreender práticas que possibilite sua superação se encontra com Lima Barreto em *Clara dos Anjos* e em outras obras. O autor já denunciava a valorização, por parte das elites dirigentes e intelectuais, da cultura eurodescendente como símbolo dos padrões civilizatórios que o país deveria seguir, em oposição às múltiplas etnias, como os negros, vistos como inferiores e perigosos, ressaltando a exclusão social e econômica dos chamados “homens de cor”.

Dentre os muitos e incríveis personagens de Lima Barreto, escolhi a personagem Clara inicialmente apareceu em um conto, posteriormente no romance *Clara dos Anjos*, publicado postumamente em 1948, onde o autor narra a história desta menina negra e demais personagens convivem com o racismo e outras dificuldades enfrentados pela população que vivia nos subúrbios do Rio de Janeiro, do início do século XX. As obras têm como principal enredo a relação de uma jovem – criada com muito cuidado pela família e com pouca experiência de vida – e de Cassi Jones no romance ou Júlio Costa no conto, um homem, descrito pelo autor, com muitos desvios de caráter, um “amoral, vagabundo, modinroso sem talento”,¹²² mas que por ser branco se julgava e era tratado pela sociedade como superior.

No romance e no conto, o racismo é expresso no fim trágico da personagem principal, Clara é enganada por Cassi ou Júlio Costa. Ela perde sua virgindade, um dos símbolos da moralidade feminina no período, engravidando acaba abandonada, narrando o pior dos destinos para uma mulher negra e pobre do período. Lima Barreto termina seu romance com a seguinte fala de Clara dos Anjos para a sua mãe: “Nós não somos nada nesta vida”.¹²³

Como muitas mulheres negras, Clara perde um importante bem, a sua dignidade, seu amor próprio, onde seu corpo disputado por um homem branco o

¹²² BARRETO, 2017, p. 84.

¹²³ *Op. Cit.*, 2018, p. 294.

domina como um objeto. A inocência da menina negra, de um amor romântico acaba num episódio comum e corriqueiro para as mulheres pobres, o que demonstra o papel periférica destas nessa sociedade. Lima Barreto em muitos dos seus textos demonstrava sua indignação com o tratamento reservado as mulheres, o de serem objetos dos homens, em especial as mulheres negras, de alguma forma podendo ser visto como uma permanência de séculos de escravidão onde o corpo da mulher escravizada foi tratado como um bem para os senhores usufruírem.

3.1 A Raça entra em Cena

Das últimas décadas da monarquia às primeiras décadas da república recém proclamada, a intelectualidade brasileira, formada por literatos, juristas, médicos debatem teorias que possibilitassem o entendimento do país, refletindo sobre os problemas presentes e projetos de futuro. Dentre as muitas ideias do século XIX, as evolucionistas e o darwinismo social se consolidam em muitos estudos e escritos no Brasil e em diversos centros de pesquisas, também divulgado na literatura e nos jornais do período.

Na Europa do século XIX, autores como Buffon e Pavn defendem diferenças básicas entre os homens,¹²⁴ de alguma forma rompendo com os princípios iluministas do século XVIII, que defendia uma humanidade una, ou seja, os humanos eram uma só espécie, e as diferenças sociais estariam relacionadas as fases de desenvolvimento de cada sociedade. A defesa de diferenças entre os grupos humanos instaura a questão racial como um elemento de distinção e naturalização de hierarquização entre os povos.

Delinea-se, a partir de então certa reorientação intelectual, uma reação ao Iluminismo em sua visão unitária de humanidade. Tratava-se de uma investida contra os pressupostos igualitários das revoluções burguesas, cujo novo suporte intelectual concentrava-se na ideia de raça, que em tal contexto cada vez mais se aproximava da noção de povo. O discurso racial surgia, dessa maneira, como variação do debate sobre cidadania, já que no interior desses novos modelos discorriam-se mais sobre determinações do grupo biológico do que sobre o arbitrio individual [...].¹²⁵

¹²⁴ SCHWARCZ, 1993, p. 46-47.

¹²⁵ *Op. Cit.*, 1993, p. 47.

A desigualdade entre os humanos poderia explicar as hierarquizações entre os povos. As noções de civilização, progresso, tão caras ao período possibilitavam ao evolucionismo uma visão otimista, pois todas as sociedades passariam por etapas de aprimoramento e ao se integrar ao processo evolutivo dos superiores, isto é, os brancos da Europa ocidental, progredindo e consolidando seus valores civilizatórios, outros grupos sociais, de distintas regiões do planeta poderiam retornar à sua humanidade.

O evolucionismo social não duvidava das diferenças entre os povos, muito menos da noção de superioridade de valores e práticas de uma civilização sobre outra. Mas, ao manter seus laços com uma missão mais humanista, ainda pautado em valores iluministas, defendiam que os povos passariam por um processo de evolução gradual, onde aprimorariam a cada etapa suas estruturas sociais, políticas e culturais, aproximando-se cada vez mais com o padrão civilizatório, que era o da Europa branca ocidental.

Civilização e progresso, termos privilegiados da época, eram entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais. Segundo os evolucionistas sociais, em todas as partes do mundo a cultura teria se desenvolvido em estados sucessivos, caracterizados por organizações econômicas e sociais específicas. Esses estágios, entendidos como únicos e obrigatórios – já que toda humanidade deveria passar por eles – seguiam determinada direção, que iam sempre do mais simples ao mais complexo e diferenciado.¹²⁶

Os diferentes estágios culturais defendidos pelos evolucionistas sociais se diferenciavam dos teóricos que acreditavam numa humanidade dividida, isto é, os que defendiam distinções naturais entre os grupamentos humanos. Os teóricos defensores do chamado darwinismo social acreditavam em determinismos biológicos, dessa forma haveriam raças humanas distintas, fisicamente diferentes. O que justificava a hierarquização entre as raças, as superiores poderiam dominar as inferiores, inclusive eliminá-las, em busca de uma melhoria das populações. Para a *teoria das raças*:

[...] A primeira tese afirmava a realidade das raças, estabelecendo que existiria entre as raças humanas a mesma distância encontrada entre o cavalo e o asno, o que pressupunha também uma condenação ao cruzamento racial. A segunda máxima instituíra uma continuidade entre

¹²⁶ SCHWARCZ, 1993, p. 57.

caracteres físicos e morais, determinando que a divisão do mundo entre raças corresponderia a uma divisão entre culturas. Um terceiro aspecto desse mesmo pensamento determinista aponta para a preponderância do grupo ‘racio-cultural’ ou étnico no comportamento do sujeito, conformando-se enquanto uma doutrina de psicologia coletiva, hostil à ideia do arbítrio do indivíduo.¹²⁷

A defesa da eugenia,¹²⁸ o aprimoramento das raças, se estabelece, pois, parte da cientificidade do contexto histórico ao acreditar que *o progresso estaria fadado às nações puras*. O darwinismo social e o movimento eugênico que se estabelece nos fins do XIX na Europa, mas ganha adeptos no decorrer do século XX em diversas regiões da Europa, inclusive nas Américas, de alguma forma rompia com o evolucionismo social, pois para essa corrente nem todos os povos se integram ao progresso e à civilização.

[...] Com efeito, punha-se por terra, a hipótese evolucionista, que acreditava que a humanidade estava fadada à civilização, sendo que o termo ‘degeneração’ tomava aos poucos o lugar ocupado pelo conceito evolução, enquanto metáfora maior para explicar os caminhos e desvios do progresso da Europa ocidental. Para os autores darwinistas sociais o progresso estaria restrito às sociedades ‘puras’, livres de um processo de miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória.¹²⁹

As elites intelectuais brasileiras, do início do século XX, foram influenciadas pelo arcabouço teórico apresentado, ressignificando conceitos que pudessem ser utilizados à nossa realidade, muitos médicos, juristas, antropólogos, literatos utilizam-se da questão racial como um elemento central para se pensar e projetar o Brasil. Neste mesmo cenário social e científico que Lima Barreto produziu sua obra e experimentou práticas racistas na sua trajetória pessoal e profissional.

A miscigenação da população brasileira atormentava muitos dos intelectuais brasileiros, como o médico Nina Rodrigues, uma visão pessimista até a década de 20 do século XX parecia predominar, por acreditarem na degeneração das raças misturadas. A discussão por muitas vezes também aparece nos textos de Lima Barreto, em alguns momentos com ironia e descrédito das verdades científicas, mas

¹²⁷ SCHWARCZ, 1993, p. 58-59.

¹²⁸ O termo eugenia, eu=boa; genus=geração foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton (SCHWARCZ, 1993, p. 60).

¹²⁹ SCHWARCZ, *Op. Cit.*, 1993, p. 61.

também pela tristeza de perceber o preconceito legitimado pela ciência. Como podemos observar em uma das suas observações presentes no seu diário íntimo:

Discutindo a incapacidade mental desta ou aquela raça, temos o ar de dizer com o poeta grego — os bárbaros, gente vil que não ama a filosofia e ciências; ele se dirigia ao avô de Kant e ao tio de Descartes. Se a feição, o peso, a forma do crânio nada denota quanto a inteligência e vigor mental entre indivíduos da raça branca, porque excomungará o negro? Os árias, quando no plateau da Bactriana, nada valiam; emigrando, após séculos de fermentação, brilharam numa cultura superior; porque os negros, transportados de África pelo tráfico, não desenvolverão uma civilização ou concorrerão para ela? Esse fenômeno de mudança de habitat é importante para o estudo. A ciência é um preconceito grego; é ideologia; não passa de uma forma acumulada de instinto de uma raça, de um povo e mesmo de um homem.¹³⁰

Lima Barreto destaca no seu texto o caráter ideológico da ciência, opondo-se ao discurso dominante do período, que pressupunha sua imparcialidade e infalibilidade. O autor criticava o preconceito presente na ciência da época, em especial ao determinismo racial e geográfico, que impunha a partir dos pressupostos científicos do período, a inferioridade de negros e mestiços, impondo um discurso pessimista acerca do futuro da nação brasileira, por ter uma população formada, em sua maioria, por esses grupos.

O pessimismo nem sempre foi o prevalecente entre os chamados *homens da ciência*, o pensamento racial brasileiro, em seu esforço de adaptação, reformulou o que combinava com a nossa sociedade e descartou o que de certa forma era problemático para a construção de um argumento racial para o país. A inferioridade do Brasil perante as potências europeias estaria relacionada à nossa formação social e racial, africanos, nativos, muitos mestiços, as chamadas “classes perigosas”,¹³¹ mas que passava por profundas transformações no alvorecer do século XX.

As políticas públicas de higienização, saneamento, chegada de imigrantes europeus foram analisadas como ações necessárias para suplantar nosso atraso, ao reorganizar os espaços de circulação, controlar os hábitos tradicionais, com um estado autoritário e centralizador. Os setores populares, as ditas classes perigosas se integrariam aos padrões civilizados, inclusive a própria cor da pele tenderia a se embranquecer, como previa João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional

¹³⁰ BARRETO, 1904, p. 21.

¹³¹ CHALHOUB, S. *Cidade Febril – Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo. Cia das Letras. 1996.

do Rio de Janeiro, que era convidado a participar do I Congresso Internacional das Raças, realizado em julho de 1911. A tese apresentada – “Sur les métis au Brésil” – era clara e direta: “O Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução [...]”.¹³²

A valorização das tradições e valores advindos dos europeus na formação da sociedade brasileira, em oposição aos valores dos povos nativos, negros e mestiços embasou a construção da noção de cidadania na república que se consolidava no país. Importante ressaltar que nem sempre os princípios da república moderna vieram coadunados com a efetiva participação da sociedade, os valores republicanos propagados da igualdade e do universalismo no caso brasileiro, de fato, não se realizaram, tal como afirma Sílvio Luiz Almeida:

A Primeira República brasileira, ao contrário da dos Estados Unidos e da França, não conviveu com a escravidão formal, mas, em compensação, assistiu à reordenação da desigualdade social no país em termos nitidamente raciais, no caso do ‘racismo científico’ e das ‘teorias de branqueamento’, que se tornaram uma espécie de ideologia oficial do país. Na literatura, nos ensaios, nos romances, a raça se estabeleceu como uma categoria essencial para os que desejavam entrar nos debates em torno da cultura nacional. Mesmo que para divulgar, ressignificar ou até negar os discursos advindos do racismo científico, falar do processo histórico de formação do povo brasileiro trazia à baila a questão racial.¹³³

As discussões acerca da raça consolidam na sociedade brasileira discursos e práticas de preconceito racial e exclusão social. A cidadania limitada tinha na ciência justificativa para a sua seletividade, retirando pretos, mestiços, nativos de estarem plenamente representados neste estado, onde geralmente às ações públicas eram voltadas para seu controle e com o uso da violência.

O controle e o aprimoramento destes setores populares, racialmente entendidos como inferiores também se efetivou no decorrer das décadas de 20 e 30 do século passado com políticas públicas voltadas para a educação, o discurso higienista e saneador percebem a escola como um importante espaço de divulgação e implantação dos seus valores e teorias.

¹³² SCHWARCZ, 1993, p. 11.

¹³³ ALMEIDA, 2009, p. 423.

3.2 A Importância da Educação – Mas, de que tipo?

O fim da escravidão, no final do século XIX, e a consolidação de um estado republicano não representou a ascensão dos negros, efetivamente, à condição de cidadãos brasileiros. A ausência de políticas públicas voltadas para as demandas deste grupo social promoveu a organização de diversas instituições associativas e jornais, que buscaram refletir e reivindicar por uma efetiva integração social e econômica destes homens e mulheres, negros e brasileiros, onde a escola era percebida como um espaço destacado para essa inserção.¹³⁴

Muitas destas instituições associativas, no pós-abolição e nas primeiras décadas do século XX, demonstravam preocupação com o acesso limitado à educação para os chamados “homens de cor” e seus descendentes. No texto de Flávio Gomes e Petrônio Domingues que analisa o período e a temática, os autores iniciam suas análises apresentando as dificuldades encontradas na formação acadêmica, destes dois homens negros: Afonso Henriques de Lima Barreto e José Correia Leite. O primeiro tornou-se um dos grandes nomes da nossa literatura, mas não conseguiu completar o seu curso superior na Politécnica e o outro que se alfabetizou tardiamente, já adulto e tornou-se uma das principais lideranças do movimento associativo dos negros daquele período. Os autores defendem que em tempos históricos distintos a educação sempre esteve presente na agenda, sendo concebida como um recurso de importância capital para se contrapor ao “preconceito de cor” e garantir a inclusão e prosperidade afro brasileiro na sociedade.¹³⁵

O *recinto sagrado*, isto é, a escola era percebida por estas associações dos homens de cor, do movimento negro do período, como a instituição capaz de se contrapor ao preconceito racial presente no Brasil no pós-abolição. As instituições nas suas ações demonstravam a preocupação do afastamento e apartamento dos negros e negras dos bancos escolares. Diante da falta de compromisso do estado com esta realidade, muitas criam seus cursos escolares, com a alfabetização, noções básicas de matemática, moral e cívica.¹³⁶

¹³⁴ GOMES, 2005, p. 26-28.

¹³⁵ GOMES; DOMINGUES, 2013, p. 269-274.

¹³⁶ GOMES; DOMINGUES, *Op. Cit.*, 2013, p. 278-281.

Acreditava-se que os negros, à medida que progredissem no campo educacional, teriam mobilidade social, seriam respeitados, reconhecidos e valorizados pela sociedade mais abrangente. A educação, nesse sentido, teria o poder de anular o preconceito racial e, em última instância, de erradicá-lo. Contudo sua instância política não pode ser minimizada, quando não esquecida. Na Primeira República, a cidadania estava prevista na letra da Constituição, mas muitos negros não tinham meios de exercê-la, uma vez que a educação básica não era obrigatória e quem era analfabeto não podia votar. A afirmação da cidadania também era parte do jogo [...].¹³⁷

O movimento negro, do início do século XX, acreditava que as escolas poderiam ressignificar as relações raciais na sociedade brasileira, entendiam como um espaço privilegiado de inserção e ascensão social, econômica e até mesmo política, com a possibilidade do direito ao voto. A partir da década de 20, em especial no Rio de Janeiro, observa-se o crescimento no número de escolas, com o início de uma efetiva política pública voltada para a educação, inclusive para os mais pobres e pretos, no entanto com um projeto bem distinto do que era esperado das instituições associativas dos homens de cor.

Na origem das políticas públicas da educação brasileira, que remontam ao período dos anos 1920 no Rio de Janeiro, educação e saúde se associam, de modo que os “médicos-políticos” assumem postos de destaque na burocracia estatal, devendo implementar ações pautadas no cientificismo, que pudessem levar o Brasil ao progresso. Na educação, do início do século XX, vimos o estabelecimento de práticas eugênicas, movimento social e científico em que se “anunciava um suposto aprimoramento das raças”. O sistema educacional deveria educar para “embranquecer” culturalmente o Brasil, eliminando os “maus-hábitos” de negros e índios ao serem formados, seguindo os padrões civilizatórios do branco.¹³⁸

As teorias eugênicas lamarkistas acreditavam que a elevação racial poderia se efetivar com maior cuidado da saúde, do ambiente, das práticas culturais e educacionais. Miguel Pereira, médico, Edgar Roquette Pinto, antropólogo, Fernando Azevedo, sociólogo e educador foram alguns dos que defenderam e implementaram essas medidas, onde “as escolas eram as linhas de frente da batalha contra a degeneração. Os educadores transformaram as escolas em laboratórios

¹³⁷ GOMES; DOMINGUES, *Op. Cit.*, 2013, p. 82.

¹³⁸ DÁVILA, 2006, p. 27-28.

eugênicos – lugares onde ideias sobre raça e nação eram testadas e aplicadas sobre as crianças. [...]”¹³⁹

Com a efetivação destas políticas públicas educacionais, voltadas àquela população negra e mestiça, o controle e a opressão ficaram marcantes. A defesa da eugenia, que visava o aperfeiçoamento da sociedade, com uma *educação que embranqueceria valores e tradições dos negros*. Dessa forma, as lideranças das reformas educacionais, impuseram um ensino impregnado de nacionalismo, forma física e treinamento pré-vocacional, capaz de construir uma nação moderna e embranquecida.¹⁴⁰

No Rio de Janeiro tivemos a expressiva expansão do número de escolas, entre as décadas de 1920 e 1930. Com a prefeitura de Pedro Ernesto (1931-34) o ensino público se amplia, rumo aos subúrbios cariocas, objetivando o atendimento dos setores mais populares, em sua maioria negros, mestiços, advindos de setores sociais e raciais que deveriam ser atingidos por esse processo de aprimoramento. A incumbência de consolidar esses valores em políticas públicas voltadas ao campo educacional ficou por conta do renomado educador Anísio Teixeira, que acabava de retornar ao país, após seu mestrado que fizera nos Estados Unidos da América no *Teachers College* da Universidade de Columbia em 1931,¹⁴¹ onde predominavam:

Visões de raça higiênicas, sociológicas e psicológicas, uma visão estatística do mundo e racionalismo científico combinaram-se para criar um sistema de ensino público dirigido de cima a baixo segundo paradigmas modernos. Esses valores combinavam uma origem comum em discussões sobre ideologia racial e identidade nacional com um senso europeu e norte-americano de tecnicismo; tudo isso se somava e atuava conjuntamente com bastante facilidade no sistema escolar. Mais ainda, essas práticas modernas fizeram que o discurso original sobre raça e identidade fosse aplicado à política educacional e às práticas escolares. A vida cotidiana das escolas do Rio, a começar da decisão sobre onde colocar um aluno até atividades tão cotidianas e privadas como escovar os dentes e lavar as mãos, era efetuada em uma lógica solidamente enraizada no discurso sobre raça.¹⁴²

A educação se expande, a racionalidade se instala nas políticas educacionais, onde os resultados administrativos, inclusive os cognitivos, pautados

¹³⁹ DÁVILA, 2006, p. 55-56.

¹⁴⁰ DÁVILA, 2006, p. 23.

¹⁴¹ DÁVILA, 2006, p. 208.

¹⁴² DÁVILA, 2006, p. 237.

no liberalismo se impuseram, assim como as visões preconceituosas acerca da capacidade intelectual dos mais pretos e pobres. Como se manter numa escola que o classifica como inferior, que desdenha de seus hábitos, onde já parte do pressuposto científico que a educação servirá para estes terem uma vida melhor, mas não melhorar de vida?

Ao analisar dados recentes sobre a educação no Brasil destacando informações sobre as questões raciais, pode-se perceber a permanência de muitas das desigualdades raciais na área educacional, onde a garantia de oportunidades igualitárias entre brancos e negros nos diversos níveis de ensino ainda não foi consolidada.

No livro *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental* do Ipea¹⁴³ temos dados e análises que discutem a questão racial no nosso país, com o intuito de se formular políticas públicas que visem a superação do racismo. Nas discussões e elementos que abordam o campo educacional, o trabalho demonstra avanços e permanências no decorrer do século XX, quando a reflexão insere a raça, como filtro de análise.

Os dados indicam mudanças, como a universalização na entrada do Ensino Fundamental, mas ainda há discrepância entre as negras e os negros que terminam a educação básica, mesmo quando se analisa outros fatores, como classe social, escolaridade familiar, se constata que a questão racial continua sendo um elemento excludente no Brasil, daí a discussão sobre o chamado racismo institucional ou como alguns autores preferem “discriminação institucional”, presente nas instituições de ensino, entendo-o como:

O racismo institucional, que será aqui identificado como discriminação institucional, pode ser entendido como uma forma de discriminação indireta. Contudo, para fins de análise de políticas públicas, parece interessante enfocá-lo de maneira específica. É considerada discriminação institucional toda prática institucional que distribui benefícios ou recursos de forma desigual entre distintos grupos raciais. Dessa forma, toda política pública cujos impactos, intencionais ou não,

¹⁴³ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) fundação pública vinculada ao ministério da economia, criada em 1964, com o objetivo de pesquisar, coletar dados para se pensar e planejar o país, com o desenvolvimento de políticas públicas e programas de crescimento. Na década de 90 desenvolveu importantes pesquisas voltadas para a questão racial e pelo combate contra as desigualdades.

tenham como consequência o aumento da desigualdade racial pode ser classificada como prática de discriminação institucional.¹⁴⁴

Diante do histórico das políticas públicas implementadas no Brasil, e em especial no Rio de Janeiro, desde a década de 1920, onde se planejou uma formação que coadunava com a valorização dos saberes europeus e com a desvalorização de práticas e valores de negros e mestiços, a educação brasileira, de alguma forma permanece com as marcas da desigualdade entre os grupos étnicos, como observamos nas tabelas a seguir:

Tabela 2 - Taxa de analfabetismo e média de anos de estudo segundo cor ou raça, 1995-2001

COR	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2001
Taxa de analfabetismo								
Branco	11%	10%	9%	9%	9%	8%	8%	8%
Negro	26%	25%	23%	22%	22%	21%	20%	18%
Total	17%	16%	16%	15%	15%	14%	13%	12%
Anos médios de estudo								
Branco	5,9	6,0	6,2	6,3	6,4	6,6	6,6	6,9
Negro	3,6	3,7	3,9	4,1	4,1	4,3	4,4	4,7
Total	4,9	5,1	5,2	5,4	5,5	5,6	5,7	6,0

Fonte: IBGE. PNAD¹⁴⁵

Com a análise destes dados, constatamos que em fins do século XX, apesar do crescente acesso à educação no Brasil, com a diminuição das taxas de analfabetismo, a diferença entre brancos e negros, quanto aos anos de estudo, persiste quase como uma constante por toda década. Ao observarmos a tabela 3 (abaixo) que apresentam dados acerca da escolarização líquida por cor, nos revela com maior nitidez essa discrepância racial. Nos anos iniciais de escolaridade, no chamado ensino fundamental, não temos um distanciamento entre negros e brancos matriculados, mas no decorrer dos anos de estudo, as diferenças se acentuam.

¹⁴⁴ JACCOUD, L.; BEGHIN, N. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília. IPEA, 2002, p. 40.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>. Acesso em: 17 jan. 2021.

Tabela 3 – Taxas de escolarização líquida por cor ou raça, 1992-2001

Ensino	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2001
Fundamental								
Branca	87	88	90	91	92	93	94	95
Negra	75	77	81	82	85	89	91	92
Todas	81	83	85	86	88	91	92	93
Ensino Médio								
Branca	27	28	33	34	38	41	45	51
Negra	9	10	12	14	15	19	21	25
Todas	18	19	22	24	27	30	33	38

Fonte: IBGE. PNAD, 1992-2001.¹⁴⁶

No ensino médio, na virada do século XX para o XXI, praticamente temos o dobro de alunos brancos que ingressam neste nível, se comparados aos negros. A educação, princípio que deve nortear caminhos de integração e igualdade entre os brasileiros, um século depois continua a excluir muitos brasileiros negros. Os dados estatísticos comprovam o abismo racial que ainda marca as políticas públicas do Brasil, apesar de quase triplicar em uma década o número de negros neste nível de ensino, pois ainda há uma grande disparidade entre raças, que as escolas e seus sistemas de ensino devem enfrentar.

A pesquisadora Nilma Lino Gomes, nos anos 1990, desenvolveu uma pesquisa de imersão numa escola pública voltada para o ensino fundamental, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, que tinha como um dos principais objetivos analisar as questões raciais e de gênero dentro do ambiente escolar, tendo as professoras negras como sujeitos ou sujeitas centrais na pesquisa.

Os resultados obtidos pela pesquisadora, através da imersão de mais de 8 meses no ambiente escolar, de muitos depoimentos das professoras negras, demonstravam que apesar de estarmos no final do século XX, o discurso sobre os negros e negras na escola ainda remetia às teorias racistas da virada do século XIX para o XX. Permanências de uma narrativa que a autora chama de ideologia racial, que “pode ser observada em frases aparentemente inocentes e tão presentes no imaginário e nas práticas educativas da nossa escola, como por exemplo: Esta aluna é negra, mas é tão inteligente! Eu pensava que a professora do meu filho fosse assim... mais clarinha!, A professora usa caneta preta porque é preta”.¹⁴⁷

Uma questão importante ressaltada pela pesquisadora remonta à formação das professoras, considerando que nos cursos de formação de professoras, tanto no

¹⁴⁶ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>. Acesso em: 20 jan. 2021.

¹⁴⁷ GOMES, 1996, p. 68-69.

nível médio quanto no superior, a questão racial não aparece como um problema, por conta da ausência destas discussões, pois os discursos racistas se mantêm, assim como a teoria da democracia racial, a de que no Brasil não há racismo.

A manutenção desta percepção de harmonia entre as raças, que ainda marca o imaginário brasileiro, fortalece a omissão das discussões acerca das diferenças e desigualdades raciais nas escolas. Há certa resistência entre os educadores quanto aos discursos sobre raça, reforçando que todos são iguais e as oportunidades também, onde as desigualdades sociais existentes se baseiam nas questões socioeconômicas, ressaltando o caráter miscigenado da sociedade brasileira, como afirma Nilma Lino Gomes:

Na escola, observamos a presença ideológica dessa teoria ao presenciarmos uma acrítica admiração pelo processo de miscigenação da sociedade brasileira e quando muitos educadores resistem a uma discussão sobre a questão racial afirmando que, no Brasil, as oportunidades são dadas a todos, independentemente da sua raça/etnia, e que se existe uma diferença a ser eliminada esta é a de classe social.¹⁴⁸

Diante de um projeto de educação, que historicamente priorizou e valorizou a civilização da Europa Ocidental como o padrão mais valorizado, onde as práticas culturais populares ligadas aos grupos negros ou indígenas deveriam ser suplantadas, por serem inferiores, reforçando a desigualdade racial da nossa sociedade, poucos negros e mestiços que frequentavam, no início do século XX, as escolas do período se sentissem “inadequados” naquele espaço, de alguma maneira essa inadequação à escola parece também ser uma realidade do período atual.¹⁴⁹

A realidade de uma educação excludente e racialmente desigual no Brasil ainda aparece em pesquisas diversas, como nesses resultados de uma dissertação de mestrado que analisou as implicações do racismo institucional na educação básica do município de Cuiabá (Mato Grosso):

Apenas as vítimas, ou seja, os alunos, reconhecem a existência de práticas racistas na escola. Ao ser questionado se já presenciou alguma prática racista no ambiente escolar, o participante assim se expressa: ‘Já professora! Todo dia. Aquele menino que tava ali ó!? O Lúcio! É só a

¹⁴⁸ GOMES, 1996, p. 71.

¹⁴⁹ RIBEIRO, F. G.; COSTA, C. S. *O Racismo institucional e seus contornos na educação básica*. *Revista da ABPN*, v. 10, p. 392-408, nov.2017/fev.2018. p. 393.

professora passar alguma coisa [...] alguma fotografia que tem um preto, todo mundo fica rindo e falando: Olha o Lúcio!’¹⁵⁰

No desenvolvimento da análise, a autora constata situações de racismo na escola e o modo como a comunidade escolar atuava, invisibilizando as práticas racistas. Seguindo o relato apresentado, o mesmo ressalta que a professora não entrevistou, muito pelo contrário, até riu junto com a turma, reforçando o constrangimento vivido pelo aluno Lúcio. O espaço escolar que deveria ser um lugar de acolhimento e de representatividade acabou por cristalizar essas práticas históricas, onde também o docente se insere, como destacado no trabalho da Nilma Lino Gomes, a formação dos professores colabora por essa permanência, ao não colocar a questão racial no Brasil como um tema de destaque nos seus currículos.

As duas pesquisas apresentadas, cronologicamente estão separadas por vinte anos, mas a necessidade de se discutir e refletir sobre a questão racial nas salas de aulas, ainda se encontra como um dos mais relevantes desafios para a educação brasileira, pois ainda temos práticas racistas no espaço escolar, um racismo enraizado, institucionalizado e que precisa se transformar para efetivamente construirmos uma sociedade mais justa.

O desafio para a construção de uma educação antirracista no Brasil, como diversos autores abordam, é imenso. Como defende Jerry Dávila, a ideologia racial é uma metanarrativa, ou seja, um complexo de valores e categorias conceituais que dirigiu as formas pelas quais os educadores projetaram as instituições e as práticas escolares, nas primeiras décadas do século XX, e é difícil de desmonte.¹⁵¹

A reflexão deste tema na minha pesquisa tem como um dos objetivos a construção de uma escola que não continue a legitimar e reforçar práticas racistas. Nas últimas décadas tivemos um avanço no processo de combate ao racismo na educação com o número crescente de pesquisas que abordam o tema, rechaçando a chamada visão da “democracia racial” que ainda prevalece no Brasil.

O tema do racismo e a necessidade da sua superação se apresentam cada vez mais, em distintos espaços sociais, nas escolas, nas universidades, nas mídias. A própria discussão sobre essa temática, por tanto tempo ocultado da sociedade geral, nos parece ser um avanço rumo ao seu melhor entendimento e na resistência a sua

¹⁵⁰RIBEIRO, F. G.; COSTA, C. S, *Op.Cit.*, 2019, p. 405.

¹⁵¹ DÁVILA, 2005, p. 39-40.

manutenção, fortalecendo a necessidade de se estabelecer uma educação comprometida em não mais institucionalizar e naturalizar práticas racistas.

3.3 Por uma Educação Antirracista

Considero relevante fazer um breve histórico da luta, de negros e negras, por uma educação que efetivamente os integrasse à sociedade brasileira. Neste processo, entendo a importância de refletir sobre as ações do movimento negro que se mobilizaram politicamente, culturalmente, em busca de políticas públicas que visassem a denúncia do racismo, assim como o empreendimento de práticas que diminuíssem as desigualdades raciais no nosso país, no decorrer de muitas décadas. Seguindo o conceito utilizado por Nilma Lino Gomes:

Entendem-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade [...].¹⁵²

A autora destaca o caráter pedagógico do movimento negro, para as questões raciais no Brasil, e como essas instituições que integram o movimento foram relevantes para realizar a ressignificação da ideia de raça e das denúncias acerca das desigualdades latentes no país, por conta das diferenças étnicas, alçando essa temática com elementos presentes na agenda pública.

Os fins dos anos 1970 se destacam no histórico do movimento negro, mas a autora remonta outras entidades embrionárias na discussão e denúncia do racismo. Em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a autora destaca a imprensa negra de São Paulo, no pós-abolição. Na década de 30 aponta a Frente Negra Brasileira, que se tornou uma importante experiência social, inclusive no campo educacional, pois defendiam a possibilidade de maior inserção social através de uma maior escolaridade dos homens de cor, além de denunciarem a

¹⁵² GOMES, 2018, p. 23-24, grifos da autora.

discriminação racial no país, objetivando a integração social e política dos negros e negras do país.

Uma das entidades relevantes do movimento negro foi o Teatro Experimental Negro (TEN), atuante entre os anos de 1944-1968, sendo responsável pela formação de negros e negras, não só como atores, mas como agentes políticos. Através da alfabetização e do resgate da ancestralidade africana, a instituição compartilhou práticas e saberes, valorizando a cultura brasileira de origem africana.

[...] A reivindicação do ensino gratuito para todas as crianças brasileiras, a admissão subvencionada de estudantes negros nas instituições de ensino secundário e universitário – onde esse segmento étnico-racial não entrava devido à imbricação entre discriminação racial e pobreza –, o combate ao racismo com base em medidas culturais e de ensino e o esclarecimento de uma imagem positiva do negro ao longo da história [...].¹⁵³

O teatro experimental negro, num cenário de retomada das práticas democráticas pretendia romper com uma visão inferiorizada acerca das tradições africanas e acaba por legitimar uma maior percepção da diversidade racial presente no Brasil da democracia racial e da miscigenação, onde através destes conceitos acabaram por consolidar uma harmonia racial, de fato inexistente.

Com o golpe de 1964 e o cerceamento das liberdades políticas e individuais há um recuo nas discussões raciais, como qualquer outras bandeiras que lutasse por um país mais igualitário. Mas nos fins da década de 1970, no processo de desmantelamento da ditadura civil-militar, tivemos a formação do Movimento Negro Unificado, em dezembro de 1979, instituição que fortalece as pautas da educação e trabalho, como setores essenciais na erradicação das desigualdades raciais no Brasil.¹⁵⁴

O processo de redemocratização e a nova constituição de 1988 vieram acompanhados de uma crescente formação de intelectuais negros e negras, com trajetórias acadêmicas e políticas alinhadas à construção de uma educação mais democrática e menos racista. A maior representatividade na academia, as discussões acerca de políticas públicas, como a defesa de ações afirmativas, caracterizam o decorrer das ações do movimento negro na década de 1990, que

¹⁵³ GOMES, 2017, p. 30-31.

¹⁵⁴ GOMES, 2017.

neste período passam a integrar comissões e secretarias de governos estaduais e federais, como no de Fernando Henrique Cardoso (1994-2001). Como afirmam Jaccoud e Beghin, no trabalho *Desigualdades raciais no Brasil - um balanço da intervenção governamental*:

A partir da segunda metade da década de 1990, um novo impulso é dado à questão racial quando o poder público federal começa a tomar uma série de medidas. Uma das alavancas desse novo impulso pode ser creditada à 'Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida', realizada em 20 de novembro de 1995, e da qual participam dezenas de milhares de pessoas em homenagem ao tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares. Os organizadores da Marcha entregam ao presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, um documento sobre a situação do negro no país e um programa de ações para a superação do racismo e das desigualdades raciais no país.¹⁵⁵

A crescente participação do movimento negro nas instâncias governamentais possibilitou para a sociedade brasileira, de uma forma mais ampla, uma maior legitimidade na luta contra o racismo. Considero relevante destacar, que há muitas disputas e discursos distintos dentro do próprio movimento, mas no decorrer dos últimos anos do século XX, a questão racial foi se tornando cada vez mais aproximada do cotidiano dos brasileiros, tornando-se uma demanda, uma preocupação para além do espaço da militância ou da academia.

A organização da comitiva do Estado brasileiro na III Conferência Mundial contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas correlatas de intolerância da Organização das Nações Unidas, em 2001, na cidade de Durban (África do Sul), contou com a participação do movimento negro e se insere como uma das referências, pois o governo brasileiro assume o racismo no país e se compromete a superá-lo através de suas políticas públicas.

No alvorecer do século XXI com a projeção de secretarias e programas nos diversos níveis de Estado, alinhadas à promoção da igualdade racial, formalizou-se um importante conquista, em relação às pautas do movimento ligadas à educação. Em 2003, foi sancionada a Lei nº 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, medida legal que foi alterada para Lei nº 11.645/2008 com a inclusão da história indígena.

¹⁵⁵ JACCOUD; BEGHIN, 2002, p. 18-19.

O uso crescente na educação de uma bibliografia decolonial, que pretende compreender e valorizar o lugar dos negros e indígenas na sociedade brasileira, inclusive com a construção de uma legislação voltada para uma educação mais democrática e antirracista, como as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, se impõem como relevantes conquistas para a superação do racismo.¹⁵⁶ Com o desenvolvimento de práticas pedagógicas que visam romper com uma educação, que por séculos valorizou a cultura, saberes e explicações desenvolvidas pelos brancos ocidentais.

A partir de uma mudança de perspectiva histórica e educacional, se estabelece a valorização sobre outras possibilidades para a produção de conhecimentos, para múltiplas formas de ser, com a valorização de saberes e fazeres diversos e de experiências vividas, tanto no espaço acadêmico, como no espaço escolar. As discussões acerca do racismo nas escolas se impõem para o ensino de história, com a valorização da cultura africana e dos povos nativos. Na busca de um maior entendimento sobre saberes plurais e menos universais, definida pelas leis citadas e reafirmada com a resolução que instituiu a BNCC do Ensino Médio, como o destaque a seguir:

CONSIDERANDO que, em decorrência da Lei nº 10.639/2003 e, especificamente da Lei nº 11.645/2008, a LDB definiu em seu Art. 26-A a obrigatoriedade 'do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena' e, em seu § 1º, determina que 'o conteúdo programático' a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.¹⁵⁷

A obrigatoriedade da história e das tradições dos povos africanos e dos nativos da América se insere como importante tema para a disciplina e para a sociedade brasileira. O conhecimento histórico, com seus conceitos e teorias, também deve ser um componente curricular, que busque promover a construção de

¹⁵⁶ SILVA, Célia Regina R. e LUZIO, Jorge. *Educação e pesquisa na desconstrução do racismo no Brasil*. (in)LIMA, Emanuel (org.). *Ensaio sobre os racismos – Pensamento de Fronteira*. São José do Rio Preto: Balão Editorial, 2019, p. 30-31.

¹⁵⁷ Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104101-rcp004-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 jan. 2021.

uma sociedade mais democrática, com respeito à diversidade e maior significado dos saberes para os discentes.

Para Jörn Rüsen a educação histórica e a vida prática da sociedade se interrelacionam. As questões de interesse da atual sociedade suscitam questões para a história, como podemos observar no Brasil deste período, o quanto o racismo se tornou um problema e como fortalecem os estudos do tema. Assim como a história se apresenta como uma das fontes de saber e legitimidade para o entendimento mais complexo sobre este e outros temas. Para o autor, o ensino de história deve possibilitar o desenvolvimento da chamada consciência histórica, importante categoria deste campo epistemológico:

[...] designar a consciência que todo agente racional humano adquire e constrói, ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal da existência. Ela inclui dois elementos constitutivos: o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo.¹⁵⁸

Relevante refletir sobre a mediação existente neste conceito, desenvolvido por Jörn Rusen, em que se valoriza o que as pessoas reais vivenciam e compreendem sobre suas vidas, assim como se identificam naquela determinada sociedade, ao estabelecer relações com as análises e explicações do contexto temporal. A mediação destes campos distintos, do indivíduo com o seu coletivo no tempo, são os seus elementos constitutivos. Nesse sentido, através da leitura do romance e das análises históricas sociais, que desenvolverei nas minhas propostas pedagógicas. Assim, pretendo promover a reflexão histórica acerca do seu lugar, da sua escola, das relações estabelecidas nestes espaços sociais.

Partindo do pressuposto teórico que defende um maior significado e sentido para as temáticas e saberes prementes no espaço escolar, considero relevante maior representatividade das discentes, incorporando a subjetividade, presente nos sentimentos e nas experiências das alunas, tendo a literatura a função de elemento propulsor. Alguns autores, ao analisar a obra de Lima Barreto, destacam a marca testemunhal de um outro tempo nos seus textos, o que provavelmente contribuiu na

¹⁵⁸ MARTINS, 2019, p. 55.

sua apropriação como fonte histórica da cidade do Rio de Janeiro, em especial sobre as sociabilidades dos homens e mulheres pobres e negras.¹⁵⁹

A reflexão sobre as condições das jovens negras no Brasil contemporâneo também pode ser historicizada, a partir da obra de Lima Barreto no Rio de Janeiro de seu tempo, ao denunciar a violência contra mulheres, em especial às mais pobres e pretas, inclusive chamando à atenção para a formação acadêmica limitada das mesmas. Diante de uma realidade onde as meninas negras continuam a ter menor taxa de escolaridade, a ter um rendimento menor que os homens, onde a gravidez precoce ainda se faz presente, as discussões sobre como vivem as meninas e como é possível transformar essa sociedade precisam estar no cotidiano do espaço escolar.

Considero que estas discussões no âmbito escolar atual, em especial para o ensino de história, nos permitam analisar algumas das permanências sociais e econômicas, relacionadas às mulheres negras. De acordo com dados do IPEA de 2015, apenas 12,5% de mulheres negras no Brasil cursavam o ensino superior, enquanto havia 25% de mulheres brancas.¹⁶⁰

Através do “encontro” com a “Clara dos Anjos”, que tem suas experiências relatadas no romance, assim como a reflexão sobre as múltiplas historicidades do subúrbio carioca presentes na obra de Lima Barreto, e os discentes da contemporaneidade dos subúrbios cariocas pretendo no proposta pedagógica fortalecer o protagonismo juvenil, como sujeitos históricos, alçando-as como as vozes principais do trabalho, destacando as suas trajetórias, vivências e experiências relatadas de seu lugar: o subúrbio carioca.

Considero que o material da pesquisa e as propostas educacionais nela presentes se torne mais uma ferramenta pedagógica no ensino de história. A partir do deslocamento temporal e de narrativa proposta no trabalho possibilite uma importante proposição para a construção de um ensino de história antirracista, isto é, um ensino que efetivamente supere as hierarquizações raciais que ainda existem no espaço escolar do nosso país. Um dos compromissos do ensino de história é a construção de uma sociedade mais igualitária e democrática. No caso do Brasil, a luta contra o racismo se impõe como uma das ações necessárias para a formação

¹⁵⁹ SCHWARCZ, 2017, p. 64.

¹⁶⁰ IPEA, 2017.

desta sociedade mais justa, e a educação tem um papel de destaque para que esta se efetive.

4 O sujeito e seu lugar

No presente capítulo apresento a minha proposta pedagógica que utiliza a literatura de Lima Barreto, e em especial o seu romance *Clara dos Anjos*, como uma importante ferramenta a ser mobilizada no ensino de história. Pretendo desenvolver um material que promova aos discentes uma maior reflexão sobre sua realidade no processo de formação da sua identidade associada ao seu coletivo, ao grupo que pertence, num determinado tempo. A partir da narrativa literária do romance que aborda um outro período histórico, o do Rio de Janeiro do início do século XX. E assim, pretendo possibilitar aos discentes uma maior consciência, visão crítica sobre o seu pertencimento como sujeito/a histórico, onde o tempo e o lugar não podem ser dissociados.

Seguindo os procedimentos metodológicos da autora Grada Kilomba, este trabalho está “*centrado em sujeitos*”, refletindo sobre o racismo, que “*funciona para justificar e legitimar a exclusão de “Outras/os” raciais de certos direitos*” no Rio de Janeiro, descrito por Lima Barreto, no início do século XX, denunciado e rechaçado na atualidade.¹⁶¹

O racismo praticado cotidianamente não é identificável para toda a comunidade escolar, o que demonstra o quanto está internalizado na nossa sociedade. Daí a necessidade de pesquisas e materiais pedagógicos que fomentem essas discussões, possibilitando maior reflexão em todos os profissionais da educação, pois só com a sua constatação será possível enfrentá-lo nos diversos espaços institucionais.

O racismo que se estabelece como cotidiano em muitas sociedades, como a brasileira, foi analisado por Grada Kilomba, no seu livro “*Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*”.¹⁶² A obra foi desenvolvida para a obtenção do seu doutoramento¹⁶³ e se apresenta como uma ferramenta de combate ao racismo cotidiano imposto às mulheres negras da diáspora e da urgente necessidade de descolonizar o conhecimento.¹⁶⁴

¹⁶¹ KILOMBA, 2019, p. 80.

¹⁶² KILOMBA, *Op. cit.*, 2019.

¹⁶³ Defendido em Freie Universität Berlin, em 2008.

¹⁶⁴ KILOMBA, 2008, p. 65.

O processo descolonizador se impõe acerca de diversas práticas, e ao promover a reflexão sobre tal conexão atlântica que interliga mulheres negras diaspóricas, a autora analisa uma questão presente, em distintos países, qual seja a relação com o cabelo e como ele é tratado nessas sociedades. Uma das suas entrevistadas, cujo nome fictício é Alicia, uma afro-alemã de 33 anos, ao abordar o tema relata a seguinte experiência:

Uma vez tive um namorado (branco) – na época eu usava tranças – um dia eu as desfiz e pentei meus cabelos, cabelos muito lindos, black natural (tocando seu cabelo). E quando ele me viu, ele começou a me insultar, dizendo: ‘Por que você fez isso, você quer ficar feia? ... Olha para você tá parecendo uma ovelha!’ Isso foi duro pra mim... Ele não podia me aceitar... ele não podia aceitar meu cabelo natural. Até hoje é assim: muitas mulheres negras estão preocupadas com seus cabelos... elas alisam seus cabelos...¹⁶⁵

A experiência relatada acima, provavelmente, continua a acontecer na Alemanha, no Brasil, nos Estados Unidos, em Portugal, lugares no quais o cabelo das mulheres negras se estabeleceu como um dos elementos de sua inferiorização. Historicamente, foi identificado como feio, chamado de ruim, rebelde, e imposto como algo a ser “controlado” e “domado” para representar algo mais belo e aceitável o que significa dizer, parecido com o europeu, branco para as sociedades diaspóricas, como a do nosso país.

Lima Barreto no romance *Clara dos Anjos*, também menciona os cabelos dos principais personagens, “A única filha do carteiro, Clara, [...]. Puxava a ambos os pais. O carteiro era pardo-claro, mas com o cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso”.¹⁶⁶ A Clara de Lima Barreto tinha a pele mais clara, como a do pai, mas herdou o cabelo liso da mãe, característica ainda hoje comemorada no nosso país, como um sinal de “sorte”, por não ter nascido com o cabelo crespo, herança africana, e como já ouvi diversas vezes, “o homem de cabelo crespo é só manter curto, mas a mulher”!

A pressão cultural pela inferiorização dos cabelos de origem africana se expressa como uma das marcas do racismo cotidiano, que como abordei, não é específico da experiência histórica do Brasil, mas um dos exemplos desta conexão. Um outro exemplo que quero compartilhar sobre o tema, também se insere no

¹⁶⁵ KILOMBA, 2019, p. 125-126.

¹⁶⁶ BARRETO, 2019, p. 124.

campo da literatura, mas do outro lado do atlântico, de uma escritora afro-portuguesa Djaimilia Pereira de Almeida, autora do romance *Esse Cabelo*, no qual entrelaça suas memórias familiares, ancestralidades e experiências de uma mulher negra angolana, criada em Portugal, sendo o cabelo da protagonista o elo condutor, acerca de discussões essenciais como o racismo e as identidades. A autora inicia o seu romance legitimando a necessidade de se falar do seu cabelo:

E no entanto o meu cabelo [...]. Acordo desde sempre com uma juba revolta, tantas vezes a antítese do meu caminho, e tão longe dos aconselhados lenços para cobrir o cabelo ao dormir. Dizer que acordo de juba por desmazelo é já dizer que acordo todos os dias com um mínimo de vergonha ou um motivo para me rir de mim mesma ao espelho: um motivo vivido com impaciência e às vezes com raiva. [...] Em tempos disseram-me que sou uma ‘mulata das pedras’, de mau cabelo e segunda categoria. Esta expressão ofusca-me sempre com a reminiscência visual de rochas da praia: rochas lodosas em que se escorrega e é difícil andar descalço.¹⁶⁷

A discussão acerca do cabelo se insere neste trabalho para demonstrar a relevância de refletirmos sobre essas práticas racistas que perduram nessas sociedades marcadas pela europeização de africanos e seus descendentes, como a do Brasil. Indiscutivelmente, pelo menos nas minhas experiências e observações, percebo uma maior valorização e empoderamento das mulheres negras e de seus cabelos no nosso país, fruto certamente do movimento negro e do feminismo negro desde a década de 80 do século XX, mas considero que ainda há um longo processo para rompermos efetivamente com essa visão inferiorizada dos cabelos crespos, e o espaço escolar também deve se inserir nesse combate.

Partindo deste pressuposto teórico, a pesquisa de Grada Kilomba, baseada nas experiências racistas compartilhadas por esse segmento social que vivia na Alemanha, destaca o longo período histórico em que mulheres negras foram silenciadas, nas suas casas, nas escolas, nas ruas, nas universidades, nestes distintos espaços sociais. Não só na Alemanha, mas em outros países, como Portugal, Estados Unidos ou no Brasil, onde suas demandas foram controladas e definidas pelos homens e pelos brancos.

A importância deste trabalho não está em confirmar a dominação sobre as mulheres, mas por entender essa historicidade e propor a construção de práticas

¹⁶⁷ ALMEIDA, 2018, p. 11.

sociais que se oponham ao racismo cotidiano, nesse caso, tendo como um dos caminhos propostos a maior presença das mulheres negras em lugares de poder, como o mundo acadêmico, rompendo desta forma com visões tradicionais que concedem às mulheres lugares de subserviência e inferioridade. As mulheres negras devem ter mais autonomia e liberdade para que possam seguir como *sujeitas* ativas e esses elementos podem ser consolidados com uma sociedade que conceda mais oportunidades, tais como políticas públicas que aumentem as taxas de escolaridade, o combate à violência doméstica e paridade salarial entre homens e mulheres no Brasil, bem como entre negros e brancos

Uma importante intelectual brasileira, décadas antes de Grada Kilomba, destacava a sua preocupação com esses temas, no texto intitulado *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. Lélia González, autora, acadêmica e militante, nas décadas de 70 e 80 do século XX, num cenário intelectual e político do período onde estes ainda eram incipientes, já afirmava: “para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em partícula”.¹⁶⁸ Dessa forma, analisar, refletir e agir sobre como esse sintoma da neurose se desenvolve no Brasil, refletir sobre como ele é ocultado na crença do mito da democracia racial, ainda muito forte na sociedade brasileira, e em especial como o racismo para as mulheres negras se forma e se implementa, mobiliza a autora no texto.

Lélia Gonzalez ressalta a naturalização do racismo e/ou do seu ocultamento na sociedade brasileira e utiliza uma palavra central “domesticar” como um importante desdobramento desse mito de democracia racial no país, onde esse processo pode ser compreendido através do entendimento de duas noções:

A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a

¹⁶⁸ GONZÁLEZ, 1984, p. 224.

memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela prá tudo nesse sentido. Só que isso ta aí... e fala.¹⁶⁹

A autora destaca a importância do discurso dominante que inferioriza as tradições africanas, como à *crioulada* se verá representada com uma educação ainda pautada em valores e saberes da branquitude ocidental. Como acadêmica e militante, Lélia Gonzalez defende a africanidade como o elemento central da nossa cultura que apesar de todo um discurso negativo imposto pelos dominadores, que xingam, diminuem, excluem negros e negras no Brasil, ao defenderem um país branco, civilizado e europeu, buscam ocultar essa forte presença da cultura negra no país. Defende as origens dessa africanidade da nossa cultura com a análise de um dos papéis femininos exercido pela mulher negra, o da mãe preta. Como afirma Lélia:

Exatamente essa figura para a qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na raça dominante. É através dela que o ‘obscuro objeto do desejo’ (o filme do Buñuel), em português, acaba se transformando na ‘negra vontade de comer carne’ na boca da moçada branca que fala português. O que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como quem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: que é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe prá dormir, que acorda de noite prá cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí afora? É a mãe, não é? Pois então. Ela é a mãe nesse barato doido da cultura brasileira.¹⁷⁰

A mulher negra é a mãe da cultura brasileira. Uma metáfora importante para refletirmos sobre o papel dos negros e negras do nosso país, como progenitora, a mãe negra foi essencial para a consolidação de valores enraizados na nossa cultura, mesmo que ocultados pelos os que possuem o poder institucionalizado, a cultura brasileira possui a africanidade latente nos seus pilares. Ainda hoje muitas das nossas referências culturais são de pessoas negras, na música, nos esportes, na dança. E não só isso, também na academia, na literatura quantos negros tiveram e

¹⁶⁹ GONZÁLEZ, 1984, p. 226-227.

¹⁷⁰ GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, 1984, p. 235.

ainda possuem um papel de destaque na sociedade brasileira, mesmo sem as mesmas oportunidades?

No caso da literatura, alguns autores foram embranquecidos como Machado de Assis, até alguns anos ninguém o citava como negro, outros apesar de muitos escritos e prêmios ainda são marcados por uma trajetória pouco conhecida do grande público, como Maria Firmina, Carolina de Jesus e mais próxima da nossa contemporaneidade, Conceição Evaristo, que mesmo após campanha nas mídias não conseguiu ter seu nome indicado para uma vaga na Academia Brasileira de Letras.

Um destes negros decisivos para nossa formação cultural foi Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), autor da obra que fundamenta meu trabalho pedagógico. Muitas décadas antes de Lélia Gonzáles, o autor já destacava a importância das tradições africanas na sociedade brasileira e criticava o ocultamento e desvalorização da mesma. A situação dos negros e negras na sociedade brasileira esteve presente, desde o início dos seus escritos, inclusive no seu diário, em 1905, ele relatou: “Registro aqui uma ideia que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que me descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de “Germinal” negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia”.¹⁷¹ Lima Barreto não chegou a desenvolver esse projeto, mas a temática das relações raciais no Brasil se materializou em muitos dos seus textos.

Nesse sentido, no caso do Brasil, um dos caminhos para a superação do racismo cotidiano se estabelece com a construção de uma educação básica que busque a superação destas práticas, com ações pedagógicas que promovam um sistema de ensino que valorize os múltiplos grupos étnicos, a liberdade e igualdade entre os gêneros, na formação de sujeitos e *sujeitas* ativas da nossa sociedade.

4.1. Por uma educação brasileira diversa

A promulgação da Lei nº 10.639/2003 se apresentou como uma das ações decisivas para a construção efetiva de uma educação mais equitativa, mas os

¹⁷¹ RESENDE, 2012, p. 9.

desafios são múltiplos para a sua implementação nas escolas pelo Brasil. Apesar do Estado brasileiro em Durban (África do Sul), em 2001, assumir que existe racismo e é papel do Estado conduzir políticas públicas para a sua erradicação, ainda temos um longo caminho nesse processo de reconhecimento de escolas que priorizem as diferenças e que suplante a hierarquização de saberes.

A escola, instituição considerada como um agente central na superação das desigualdades, do racismo, historicamente foi caracterizada e consolidada como um espaço de perpetuação de uma cultura, de valores de uma sociedade. A escola forma e reforça valores e saberes de uma determinada comunidade.

A escola é uma das instituições responsáveis pela preservação das tradições, reforça nosso passado através de suas práticas cotidianas, como as festas que celebram a história da nação, do reforço aos símbolos nacionais, enfim, da construção permanente do ser brasileiro. A escola exerce esta função ao transmitir, em cursos sistemáticos, o saber sobre os bens que constituem o acervo natural e histórico.¹⁷²

Por décadas os setores sociais inferiorizados, dominados no Brasil, como negros e indígenas foram formados, isso quando tinham acesso a uma escola que reforçava e ainda valoriza saberes e tradições da civilização branca ocidental. Com a reprodução de um currículo, de uma pedagogia historicamente caracterizada no ocultamento desses grupos étnicos considerados inferiores, não contemplando a nossa pluralidade cultural, tornando-se um dos grandes desafios para democratização da nossa educação. Como afirma Maria Alice Rezende Gonçalves, “reconhecer a pluralidade de culturas formadoras da nação brasileira é um caminho para a democratização do espaço escolar, necessário promover a equidade entre as culturas e sele o fim da hierarquia entre elas”.¹⁷³

Diante do pressuposto teórico, que o currículo escolar se consolida como um elemento premente nas relações de poder, estabelecendo o que se ensina e seus objetivos, torna-se um espaço de disputa de narrativas que por séculos, em diversas áreas do saber, assim como no ensino de história, caracterizou-se pela episteme do grupo étnico hegemônico, os brancos. Com a imposição legal de se incorporar ao currículo a história de África, dos afro-brasileiros e indígenas, o mesmo amplia suas

¹⁷² GONÇALVES, M. A. R. Diversidade: A cultura afro-brasileira e a lei 10639/2003. In: SOUZA, M. E. V. S. (org.). *Relações raciais no cotidiano escolar: Diálogos com a lei n.10639/2003*. Rio de Janeiro: Rovel, 2013.

¹⁷³ *Op. Cit.*, 2013, p. 106.

análises e discursos incorporando novos conhecimentos e olhares à cultura, ao cotidiano da sociedade brasileira, rompendo com a supremacia cultural europeia.

A autora bell hooks, no seu livro *Ensinando a transgredir*, desenvolve uma discussão acerca da educação como prática da liberdade, defendendo o engajamento dos professores em construir uma prática docente corajosa que transgrida as arraigadas tradições escolares. Ela critica a chamada “educação bancária” que percebe o aluno como um mero consumidor do conhecimento passado pelo professor. Inspirada pelo autor Paulo Freire, a professora propõe que “a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos que trabalhar”.¹⁷⁴

Com a proposta de educação onde todos devem trabalhar, isto é, efetivamente participar de sua construção, torna-se urgente a toda comunidade escolar, conhecer o lugar dessa plantação, assim como sua historicidade. Dessa forma, entendo que as atividades pedagógicas que partem deste autor negro, periférico, Lima Barreto, se estabelecem como um dos caminhos para a consolidação desta prática de ensino de história mais plural e diverso.

O texto de bell hooks se torna ainda mais significativo ao relatar suas experiências e visões acerca do ensino, desde o período feliz, quando aluna na sua escola fundamental, só de negros. Nos Estados Unidos, país da autora citada, havia uma política de segregação racial também para a educação, que permaneceu até as conquistas dos direitos civis, que marcaram a década de 1960. Segundo a autora, nas escolas só de alunos e professores negros a educação fazia sentido, pois os ensinamentos e experiências eram compartilhadas por toda a comunidade.

O ensino voltado exclusivamente para os negros, apartados do mesmo espaço escolar dos brancos estadunidenses, que marcou a vida escolar da autora, se altera ao acessar o ensino médio e o universitário. Segundo bell Hooks,¹⁷⁵ as aulas passaram a ser tristes, pois diante da política de ampliação dos direitos civis dos negros no seu país, a autora passou a frequentar as escolas de brancos e negros, escolas mistas, mas que tinham como padrão a cultura branca, onde os negros eram vistos e/ou tratados como os diferentes, e até inferiores, num ensino sem referências para a comunidade negra que agora a sociedade estadunidense se dizia *integrar*.

¹⁷⁴ HOOKS, 2018, p. 26.

¹⁷⁵ HOOKS, 2018.

A sua trajetória como aluna a fez refletir e temer o modo pelo qual desenvolveria sua docência. Não queria que suas aulas se tornassem um castigo para os discentes e por isso buscou a construção de uma sala de aula prazerosa, onde o aprendizado deve ter sentido, já que o ato de ensinar para bell hooks se pauta nas experiências, nas subjetividades, assim como nos interesses coletivos dos saberes compartilhados. Como afirma a autora: “o primeiro paradigma que moldou minha pedagogia foi a ideia que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo, nunca de tédio”.¹⁷⁶

Acredito que a construção de uma aula busque o entusiasmo das alunas e alunos, provavelmente um desejo de muitos docentes, no entanto, a realidade muitas vezes nos impõe limitações para que o mesmo se realize. De qualquer forma, as reflexões de bell Hooks sinalizam um caminho importante para se obter uma prática docente mais interessante, qual seja, a significação e representatividade dos saberes compartilhados pela comunidade escolar na sala de aula. O que se ensina? Para quem? E por que se ensina? Indagações que deveriam nortear os planejamentos de todos os docentes, mas muitas vezes são abandonadas por múltiplos fatores.

Na pesquisa e na minha proposição didática busquei desenvolver metodologias e saberes no campo do ensino de história onde as experiências dos discentes, suas subjetividades e interesses compartilhados possibilitem um maior entusiasmo no processo de construção do conhecimento histórico escolar, com o compromisso de se construir uma sociedade mais justa e democrática e antirracista.

4.2 O Meu lugar no Ensino de História

A metodologia da história do lugar se impõe como um importante caminho para a disciplina se tornar mais próxima das experiências dos discentes e, também, como uma maneira de melhor compreender preconceitos e estereótipos que foram sendo construídos além de construir identidades.

Considero relevante historicizar narrativas históricas acerca dos subúrbios cariocas no espaço escolar, e ampliar a percepção de um ensino de história para

¹⁷⁶ HOOKS, 2018, p. 16.

além dos livros didáticos, em um lugar mais próximo e representativo para a comunidade da região. O trabalho não possui como objetivo a busca por uma “essência suburbana”, ou construir uma história dos subúrbios, mas desenvolver um material que proporcione subsídios acerca do conhecimento histórico desse lugar, capaz de despertar o interesse dessa coletividade.

A proposta de utilizar o arcabouço teórico da história do lugar se apresenta com o intuito de romper com uma visão estereotipada da cidade do Rio de Janeiro cartão-postal, ao possibilitar um olhar mais amplo sobre a diversidade cultural, étnica, histórica e espacial da mesma. Para além da Zona Sul e das praias, ou do centro histórico da antiga Corte, espaços intimamente relacionados às tradições da cultura branca ocidental, a cidade construiu outros lugares de beleza, cultura e diversão, incluindo seus subúrbios, que também possui seus pontos de divertimento, histórias e memórias.

Os subúrbios cariocas associaram-se ao mundo dos trabalhadores, mais pobre e também mais negro, com o processo de evolução urbana no início do século XX, seus bairros vão se especializando como regiões periféricas, com serviços públicos escassos e áreas menos valorizadas. Das chácaras bucólicas afastadas do centro urbano, predominantes na região nas últimas décadas do século XIX desenvolvem-se bairros, freguesias, que passam a predominar nessas paragens, diante da expulsão dos mais pobres e pretos do centro e de áreas mais valorizadas do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX.

Lima Barreto e sua família, diante das dificuldades econômicas e familiares vivenciadas com a doença do pai, foram residir na região suburbana. A relação do autor com os subúrbios cariocas nas suas obras acabou por se tornar uma das marcas da sua escrita. Em especial, o romance *Clara dos Anjos*, onde quase todo o enredo se passa nesse lugar, e possibilita múltiplos olhares sobre a região no período, não só as marcas da pobreza, do racismo e da exclusão, mas também das sociabilidades e práticas culturais ali compartilhadas.

Através da apropriação do conhecimento acerca da história da região e de sua valorização, o trabalho pretende promover maior consciência de pertencimento desse lugar e de sua historicidade. Como afirma Cerri:¹⁷⁷

¹⁷⁷ CERRI, 2011, p. 30.

[...] a historicidade é a própria condição da existência humana, é algo que nos constitui enquanto espécie. O que varia são as formas de apresentação dessa historicidade, ou, nos termos de Rüsen, as perspectivas de atribuição de sentido à experiência temporal. Na definição desse autor, a consciência histórica é um fenômeno do mundo vital, imediatamente ligada com a prática, e pode ser entendida como [...] ‘a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo’.

As atividades desenvolvidas no trabalho pedagógico têm como um dos objetivos possibilitar aos discentes essa apropriação das múltiplas temporalidades presentes nos subúrbios cariocas, entender os processos históricos presentes nessa sociedade, como destacam os autores, entender a importância da consciência histórica como uma ferramenta prática, de orientação temporal, importante para a formação de cidadãos que se entendam sujeitos históricos, cientes de integrarem aquela historicidade.

4.3 Produto pedagógico

4.3.1 Cartografia histórica literária – os subúrbios cariocas de Clara dos Anjos e de Lima Barreto no ensino de história

A cartografia é a ciência que estuda a representação do espaço, cujo principal objeto de investigação é o mapa. Por sua vez, a cartografia literária é o ramo de estudos que investiga as relações dos mapas com o espaço dos textos literários.¹⁷⁸ No desenvolvimento da dissertação há uma evidente percepção da importância do lugar, entendido como espaço construído da e na relação dos homens em sociedade nos diferentes tempos históricos nos trabalhos literários e jornalísticos de Lima Barreto. Dessa forma, considere importante uma proposta pedagógica que se apropriasse desta ferramenta metodológica, mais próxima da geografia, a cartografia, para a produção de um material que contemplasse o ensino de história e a literatura e sua relação dialógica.

O uso da cartografia literária no processo de apresentação deste trabalho baseou-se no entendimento de não serem os mapas meros decalques da realidade,

¹⁷⁸ RENA, A. A cartografia e a pesquisa literária: do gabinete às comunidades e às ruas. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 22, n. 44, p. 21-30, 1º quadrimestre de 2018. p. 24.

mas como o próprio espaço, é resultado de uma construção de um determinado lugar, onde o tempo e as pessoas interferem nos acontecimentos. Diante de uma visão mais crítica no desenvolvimento da cartografia:

O objetivo nessa abordagem não é apenas investigar como as narrativas de uma obra literária poderiam ser traduzidas para formas gráficas ou como o espaço real inspira o espaço fictício. [...] os cartógrafos críticos agora procuram estudar a natureza performativa e dinâmica dos mapas, superando o seu emprego como espelho de uma realidade e mera representação estática no papel. A cartografia chega a ser entendida como uma disciplina que busca revelar contextos, movimentos e práticas humanas em constante criação.¹⁷⁹

A partir do pressuposto metodológico apresentado acerca da cartografia literária, considero que a produção de um mapa, a partir dos escritos pelo citado autor no romance *Clara dos Anjos* e em algumas das suas crônicas, possibilite a compreensão sobre as múltiplas representatividades e temporalidades nos subúrbios cariocas, o de Lima Barreto, e de discentes e docentes que atuam na região, incorporando os estudos históricos como mais uma ferramenta conceitual na construção do material aqui proposto.

No mapa apresentado como resultado pedagógico da minha pesquisa há uma preocupação em destacar o lugar, mas rompendo com possíveis naturalizações, ao ressaltar a importância das experiências do tempo no espaço. Não é só a localização que se destaca nesta cartografia, pois entendo ser o espaço histórico, construído pelas historicidades que permeiam esses lugares, onde o texto de Lima de Barreto, em especial o seu romance *Clara dos Anjos*, se apresenta como mais uma dessas experiências no tempo.

O material que apresento na minha dissertação propõe perceber o espaço como um lugar em transformação, com a intensa participação de suas sociedades, onde os subúrbios cariocas são alçados como protagonistas. Partindo dos relatos e análises de Lima Barreto, pretendo demonstrar por meio de um mapa desenvolvido por mim, que integra literatura e história, um ensino mais significativo e representativo para os discentes, assim com material pedagógico diferenciado para professores e professoras, seguindo as indicações da BNCC, contemplando

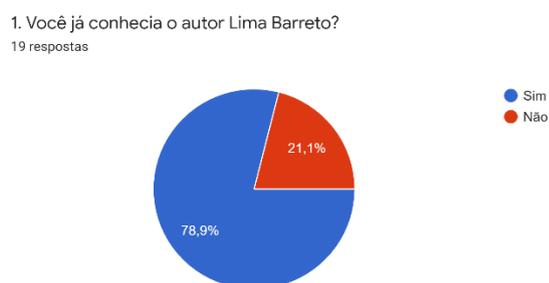
¹⁷⁹SEEMANN, J. Entre mapas e narrativas: Reflexões sobre as Cartografias da Literatura e a Ordem das coisas. *R. Ra'e Ga*, Curitiba, v. 30, p. 85-105, abr. 2014. p. 87.

competências e habilidades, tanto do Ensino Fundamental (anos finais) e do novo Ensino Médio.

A primeira proposta de trabalho no âmbito escolar antecede o uso do mapa, ou melhor o complementa, considero relevante o desenvolvimento de atividades que possibilitem a apresentação do autor, Lima Barreto, através de sua trajetória pessoal e literária. Inicialmente, meu projeto previa a organização de oficinas pedagógicas no Colégio Estadual Paulo Freire, utilizando como principal eixo de discussão a leitura do romance *Clara dos Anjos* com meninas negras e suburbanas, onde pretendia promover esse encontro entre a Clara de Lima e as possíveis “Claras” do Paulo Freire, mas por conta da pandemia, essa proposta foi alterada.

A ideia do encontro não foi alterada, mas de alguma forma ampliada, pois proponho como primeira atividade uma oficina sobre Lima Barreto, sua história e obra. No decorrer da minha dissertação realizei uma pesquisa¹⁸⁰ na escola citada acima, entre os docentes sobre o autor e o romance, e obtive os seguintes dados:

Gráfico 1: Conhecimento acerca do autor

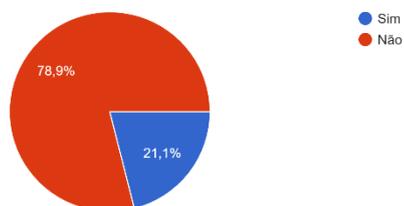


Fonte: Dados da pesquisa (2021).

¹⁸⁰ A pesquisa foi feita na segunda quinzena do mês de agosto de 2021, através da ferramenta formulário do Google, os professores foram informados que os dados poderiam ser utilizados na minha dissertação.

Gráfico 2: Sobre o romance ou conto Clara dos Anjos

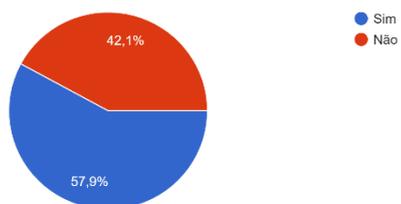
2. Já leu o romance ou conto Clara dos Anjos?
19 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Gráfico 3: Sobre Lima Barreto no subúrbio

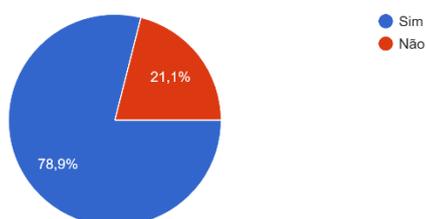
4. Sabia que Lima Barreto viveu muitos anos no subúrbio?
19 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Gráfico 4: Sobre a negritude de Lima Barreto

5. Sabia que Lima Barreto era negro?
19 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Como podemos analisar, mesmo numa escola que fica no subúrbio carioca, o bairro do Cachambi, parte dos docentes não conhecem o autor, não sabiam que o mesmo era negro e muito menos que morava na região da escola. Importa mencionar que entre os professores que responderam os questionários, 78,9% já

conheciam Lima Barreto, ou pelo menos, ouviram em algum momento de suas trajetórias.

Contudo, somente 21,1% já leram um dos seus principais e conhecidos romances, *Clara dos Anjos*, apesar da literatura de Lima Barreto na última década ter adquirido maior visibilidade, afinal o mesmo teve a edição de uma nova biografia,¹⁸¹ foi tema da renomada Feira de Literatura de Parati (FLIP) em 2017. E assim, como observamos, ainda não é um autor tão conhecido e utilizado no espaço escolar, nem mesmo entre os que atuam nos subúrbios do Rio. O gráfico 3 demonstra que mais da metade dos professores consultados do C. E. Paulo Freire (57,9%) desconhecia a relação tão profunda e diversificada do autor e de sua obra com a região.

Lima Barreto ser negro foi um dado compartilhado pela maioria, praticamente todos os docentes (78,9%) entrevistados disseram ter ciência que o mesmo era negro. Um dado que considero importante, pois muitos literatos foram embranquecidos pelo mundo acadêmico, cujo o caso mais retumbante, considero o de Machado de Assis. Mas o autor estudado nesta pesquisa, que possuía esse tema tão presente em seus trabalhos e personagens, conseguiu manter no cenário literário atual sua pele escura, *azeitonada*, como ele tinha o hábito de escrever.

Considero a apresentação do autor, de parte da sua obra, dos temas principais de sua escrita para os alunos e como vimos para os professores decisivos para a importância da proposta pedagógica e principalmente para a construção de um ensino de história mais significativo e representativo.

Atividade 1: O uso da biografia no ensino de história

a) Através de ferramentas de pesquisas em livros, documentos ou sites, os alunos devem construir a trajetória e identidade do autor. Quem foi Afonso Henrique de Lima Barreto? Quando nasceu? Onde? Seus pais e irmãos? O quê e onde estudou? Trabalhou apenas como escritor? Casou? Teve filhos?

Aqui apresento algumas de possíveis questões cujo objetivo se centra conhecer o homem Lima Barreto, cada docente pode/deve desenvolver junto aos seus alunos as propostas de perguntas para entendermos a construção deste sujeito.

¹⁸¹ SCHWARCZ, 2017.

b) Quais são seus principais livros? Temas de seus escritos? Estilos literários?

O sujeito Lima Barreto para ser efetivamente compreendido deve vir acompanhado de seus escritos, pensamentos e reflexões. Na proposta pedagógica, o romance *Clara dos Anjos* se destaca, como a escolha definida por temas que considero ainda muito relevantes, como o racismo, a preocupação com o apartamento geográfico dos mais pobres e pretos na cidade do Rio de Janeiro, as condições das mulheres, em especial as negras.

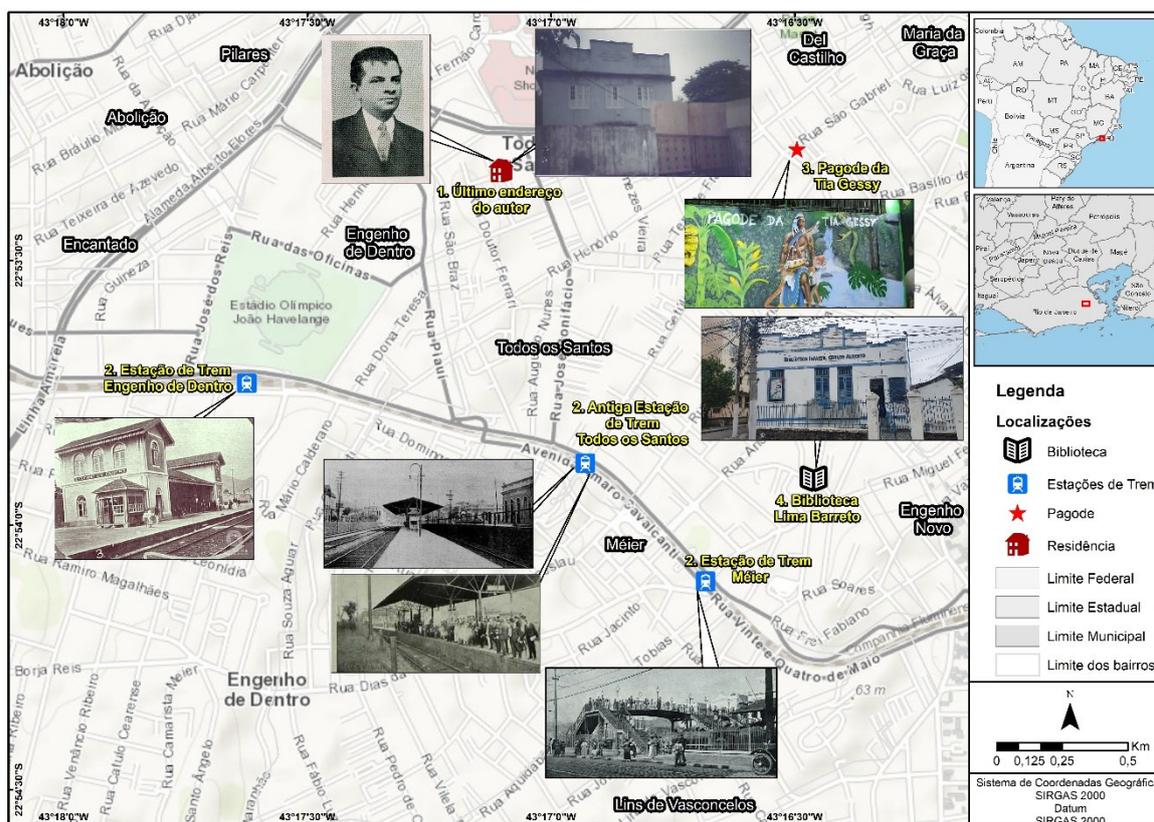
Mas, outras obras, como suas crônicas apresentam registros incríveis sobre o Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, como por exemplo o texto *As enchentes*,¹⁸² texto de 1915, o autor aborda um tema que até hoje nos afeta, as chuvas que inundam diversas partes da cidade, denunciando a falta de vontade dos administradores em resolver o problema, e aqui termino com sua fala: “Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social”.¹⁸³

A atividade pretende apresentar o autor, suas obras e outra historicidade do seu lugar, não só o subúrbio carioca, mas a cidade do Rio de Janeiro. Agora podemos explorar o mapa!

¹⁸² RESENDE, 2017, p. 45-46.

¹⁸³ *Op. Cit.*, 2017, p. 46.

Mapa 1: Pelos caminhos de “Clara dos Anjos” de Lima Barreto



Fonte: Saliba e autora (2021).

4.3.2 Os pontos de referência do mapa – Região Grande Méier

O recorte geográfico estabelecido na proposta pedagógica, assim como os pontos de referência foram definidos, a partir de escolha pessoal ao utilizar o romance *Clara dos Anjos* como elemento central da pesquisa e também pela trajetória da vida pessoal do autor, que residiu por quase duas décadas nesta região do subúrbio carioca, entre os anos de 1903 e 1922.

Casa – Vila Quilombo

Trecho do romance *Clara dos Anjos* que descreve a rua que a protagonista residia:

Era uma rua sossegada e toda ela, ou quase toda, edificada ao gosto antigo do subúrbio, ao gosto do chalet. A rua em que estava situada a sua casa desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma.¹⁸⁴

¹⁸⁴ BARRETO, 2019, p. 64.

Diário íntimo: 14 de setembro de 1913

Mudei-me ontem, 13-9-13, da casa em que vivi quase dez anos, à rua Boa Vista, 76, Todos os Santos. Lá entrei com uma nomeação no bolso e com muito pouco dinheiro. Nesta entrei sem um vintém na algibeira, tendo recebido antes seiscentos mil-réis. Já é progresso. Major Mascarenhas, 42.

Foto 1: Casa da Rua Boa Vista, 76 – atual Rua: Elisa de Albuquerque



Casa da Rua Boa Vista, 76 (hoje Elisa de Albuquerque), em Todos os Santos, subúrbio do Rio de Janeiro, onde Lima Barreto escreveu os seus primeiros romances (estado atual). Foto: J. Casal.

Fonte: (SANTOS, André Luiz dos Santos. A Casa dos loucos. Rio de Janeiro. Quântica, 2015).¹⁸⁵

¹⁸⁵ O Prof. Dr. André Luiz dos Santos pesquisou o autor Lima Barreto, o livro citado foi resultado da sua dissertação de mestrado defendida na área de Literatura, na Uerj. Um dos focos de sua pesquisa foram as casas que o autor residiu no subúrbio carioca, a última casa que Lima Barreto morou ainda estava edificada, o pesquisador entrou com uma ação para o tombamento da casa, no início dos anos 2000, mas a prefeitura não concordou e como vemos nas imagens postadas, a seguir, o terreno da última residência atualmente é um condomínio.

Foto 2: Atual casa no antigo endereço da Rua Boa Vista, atual Elisa de Albuquerque, 76.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Foto 3: Casa da Rua Major Mascarenhas, 26, 42 – Vila Quilombo – Nesta rua o autor morou em mais de uma casa (1913-1918)



Fonte: Santos (2015).

Foto 4: Casa da Rua Major Mascarenhas, 26, 42 – Vila Quilombo – Nesta rua o autor morou em mais de uma casa (1918-1922)



Fonte: Santos (2015).

Foto 5: Atual condomínio construído no terreno das antigas casas da rua Major Mascarenhas, 26



Fonte: Acervo pessoal da autora.¹⁸⁶

4.3.3 Proposta pedagógico-curricular (I)

No ensino fundamental, a proposta pedagógica refere-se o seu uso no 9º (nono ano) seguindo a unidades temática, “Primeira República e suas características contestações e dinâmicas da vida cultural no Brasil entre 1900 e 1930”, enquadrado na competência, **(EF09HI05)** Identificar os processos de urbanização e

¹⁸⁶ No terreno da última casa de Lima Barreto temos atualmente o condomínio Renovare – Foto: 5.

modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

No Ensino Médio, seguindo as orientações da BNCC, considero a referência do meu trabalho uma importante ferramenta para o desenvolvimento da seguinte habilidade: **(EM13CHS206)** Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.¹⁸⁷

Atividade 1: Os docentes podem abordar a crescente urbanização no Brasil, em especial na nova capital, integrando essa discussão com as reformas urbanas da Primeira República.

- a) Aula expositiva sobre a chamada Reforma Pereira Passos, ampliando essa discussão para além das mudanças no centro da cidade com a abertura das avenidas, Beira Mar, Rodrigues Alves e Central.
- b) Através do uso e de mapas antigos, encontrados em sites como o do arquivo nacional,¹⁸⁸ os alunos podem analisar o processo de expansão demográfica nos arrabaldes da cidade, com a reflexão sobre suas mudanças e permanências na região dos subúrbios cariocas.

Atividade 2: Oficina – “Memória das Casas”

- a) Na primeira parte os alunos, com o uso das imagens e da localização do mapa, fariam um trabalho comparativo entre as casas do período de Lima Barreto e de hoje, refletindo sobre os fatores dessas mudanças ou possíveis permanências.
- b) Na segunda parte, o docente pode propor que em grupo, os discentes construam uma cronologia das casas de suas famílias, com fotos, desenhos a partir de relatos de seus pais, avós formando uma exposição das muitas formas de moradia no tempo e nos lugares.

¹⁸⁷ BRASIL, 2018.

¹⁸⁸ Na página há álbuns com temas diversos, como mapas do acervo iconográfico do Arquivo Nacional: <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/36951725370/in/album-72157684516454803/>

1. Estações ferroviárias – Méier, Engenho de Dentro, Todos os Santos –

Romance *Clara dos Anjos*

Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhas, morros, travessas, grotas, ruas, saía gente, que se encaminha para a estação mais próxima, alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Cachambi, em Jacarepaguá [...]. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. [...].¹⁸⁹

Crônica *A Estação*

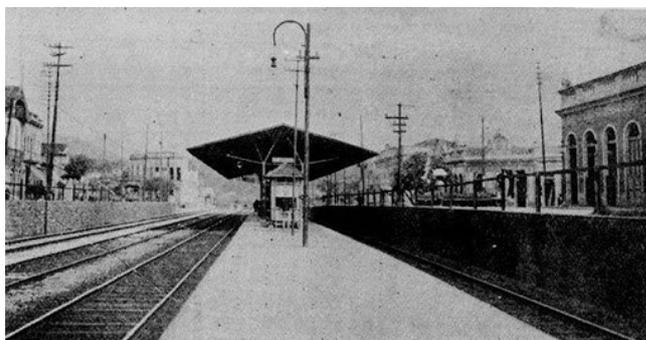
Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida. Antigamente, quando ainda não havia por aquelas bandas jardins e cinemas, era o lugar predileto para os passeios domingueiros das meninas casadoras da localidade e dos rapazes que querem casar, com vontade ou sem ela.¹⁹⁰

Foto 6: Foto antiga da estação do Méier



Fonte: <https://diariodorio.com/historia-do-meier-o-orgulho-do-suburbio-e-dos-suburbanos/>.

Foto 7: Foto antiga da estação de Todos os santos

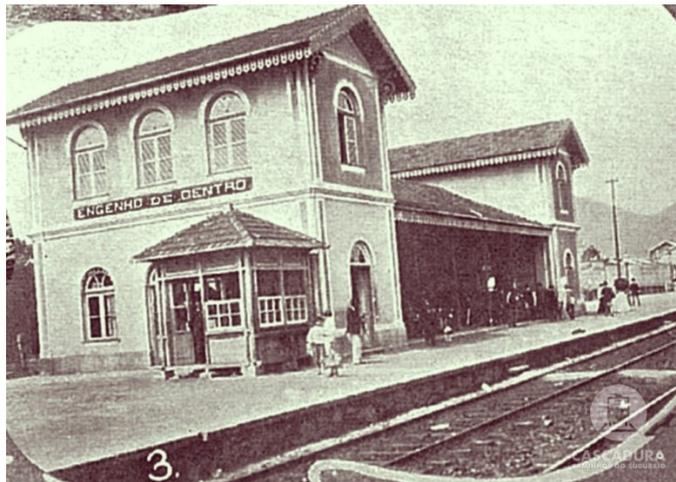


Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_linha_centro/todos.htm

¹⁸⁹ BARRETO, 2019, p. 187-188.

¹⁹⁰ RESENDE, 2017, 190.

Foto 8: Foto antigo do bairro Engenho de dentro



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/caminhosdecascadura/9811780693/in/photostream/>

Foto 9: Atual estação do Méier (I)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Foto 10: Foto atual da extinta estação de Todos os Santos



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Foto 11: Atual estação do Engenho de Dentro



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A região das estações continua relevante para os bairros da chamada Central, na área do Engenho Dentro foi construído um conglomerado cultural-esportivo que contempla o estádio olímpico Nilton Santos, o Museu do Trem, o Museu Olímpico e uma grande área de lazer para os moradores da região. Como podemos ver nas imagens abaixo:

Foto 12: Praça do trem e adjacências (I)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Foto 13: Praça do trem e adjacências (II)

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Foto 14: Praça do trem e adjacências (III)

Fonte: Acervo pessoal da autora.

4.3.4 Proposta pedagógico-curricular (II)

No ensino fundamental a proposta pedagógica refere-se o seu uso no 9º (nono ano) seguindo a unidade temática,

Experiências republicanas e práticas autoritárias: as tensões e disputas do mundo contemporâneo. A proclamação da República e seus primeiros desdobramentos; **(EF09HI01)** Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.¹⁹¹

Atividade 1: Através do material pode-se desenvolver uma discussão acerca do crescimento da atividade industrial no Brasil por meio de uma aula expositiva

¹⁹¹ BRASIL, 2018.

apresentar o chamado surto industrial, que marcou o período das décadas de 10 e 20 do século passado, em especial na região dos subúrbios:

- a) Propor uma pesquisa sobre as fábricas que se estabeleceram nos bairros suburbanos no período, as condições de vida e de trabalho desses operários, destacar as lutas operárias, em especial do movimento anarquista e a repressão do Estado.
- b) O resultado da pesquisa pode ser apresentado através das novas tecnologias, como a produção de um podcast ou a produção de um vídeo.

Atividade 2: Oficina sobre “Sociabilidades Suburbanas” – na crônica, o autor destaca as estações também como lugar de encontro, de namoro. Nas fotos atuais temos a praça do trem no Engenho de Dentro, um destes locais de diversão na região:

- a) A partir da leitura da crônica e das imagens, a professora ou professor pode propor uma produção textual sobre os lugares e momentos de diversão, de lazer dos alunos, se ele ou ela considera que os subúrbios contemplam as suas necessidades, entre outras questões.
- b) Para além de refletir sobre as características do mundo do trabalho do Rio de Janeiro e dos seus subúrbios no início do século XX, a referência e as atividades propostas podem ser utilizadas nas salas de aula para ampliar os conhecimentos históricos dos discentes sobre suas práticas culturais, inclusive com a ressignificação dos espaços, como o citado nas estações, que não eram apenas o lugar da mobilidade para o trabalho, mas também dos encontros e de suas sociabilidades, uma característica que persiste no tempo.

2. Baile de aniversário da Clara dos Anjos – Romance *Clara dos Anjos*

‘A orquestra era composta de flauta, cavaquinho e violão – um terno’, como denominam os seresteiros.

[...] A polca era a dança preferida, e todos quase a dançavam com requebros próprios de samba. Os convidados que não dançavam haviam espalhado por várias partes da casa.¹⁹²

¹⁹² BARRETO, 2019, p. 131-133.

Crônica *Bailes e divertimentos suburbanos*

[...] O baile, não se é, era ou foi, uma instituição nacional, mas tenho certeza de que era profundamente carioca, especialmente suburbano.

Na escolha da casa, presidia sempre a capacidade da sala de visitas para a comemoração coreográfica das datas festivas da família. Os construtores das casas já sabiam disso e sacrificavam o resto da habitação à sala nobre [...].

Hoje, porém, as casas mingam em geral, e, especialmente, na capacidade dos seus aposentos e cômodos. Nas salas de visitas das atuais mal cabem o piano e meia mobília, adquirida a prestações. [...].

Por isso entre a gente média os bailes estão quase desaparecendo dos seus hábitos; e, na gente pobre, eles ficaram reduzidos ao mínimo de um concerto de violão ou a um recebido de sócio de um clube dançante na vizinhança, onde as moças vigiadas pelas mães possam piruetar em salão vasto.¹⁹³

Foto 15: Os Batutas (1919)



Fonte: Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_musica/mas1186446.pdf. Acesso em: 4 nov. 2021.

Acima, temos uma das formações musicais dos bailes que marcavam a cena cultural do Rio de Janeiro no período de Lima Barreto. Na foto temos um dos maiores músicos do Brasil, Pixinguinha, o terceiro da esquerda para a direita com

¹⁹³ RESENDE, 2017, p. 169-170.

a flauta, um dos instrumentos citados no romance como parte tradicional do terno, violão, flauta e cavaquinho.

Nos divertimentos atuais dos subúrbios cariocas destaco uma das mais tradicionais rodas de pagode, o da Tia Gessy, que acontece numa casa antiga, no bairro do Cachambi, por mais de 40 anos. A chamada Tia Gessy, uma mulher negra, organiza e comanda esse espaço de encontros, música e diversão, além de se manter como um importante centro de resistência de cultura preta, expressa na musicalidade e valorização das religiões de matriz africana. Como podemos ver nas imagens abaixo:

Foto 16: Tia Gessy



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Foto 17: Pagode da Tia Gessy (I)



Fonte: Acervo pessoal da autora

Foto 18: Roda de Samba – Pagode da Tia Gessy (II)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Foto 19: Roda de Samba – Pagode da Tia Gessy (III)



Fonte: Acervo pessoal da autora

Foto 20: Pagode da Tia Gessy (IV)



Fonte: Acervo pessoal da autora

4.3.5 Proposta pedagógico-curricular (III)

A atividade pedagógica possui como público-alvo, o 9º ano.

A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição. Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações; **(EF09HI03)**. Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados. **(EF09HI04)** Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.¹⁹⁴

Atividade 1- “Negras e Negros no pós-abolição – Inserção e exclusão na sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX”:

a) A partir do exemplo do Pixinguinha, músico citado na referência, os docentes podem propor a construção de um painel acerca de personagens negros, homens e

¹⁹⁴ BRASIL, 2018.

mulheres que se destacaram nas diversas áreas no Brasil do período, em especial o Rio de Janeiro.

b) Os professores devem estimular a pesquisa nas diversas áreas, como na literatura, na música, no jornalismo, na medicina, possibilitando a construção de uma exposição que demonstre que apesar das muitas dificuldades de inserção social e econômica dos negros no Brasil pós-abolição, muitos resistiram e conseguiram construir trajetórias profissionais e pessoais que se destacaram. Um exemplo pouco conhecido da própria região, é o médico Dias da Cruz, nome da principal rua do Méier, o mesmo foi um homem negro, reconhecido, com uma carreira muito importante.¹⁹⁵

No ensino médio, a abordagem desta referência pode ser utilizada como uma aula temática que proponha uma maior valorização da cultura negra no Rio de Janeiro e no Brasil, seguindo as propostas da BNCC

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.¹⁹⁶

Atividade 2: “O Samba e as religiões de matrizes africanas – símbolos da resistência!” Um dos ritmos marcantes na cultura carioca e suburbana é o samba, suas origens estão intimamente ligadas às práticas religiosas africanas. A proposta pretende promover uma reflexão sobre como esses elementos, também representam formas de resistência ao racismo, a exclusão, a inferiorização da cultura negra.

a) Os docentes podem iniciar a pesquisar, a partir de Oxóssi, o orixá representado no pagode da Tia Gessy, na tradição iorubá é a divindade da caça e das matas, um herói do seu povo, que com apenas uma flecha teria abatido um pássaro que os ameaçavam.¹⁹⁷ Uma história mitológica que pode ser utilizada na reflexão acerca do papel do samba na cultura brasileira, a prática dos negros e negras de se reunir para dançar, com batuques e cantos, origem da expressão samba,¹⁹⁸ que

¹⁹⁵ Na página na rede social Instagram *Embaixada do Méier* temos uma postagem relacionada ao médico Francisco Dias da Cruz, segue o link: https://www.instagram.com/p/CEQF_prp5fl/?utm_source=ig_web_copy_link

¹⁹⁶ BRASIL, 2018.

¹⁹⁷ SOUZA, João. M. OXÓSSI: O herói de uma flecha só. *Revista Mosaico*, v. 13, p. 57-63, 2020.

¹⁹⁸ O termo Samba aparece acompanhado de muitas explicações acerca de sua origem. Como afirma Nei Lopes em um dos capítulos do seu livro “O Negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical” sobre a palavra, *Um nome e dez conceitos*.

inicialmente era um momento de confraternização e não um gênero musical, no decorrer do século XX tornou-se o símbolo cultural do Brasil. Assim como a flecha de Oxóssi, o samba rompeu muitas barreiras, e até nossos dias se apresenta como uma das nossas principais expressões culturais.

b) Através de uma pesquisa sobre os principais orixás, da tradição iorubá, analisar não especificamente os ensinamentos místicos dessas tradições, mas os ensinamentos e tradições deste povo para nós brasileiros, diante da sua contribuição devido à diáspora iorubá, assim como demonstrar a relação do samba e as religiões de matriz africana. A proposta deve promover esse embasamento através da pesquisa acerca das origens do ritmo e de como no decorrer do tempo tornou-se uma expressão artística nacional.¹⁹⁹

c) O resultado da pesquisa pode ser um dos projetos bimestrais de turmas de Ensino médio e culminar em exposições de imagens, elaboração de história em quadrinhos (HQ) sobre os “heróis” da mitologia iorubá, apresentações artísticas, como músicas e danças, relacionadas ao tema, entre outros formatos de ferramentas pedagógicas.

3. Apreço por sua Biblioteca e seu projeto de Instrução Pública

Romance *Clara dos Anjos*

[...] Dessa biblioteca, nunca se separou; e, conquanto já bebesse, com o tempo, os desgostos e a miséria atraíam-no mais para o álcool, [...].²⁰⁰

Crônica *Continuo...*

O governo do Brasil, tanto imperial como republicano, tem sido madrasta a esse respeito.

[...]

Se há alguma coisa a fazer em instrução que não seja a de fabricar doutores, é extinguir todos os colégios militares e o Pedro II, criando por todo o Rio de Janeiro liceus, ao jeito

¹⁹⁹ Algumas referências para os docentes e discentes: LOPES, N. *História e Cultura Africana e Afro-brasileira*. São Paulo: Barsa, 2008.; LOPES, N. *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido alto, calango, chula e outras cantorias*. Rio de Janeiro. Pallas, 1992.; POLI, I. *Antropologia dos orixás: a civilização iorubá a partir dos seus mitos, seus orixás e sua diáspora*. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. No site da Biblioteca Nacional há uma exposição sobre os 100 anos do samba, segue o link: <http://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/ai-ai-ai-cem-anos-o-samba-faz/origens-do-samba-a-influencia-das-dancas-de-umbigada/>

²⁰⁰ BARRETO, 2019, p. 201.

dos franceses, para moças e rapazes, de forma que os favores do Estado alcancem todos.²⁰¹

A preocupação com a formação acadêmica foi uma constante na vida de Lima Barreto, seus pais possuíam uma educação acima da média para a sociedade brasileira e a valorização do saber, do conhecimento também foi uma marca do autor. Na sua última casa suburbana, chamada Vila Quilombo, ele construiu uma importante biblioteca e em diversos dos seus textos e personagens esse lugar aparece com destaque, a mesma tinha até nome, chamava-se *Limana*. Uma outra preocupação em muitas das suas crônicas era com a educação pública, ainda muito restrito aos mais pobres e, principalmente, às mulheres. No Méier, há uma biblioteca pública que o homenageia, fundada em 1952, atualmente funciona na Rua Rio Grande do Sul, nº 83, junto com a Biblioteca Infantil Carlos Alberto.

A fundação da Biblioteca Lima Barreto contou com a participação de seus familiares, na primeira foto temos ao centro, a sua irmã e um retrato do autor, além do seu grande biógrafo Francisco de Assis Barbosa, o último da foto a direita, um dos responsáveis pela preservação e divulgação de sua obra no cenário literário do Brasil. Na segunda, temos os três irmãos de Lima Barreto, Evangelina, Carlindo e o caçula Eliézer, todos continuaram a viver na região da Central.

Foto 21: Inauguração da Biblioteca Lima Barreto – Méier (1952) (I)



Fonte: Arquivo da Biblioteca Infantil Carlos Alberto (BICA).

²⁰¹ RESENDE, 2017, p. 48-49.

Foto 22: Irmãos de Lima Barreto na inauguração da biblioteca em sua homenagem - Méier (1952) (II)



Fonte: Arquivo da Biblioteca Infantil Carlos Alberto (BICA).

No romance *Clara dos Anjos* o autor dedica-o à memória da sua mãe, demonstrando na sua escrita a preocupação com o futuro das mulheres, em especial as negras. Sua irmã Evangelina, não teve o destino infeliz de Clara e de outras meninas negras, formou-se professora como a mãe, nunca se casou e boa parte de sua vida dedicou-se a dar aulas de piano, morreu em 1956. Um destino que por seus textos, o autor desejava que fosse a regra e não uma exceção!²⁰² Abaixo temos imagens sobre esse importante espaço cultural para a região do grande Méier:

Foto 23: Biblioteca Infantil Carlos Alberto



Fonte: Acervo pessoal da autora.

²⁰² SCHWARCZ, 2017, p. 501.

Foto 24: Biblioteca Escolar Lima Barreto (I)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Foto 25: Biblioteca escolar Lima Barreto (II)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

4.3.6 Proposta pedagógico-curricular (IV)

Na última referência do mapa e do trabalho considero relevante como proposta de trabalho no espaço escolar voltado para o ensino médio, a produção de biografias e narrativas históricas mobiliza a articulação entre o indivíduo e a sociedade no processo de construção dos sujeitos históricos no ensino de história. Assim, possibilita no espaço escolar a percepção aos alunos sobre o processo de construção do conhecimento histórico e o papel dos sujeitos históricos presentes nestas narrativas, tanto dos subúrbios quanto na cidade do Rio de Janeiro. Como afirma Alberti:

Nas últimas décadas do século XX, historiadores e cientistas sociais têm chamado atenção para a relação entre biografia e história, no processo de compreensão e de produção de conhecimentos sobre o passado. Não se trata mais de privilegiar a biografia de ‘grandes homens’ e o registro de seus ‘grandes feitos’ como exemplos a serem seguidos pelos estudantes e cidadãos em geral, mas de tomar a trajetória de indivíduos, comuns ou não, como exemplos do que foi possível constituir em determinadas sociedades e períodos da história.²⁰³

Enquadrando-se nas seguintes propostas da BNCC:

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.²⁰⁴

Atividade 1: Biografias e o Ensino de História

a) A partir do pressuposto metodológico de um maior significado dos sujeitos, a proposta didática pretende que alunos do ensino médio, com o apoio teórico dos seus professores de história, construam biografias no decorrer de um bimestre. No trabalho, o objetivo é que a partir da pesquisa sobre o biografado, os alunos percebam das múltiplas historicidades presentes em nosso cotidiano, as influências dos movimentos históricos nas vidas individuais.

²⁰³ ALBERTI, V. *Biografias dos avós: uma experiência de pesquisa no ensino médio*. Usos do Passado – Encontro regional de História – ANPUH, 2006, p.1.

²⁰⁴ BRASIL, 2018.

b) A escolha do biografado será individual, mas deverá seguir os seguintes critérios: ser alguém de sua família, com mais de 50 anos e morador dos subúrbios. O discente-pesquisador construirá sua biografia a partir de múltiplas fontes, tais como fotos, documentos oficiais, entrevistas, relacionando a trajetória pessoal do biografado com o contexto histórico.

Atividade 2: “Círculo do Livro”

a) Na referência 4, o professor pode promover um passeio-aula a uma biblioteca, pode ser a da própria escola, a citada ou a mais próxima de sua unidade escolar. Apresentar o espaço e/ou reforçar a importância do lugar, voltado para sua vida acadêmica, assim como para a diversão. Após a visita, propor que os alunos escolham e levem ao menos um livro para a leitura, a partir daí pode se organizar um “Círculo do Livro” na turma, onde os estudantes vão trocar a cada semana os livros escolhidos, no rodízio semanal. Uma das obras selecionadas será apresentada ao grupo, com informações básicas, como o autor, o enredo e principais personagens.

Conclusão

A minha dissertação defende uma maior estreiteza entre os campos da literatura e o ensino de história, com o intuito de tornar o processo de apropriação do conhecimento histórico nas salas de aula mais significativo e representativo. A partir deste pressuposto escolhi a literatura de Lima Barreto como uma das mais relevantes, em especial o romance *Clara dos Anjos*. Na obra, o autor reflete e descreve como poderia ser a vida de uma menina negra criada no subúrbio carioca, no início do século XX, a partir dos elementos das suas experiências e características que o mesmo percebia como inerentes àquela sociedade.

A compreensão dessa realidade se dá através da representação construída na narrativa de um escritor que viveu aquela atmosfera, e que em seu romance desenvolveu uma história, onde muitas questões e problemas da sociedade do seu tempo são descritos, analisados, tornando-se uma importante fonte para os pesquisadores da contemporaneidade. Dentre os temas e denúncias expressas elencados pelo autor destaco o racismo, as condições precárias de vida dos pobres, em especial a situação das mulheres negras, periféricos suburbanos apartados de direitos plenos na capital, o Rio de Janeiro, que se modernizava na república recém proclamada do Brasil.

Para nós historiadores, os autores literários e suas narrativas podem nos conceder indícios de outras temporalidades e com um caráter mais sensível, ao expressar sentimentos, sensações, traçadas no enredo da trama, possibilitando mais vivacidade às discussões históricas também presentes nos textos. A riqueza do texto literário de Lima Barreto possibilita ao campo epistemológico do ensino de história um universo imaginário, mas carregado de evidências, de marcas de veracidade, com temáticas e saberes tão relevantes para o nosso presente.

A narrativa, como procedimento metodológico, na história, se apropriou de maior relevância nas últimas décadas, como afirma Peter Burke,²⁰⁵ se regenera. Com uma maior presença dos sujeitos no processo de construção dos conhecimentos históricos, não exatamente como em séculos anteriores, onde predominava os relatos dos grandes eventos, dos grandes personagens. O retorno da narrativa na história se caracteriza pelas múltiplas histórias de sujeitos, grupos

²⁰⁵ BURKE, 1991.

sociais, que também agora estão representados num conhecimento histórico mais plural, diverso e encarnado.²⁰⁶

No campo do ensino de história, o narrar, contar uma história, caracteriza uma importante estratégia no espaço escolar. Relatar uma outra experiência de tempo, do passado, perguntado por questões do presente se integra nas práticas pedagógicas da área. Segundo Rüsen,²⁰⁷ um dos estudiosos que analisam o tema, é neste elo, do passado, presente e futuro, possível através da narrativa histórica, o que possibilita maior sentido para os alunos acerca das transformações temporais.²⁰⁸

No trabalho confirmo minha proposta de um ensino mais representativo ao escolher Lima Barreto, com destaque para seu romance *Clara dos Anjos*, pelo autor e seu livro. O sujeito Afonso Henriques, cuja história de vida foi marcada por muitos obstáculos, um homem negro, órfão de mãe ainda criança, que precisou reestruturar seus projetos pessoais, por conta da doença do pai, sofreu com o racismo, a loucura e o alcoolismo, mas que foi capaz de construir uma literatura essencial para a cidade e o Brasil.

Dentre essas experiências de vida do autor e dos temas que destaca no romance citado, a minha pesquisa reforçou a importância de análise e reflexão sobre o processo de modernidade excludente que caracterizou o Rio de Janeiro, no alvorecer do século XX, além de historicizar um lugar muito próximo dos meus alunos, os subúrbios cariocas, no ensino de história. A capital da jovem república brasileira floresce, acompanhada de um galopante crescimento econômico e demográfico.

As transformações sociais e econômicas, do Rio de Janeiro, do período analisado na pesquisa e narrado por Lima Barreto foram acompanhadas de uma crescente desigualdade. O enriquecimento da capital não foi compartilhado pela maioria da população, uma das inquietações do autor, presente no romance e suas crônicas. Os especialistas acadêmicos que utilizo na minha pesquisa, tais como José Murilo de Carvalho,²⁰⁹ Maurício Abreu²¹⁰ e Nelson Nobrega Fernandes,²¹¹ assim como o escritor, analisam as péssimas condições de vida dos trabalhadores, a

²⁰⁶ BURKE, 1991, p. 346-347.

²⁰⁷ RÜSEN, 2001.

²⁰⁸ RÜSEN, 2001, p. 63.

²⁰⁹ CARVALHO, 2016.

²¹⁰ ABREU, 2006.

²¹¹ FERNANDES, 2011.

desigualdade presente nas políticas públicas entre os bairros elegantes, como Botafogo e dos populares, como os dos subúrbios cariocas.

As discussões, apresentadas no capítulo 2 sobre a cidade e seus subúrbios, no início do século XX possibilitará aos alunos, no campo do ensino de história, a reflexão sobre uma outra temporalidade, mas também sobre possíveis continuidades e/ou rupturas nas relações entre o poder público e seus lugares. Assim, proponho a importância de se estudar, pesquisar com maior aprofundamento a história do lugar, a partir dos procedimentos metodológicos desenvolvidos pelo Prof. Dr. Joaquim Justino dos Santos.²¹²

Além da história do lugar e da importância dos subúrbios, um outro tema decisivo para o ensino de história, e também central na obra e trajetória pessoal de Lima Barreto, é a questão do racismo, por conseguinte, na minha dissertação e nas atividades pedagógicas propostas enfatizei a importância de se historicizar o racismo no Brasil, com o intuito de desnaturalizá-lo, ao promover a reflexão que este é uma construção histórica, e a sociedade pode empreender ações para superá-lo. Entender como ele se faz presente no ensino, no mundo do trabalho, nas relações políticas e sociais, pode ser o caminho para o Brasil deixar de ser racista.

Dessa forma, no decorrer do capítulo 3 apresento os dados que confirmam o racismo, sua historicidade, mas também a história do movimento negro, que por décadas se organiza e luta por uma sociedade que efetive a integração de negros e negras, num país onde prevaleça a igualdade racial e de gênero. Através dos trabalhos de Flávio Gomes,²¹³ Petrônio Domingues,²¹⁴ Jerry Dávila,²¹⁵ Nilma Lino Gomes,²¹⁶ analisei esses processos históricos que marcaram e acompanharam a história da nossa república.

A superação do racismo no Brasil relaciona-se com mudanças nos projetos educacionais do nosso país, e destaco que algumas ações caminharam por uma maior valorização das tradições e saberes africanos, inclusive no ensino, como afirmo ao analisar a primeira Lei nº 10.639/2008, que o tornou obrigatório. Em 2008, integrou também os conhecimentos dos povos indígenas, através da medida legal nº 11.645/2008, no entanto, ainda há uma longa caminhada.

²¹² SANTOS, 2002.

²¹³ GOMES, 2013.

²¹⁴ DOMINGUES, 2013.

²¹⁵ DÁVILA, 2005.

²¹⁶ GOMES, 2017.

Dentro dessa perspectiva, finalizo o meu trabalho com a proposição de um ensino de história que valorize o sujeito e o seu lugar, o que nos possibilita enaltecer múltiplos conhecimentos, espaços e experiências, inclusive possíveis conexões com o mundo da chamada diáspora africana, ao analisar o trabalho de Grada Kilomba²¹⁷ ao romper com uma educação que por séculos priorizou o padrão de conhecimento branco e europeu.

No capítulo 4 a reflexão deste tema na minha pesquisa tem como um dos objetivos que é a construção de uma escola que não continue a legitimar e reforçar práticas racistas rompendo com uma educação que por séculos priorizou o padrão de conhecimento branco e europeu. Nas últimas décadas tivemos um avanço no processo de combate ao racismo na educação com o número crescente de pesquisas que abordam o tema, a própria legislação, rechaçando a chamada visão da “democracia racial” que ainda prevalece no Brasil, onde o tema do racismo e a necessidade da sua superação se apresenta cada vez mais cristalizado, em distintos espaços sociais, nas escolas, nas universidades, nas mídias.

Como afirmava Lélia González,²¹⁸ é preciso deixar a *crioulada* se ver representada na história, na cultura. E, assim, é importante e necessária essa exposição da presença positiva das heranças africanas nos múltiplos espaços como na literatura. Desse modo, no caso do meu trabalho destaco os escritos do autor negro e periférico Lima Barreto que também defendia um maior destaque para as ações e tradições povo negro para o Brasil.

A cartografia histórica literária que transita pelos caminhos de *Clara dos Anjos* através do romance de Lima Barreto agrega as discussões e reflexões propostas na pesquisa desenvolvida. O produto pedagógico ressalta a importância do autor e da sua literatura para o ensino, em especial para o Rio de Janeiro e para uma educação mais democrática e antirracista, valorizando o conhecer e os saberes da região suburbana da cidade, com destaque para os de herança africana. Assim, se propõe a reflexão sobre a ação dos sujeitos, integrados aos processos históricos que caracterizam as ações humanas em sociedade.

No mais, deixo como contribuição a produção do mapa e da cartografia histórica literária como uma ferramenta pedagógica para que outros docentes se apropriem de um projeto de ensino de história capaz de promover uma maior

²¹⁷ KILOMBA, 2019.

²¹⁸ GONZÁLEZ, 1984.

consciência crítica entre os educandos, tendo como um dos principais objetivos ser um material que favoreça a consolidação de uma educação mais democrática e antirracista.

Referências bibliográficas

ABREU, M. *et al.* (org). *Ensino de História – Conceitos temáticos e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ABREU, M. de A. *Escritos sobre espaço e história*. In: FRIDMAN, F.; HAESBAERT, R. (org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

ABREU, M. de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2006.

ADDOR, Carlos A. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora: Dois Pontos, 1986, p. 51.

ALBERTI, V. *Biografias dos avós: uma experiência de pesquisa no ensino médio*. Usos do Passado – Encontro regional de História – ANPUH, 2006, p.1-7.

ALBERTI, V. *Manual de História Oral – 3. ed.* – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALBERTI, V. *Ouvir contar, textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ALBUQUERQUE JUNIOR., D. M. *História: a arte de inventar o passado: Ensaios de teoria da história*. Bauru: Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. Regimes de historicidade: como se alimentar de narrativas temporais do ensino de História. In: MONTEIRO, A. M. F. C. *et al.* *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história*. Rio de Janeiro: MauadX Editora, 2017, p. 21-42.

ALMEIDA, Sílvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento 2018.

ALMEIDA, D. P. de. *Esse Cabelo*. São Paulo: Casa dos Mundos, 2018.

AZEVEDO. A. A. *Da Monarquia à República. Um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906*. 2003. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

BARRETO, L. *Clara dos Anjos*. Coleção. 1. ed. São Paulo: Coleção Penguin & Cia das Letras, 2012.

BARRETO, L. *Diários Íntimos*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2020. Acesso em: 7 dez. 2021.

BARRETO, L. *Histórias e sonhos*. São Paulo. Expressão e Cultura, 2001. (Coleção Páginas amarelas).

BAUDALAIRE, C. *Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna*: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENCHIMOL, J. L. *Pereira Passos: Um Haussmam tropical. A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. *Lei Federal nº. 10.639/2003*. Brasília: MEC/SECAD, 2003.

BURKE, P. (org.). *A escrita da História – Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CARVALHO, J. M. *A formação das Almas – O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, J. M. *Os Bestializados: a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CERQUEIRA, R. C. *Lima Barreto e os caminhos da loucura. Alienação, alcoolismo e raça na virada do século XX*. 2002. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

CERRI, L. F. *Ensino de História e consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHALHOUB, S. *Cidade Febril – Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo. Cia das Letras. 1996.

CHALHOUB, S. C. *Trabalho, lar e botequim – O Cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

DANTAS, C. V.; MATTOS, H.; ABREU, M. *O Negro no Brasil – trajetórias e lutas em dez aulas de história*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

DÁVILA, J. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. Tradução de Cláudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ENDERS, A. *A História do Rio de Janeiro*. Tradução de Joana Angélica d’Ávila Melo. 3. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2015.

FERNANDES, N. da N. *O rapto ideológico da categoria subúrbio – Rio de Janeiro 1858/1945*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N. (org.). *O Brasil republicano – o tempo do liberalismo excludente da proclamação da República à revolução de 1930*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

- FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- FERREIRA, M. de M. *et al.* (coord.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.
- FONSECA, M. V.; SILVA, C. M. N.; FERNANDES, A. B. *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2011.
- GOMES, N. L. Educação, Raça e Gênero. *Cadernos pagu*, n.6-7, p. 67-82, 1996.
- GOMES, N. L. *O movimento negro educador: saberes construídos pela luta da emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GOMES, F. dos S; DOMINGUES, P. (org.). *Políticas da Raça – Experiências e Legados da Abolição e da Pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2014.
- GOMES, F. dos S; DOMINGUES, P. *Da nitidez e invisibilidade: Legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- GONÇALVES, M. A. R. Diversidade: A cultura afro-brasileira e a lei 10639/2003. In: SOUZA, M. E. V. S. (org.). *Relações raciais no cotidiano escolar: Diálogos com a lei n.10639/2003*. Rio de Janeiro: Rovel, 2013.
- GONZALEZ, L. A Categoria Política Cultural da Amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92-93, p. 69-82, jan./jun. 1988.
- GONZALEZ, L. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. *Revista Ciências Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- HARTOG, F. A arte da Narrativa Histórica. In: BOUTIER, J.; JULIA, D. (org.) *Passados recompostos*. Campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998.
- HARTOG, F. Ordens do tempo, regimes de historicidade. In: HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 17-41.
- HOOKS, B. *Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. de M. *et al.* (org.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006. p. 43-62.
- JACCOUD, L.; BEGHIN, N. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília. IPEA, 2002.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, M. *Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções, muitos caminhos*. In: MAGALHÃES, M. S. et al. (org.) *Ensino de História*. Usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014. p. 53-76.

LOPES, N. *História e Cultura Africana e Afro-brasileira*. São Paulo: Barsa, 2008.

LOPES, N. *O Negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical – Partido Alto, Calango, Chula e outras cantorias*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

MARTINS, S. A. E. P. Thompson e a educação: A Socialização como experiência. *Revista HISTEDBR*, Campinas, n. 59, p. 304-317, out. 2014.

MENEGUELO, C. *Continuidade e ruptura*. In FERREIRA, M. de M. et al. (coord.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

MENEZES, L. M. *Os indesejáveis: desclassificados da Modernidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996

MONTEIRO, A. M. Didática da História e teoria da história: produção de conhecimento na formação de professores. In: DALBEN, A. et al. (org.). *Convergências e tensões no campo da formação de professores e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Didática e Prática de Ensino).

MONTEIRO, A. M. et al. (org.). *Pesquisa em Ensino de História – Entre desafios epistemológicos e apostas políticas*. Rio de Janeiro. Mauad X; Faperj, 2014.

PESAVENTO, S. J. História & Literatura. Uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevo*, Debates, posto online no dia 28 janeiro 2006. DOI : 10.4000/nuevomundo.1560. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso: 20 jun. 2019.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. *ASPHE/FaE/UFpel*, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003,

POLI, I. *Antropologia dos Orixás – a civilização iorubá a partir de seus mitos, seus orixás, seus orikis e sua diáspora*. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

PRADO, A. A. *Literatura comentada: Lima Barreto*. São Paulo: Abril, 1980.

RENA, A. A cartografia e a pesquisa literária: do gabinete às comunidades e às ruas. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 22, n. 44, p. 21-30, 1º quadrimestre de 2018.

REZENDE, B. Em defesa de Clara dos Anjos. In: BARRETO, L. *Clara dos Anjos*. 1. ed. São Paulo: Penguin & Cia das Letras, 2012. p. 9-24.

RESENDE, B. *Lima Barreto – Cronista do Rio*. Autêntica, Rio de Janeiro, 2017.

RIBEIRO, F. G.; COSTA, C. S. *O Racismo institucional e seus contornos na educação básica*. *Revista da ABPN*, v. 10, p. 392-408, nov.2017/fev.2018.

ROMANELLI, O. de O. *História da Educação Brasileira*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

RÜSEN, J. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão [1993]. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. de R. (org.). *RÜSEN, Jörn e o ensino de História*. Curitiba: Editora UFPR, 2010. p. 93-108.

RÜSEN, J. *Razão Histórica – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SANTOS, A. L. dos S. *A Casa dos loucos*. Rio de Janeiro. Quântica, 2015

SANTOS, J. J. M. dos. *História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas do nível médio e fundamental*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 9, n. 1, p. 105-124 jan./abr. 2002.

SILVA, C. R. R.; LUZIO, J. *Educação e pesquisa na desconstrução do racismo no Brasil*. (in)LIMA, Emanuel (org.). *Ensaio sobre os racismos – Pensamento de Fronteira*. São José do Rio Preto: Balão Editorial, 2019, p. 30-31.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHMIDT, M. A. et al. (org.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

SCHEFEL, M. V. *O Ideal da idade do ouro na escrita de Lima Barreto*. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 87-51, jul./dez. 2013. 2013, p. 90.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M. *Lima Barreto: um triste visionário*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

SEEMANN, J. Entre mapas e narrativas: Reflexões sobre as Cartografias da Literatura e a Ordem das coisas. *R. Ra'e Ga*, Curitiba, v.30, p.85-105, abril/2014.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão – Tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, N. Troca de Elite. Publicado em 30 set. 2007. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais. São Paulo, 2007.

SOUZA, J. M. OXÓSSI: O herói de uma flecha só. *Revista Mosaico*, v. 13, p. 57-63, 2020.

SOUZA, M. E. V. S. (org.). *Relações Raciais no Cotidiano Escolar: Diálogos com a Lei N. 10639/2003*. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

THOMPSON. E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros – Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON. E. P. *Os Românticos – A Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TREECE, D. Candeia, o projeto Quilombo e a militância antirracista nos anos de 1970. *Revista do Instituto dos estudos brasileiros*, n.70, 2018. 0 166-188.

VITORINO, A. J. R. Os Sonhos dos Tipógrafos na Corte Imperial. *In: BATALHA, C. H. M.; SILVA, F. T.; FORTES, A. (org.). Culturas de Classe*. São Paulo: Editora Unicamp, 2004.